

Aline Gevaerd Krelling

**OFICINAS DE CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS INVENTADAS:
EXPERIMENTAÇÕES EM UMA PESQUISA EM
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Grau de Doutor(a) em Educação.
Orientador: Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Krelling, Aline Gevaerd
Oficinas de criação de histórias inventadas :
experimentações em uma pesquisa em Educação Ambiental
/ Aline Gevaerd Krelling ; orientador, Leandro
Belinaso Guimarães, 2018.
182 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa
de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Educação Ambiental. 3. Infância. 4.
Cotidiano escolar. I. Guimarães, Leandro Belinaso.
II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Aline Gevaerd Krelling

**OFICINAS DE CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS INVENTADAS:
EXPERIMENTAÇÕES EM UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor(a)” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2018.

Prof. Elison Antonio Paim, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Leandro Belinaso Guimarães, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Eduardo Silveira, Dr.
Instituto Federal de Santa Catarina

Prof^a. Gilka Elvira Ponzi Girardello, Dr^a.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Marcos Antonio dos Santos Reigota, Dr.
Universidade de Sorocaba

Prof^a. Sílvia Nogueira Chaves, Dr^a.
Universidade Federal do Pará

AGRADECIMENTOS

Esta tese é, sem dúvida, fruto de uma construção coletiva minha, das crianças e de muitas pessoas que fazem parte da minha vida. Ela não se concretizaria sem o apoio, o carinho, os conselhos, a dedicação e a amizade de vocês. Muitas pessoas talvez nem saibam e nem irão ler esse trabalho, mas fazem parte da minha formação e por isso contribuíram de alguma forma para a sua realização.

Dedico este trabalho às crianças do Centro Educacional Municipal Governador Vilson Kleinubing que brincaram e inventaram histórias junto comigo. Sem o encantamento despertado em mim a partir dos nossos encontros e pelas narrativas disparadas pelas oficinas de criação de histórias inventadas, certamente esta escrita teria sido impossível.

Ao meu querido orientador, Leandro Belinaso Guimarães, por acreditar em mim e me auxiliar a transformar meus despropósitos numa pesquisa acadêmica. Obrigada pela orientação tranquila, pela segurança e confiança depositada em mim, pela amizade sincera. Por me desestabilizar muitas vezes, me inspirar e ampliar meu olhar.

Agradeço às pessoas mais importantes da minha vida. Sem vocês eu não estaria aqui escrevendo estas linhas. À minha mãe, que sempre acreditou nos meus sonhos, apoiando-me incondicionalmente, e que com suas habilidades artísticas tem me ajudado a concretizar minhas pesquisas desde a graduação. À minha vó, por todo o seu amor e dedicação. E a toda a minha família, que mesmo não compreendendo muito o que eu faço, sempre me apoiaram.

Ao meu amor, Gui, pelo carinho e companheirismo sincero, mesmo nos momentos mais difíceis. Pelos gestos de afeto e cuidado comigo. Obrigada por todos os momentos que já vivemos juntos e pelas muitas alegrias que ainda iremos compartilhar agora com a chegada do Joaquim.

Aos queridos amigos, que de perto ou de longe sempre estão presentes. Obrigada a todos vocês por existirem na minha vida!

Um agradecimento muito especial a todos(as) que me ajudaram diretamente na realização deste trabalho. Às professoras do 4º. ano e à diretora do Centro Educacional Municipal Governador Vilson Kleinubing pelo apoio e acolhida, por me permitir fazer parte deste rico cotidiano escolar. À Larissa, que me acompanhou durante todas as oficinas, que com seu sorriso aberto e toda a sua dedicação e amor pelas crianças contribuiu para que essa pesquisa se tornasse possível. Ao Coletivo Tecendo pelas discussões sempre tão potentes e inspiradoras. À FAPESC,

por me oportunizar uma bolsa de pesquisa ao longo de três anos do meu doutorado.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-graduação em Educação, em especial, Gilka Girardello, Marlene Dozol e Dulce Cruz, pelas ricas leituras e discussões em sala de aula. Aos professores e professoras que participaram da banca de qualificação, Claudio Moraes da Silva, Eduardo Silveira, Gilka Girardello, Marcos Reigota e Sílvia Chaves pela leitura atenta e sugestões inspiradoras ao meu texto final.

A contribuição de todos(as) vocês foi essencial no meu crescimento como pesquisadora, como pessoa.

Muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa de Doutorado *em* educação ambiental *com* crianças aconteceu *no* cotidiano de uma escola pública municipal localizada na região Sul do Brasil e operou com os conceitos de narrativa, imaginação e brincadeira. Uma pesquisa que apostou nas narrativas como potencializadoras de pensamentos e afetos, que proliferou modos de estimular as crianças a contar histórias no espaço escolar. Durante onze semanas fui ao encontro de uma turma de crianças de 4º. ano do ensino fundamental para contar/ouvir/criar histórias. Estas oficinas-encontro, nomeadas de “oficinas de criação de histórias inventadas”, foram pensadas como espaços de experimentação que se (re)inventaram a cada história compartilhada. Selecionei criteriosamente livros variados endereçados às crianças que inspiraram e atuaram na composição destas oficinas, para com eles pensar nas possibilidades de criação narrativa que podem surgir em um conjunto de oficinas aberto à experimentação e assim, inventar um outro modo de falar do ambiente, de pensá-lo como um campo de relações quase infinitas. Com as narrativas criadas pelas crianças, pude me aventurar por entre escritas imaginativas brincantes, que me permitiram não só corporificar os conceitos que nortearam esta investigação como mobilizar pensamentos para pensar esta pesquisa, que defende a necessidade de oportunizarmos as melhores condições para que a imaginação infantil possa ser cultivada e para que autoria narrativa infantil possa germinar. As histórias inventadas pelas crianças podem nos contar muito de seu universo, através do narrar podem expressar, criar e compartilhar mundos possíveis que habitam com a sua imaginação. Quando as crianças têm a oportunidade de explorarem sua própria autoria narrativa, elas podem refletir e dar sentido à própria experiência.

Palavras-chave: Infância. Educação Ambiental. Imaginação. Brincadeira. Narrativa.

ABSTRACT

This doctorate research *in* environmental education *with* children happened *into* the everyday of a public municipal school located in the Brazil southern region, and operated with the concepts of narrative, imagination and plays. One research that gambled on the narratives as thoughts and affection potentializers, and proliferated the possible ways to stimulate children to story tell in the school space. During eleven weeks I met a group of 4th grade of fundamental school to tell/listen/create histories. These workshop-meetings, named “invented histories creation workshops”, were planned as experimentation spaces that (re)invented themselves at each shared history. Several books were selected with criterion, addressed to the children that inspired and acted in the composition of these workshops, to think with them about the possibilities of narrative creation that can emerge from a set of workshops open to experimentation, and invent another way of speak about the environment, and to think about it as a field of almost infinite relationships. In possession of the narratives created by the children, I could venture into the playful imaginative writings, that allowed me not only to embody the concepts that guide this investigation, as to mobilize thoughts to think about this research, that defends the necessity of create opportunities to assure better conditions where the child’s imagination could be cultivated, and where the child author narrative could germinate. The invented histories by the children can tell us a lot about their universe, and through the narrative they can express themselves, create and share possible worlds that inhabits with their imagination. When the children have the opportunity to explore their own author narrative, they can reflect about it and give a sense to their own experience.

Keywords: Childhood. Environmental Education. Imagination. Plays. Narrative.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1 CAPÍTULO I - UMA HISTÓRIA QUE SE TRANSFORMOU EM TESE	15
1.1 A revelação de um segredo	15
1.2 Era uma vez	18
1.3 Um passeio pelos conceitos	26
1.3.1 Sobre a criação de histórias inventadas em diálogo com Walter Benjamin	32
2 CAPÍTULO II - AS OFICINAS DE CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS INVENTADAS	37
2.1 Os caminhos trilhados	37
2.2 Tateando uma noção artística de experimentação	39
2.3 Desvelando o processo de criação das oficinas	43
2.4 O local da pesquisa e as crianças narradoras	61
3 CAPÍTULO III - OS ENCONTROS COM AS CRIANÇAS EM NARRATIVAS BRINCANTES	67
3.1 O diário como atuante na pesquisa	67
3.2 As narrativas brincantes	69
4 CAPÍTULO IV - EXPERIMENTAÇÕES ENTRE ESCRITAS IMAGINATIVAS BRINCANTES	117
4.1 Escritas imaginativas brincantes com palavras inventadas ...	118
4.2 Escritas imaginativas brincantes com lugares e sensações ...	124
4.3 Escritas imaginativas brincantes com imagens e histórias	129
4.4 Uma coletânea de histórias inventadas	138
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS - PENSAMENTOS MOBILIZADOS ENTRE ESCRITAS IMAGINATIVAS BRINCANTES	163
REFERÊNCIAS	171
APÊNDICE A: Termo de Assentimento	179
APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	180
APÊNDICE C: Roteiro das Oficinas	182
APÊNDICE D: Glossário de palavras inventadas	188

APRESENTAÇÃO

Enfim, nasceu minha tese de doutorado... Foram cinco anos de pesquisa, de emoções sentidas, de entrega e também de um momento de afastamento necessário. Não foi fácil chegar até aqui, muitos caminhos foram trilhados. Porém, chego ao final desse ciclo com uma enorme satisfação. Esse trabalho não foi para mim apenas o cumprimento do requisito necessário para a obtenção do grau de doutora em Educação. Trago a essas páginas muito do que eu sou, do que eu acredito.

Início o processo de escrita com uma história criada por mim no momento em que escrevia as primeiras linhas do projeto que submeti à seleção ao doutorado e que considero como ponto de partida desta pesquisa. Esta narrativa abre o primeiro capítulo da tese, intitulado “Uma história que se transformou em tese”, em que procuro localizar o(a) leitor(a) apresentando os três pilares que a sustentam: a pesquisa *com* crianças *no* cotidiano escolar *em* educação ambiental. Em seguida, busco demarcar os principais conceitos que me guiam e orientam esta escrita: a narrativa, a imaginação e a brincadeira; procurando, principalmente, evidenciar como eles atuam na pesquisa.

O segundo capítulo, intitulado “As oficinas de criação de histórias inventadas”, desvela os bastidores da pesquisa. Ao longo de suas páginas narro os percursos metodológicos, apresentando a noção artística de experimentação operada no processo de criação e realização das oficinas. Além disso, também apresento o local da pesquisa e as crianças narradoras que tornaram tudo isso possível.

No terceiro capítulo, intitulado “Os encontros com as crianças em narrativas brincantes”, discuto a perspectiva do diário como atuante na pesquisa. Em seguida, aventuro-me em uma reinvenção dos registros presentes em meu diário através da criação de narrativas brincantes sobre cada um dos encontros que tive com as crianças.

Já no quarto capítulo, intitulado “Experimentações entre escritas imaginativas brincantes”, lanço-me a um processo de criação e experimentação com as histórias produzidas pelas crianças durante nossos encontros. Surgem assim, três narrativas, que nomeio de escritas imaginativas brincantes, e uma coletânea de histórias inventadas.

Por fim, trago para fechar esta tese os pensamentos mobilizados com as escritas imaginativas brincantes para pensar a pesquisa *com* crianças *no* cotidiano escolar *em* educação ambiental. Busco refletir sobre o que podem nos ensinar estas histórias, levantar outros questionamentos e principalmente, permitir a você leitor(a), que o seu olhar dispare pensamentos outros.

Espero que a leitura deste trabalho seja saboreada e experienciada por todos(as) que se aventurarem a fazê-la. Boa leitura!

1 CAPÍTULO I - UMA HISTÓRIA QUE SE TRANSFORMOU EM TESE

1.1 A revelação de um segredo

O que vocês diriam se eu lhes contasse que numa bela noite de luar, enquanto eu contemplava a infinitude do céu nas mágicas dunas da praia da Joaquina (Florianópolis-SC), deparei-me com uma situação bastante inusitada, ou melhor dizendo, fantástica. Primeiro desceu do céu, em uma escada coberta de flores, vestindo uma camisola branca que refletia a luz da lua, o menino do dedo verde (Maurice Druon, 2008)¹. Segundos após a sua monumental descida, chega correndo como quem acaba de roubar um vento, com seu chapéu de marinheiro e peixes saindo do bolso, o menino que carregava água na peneira (Manoel de Barros, 1999)². Foi quando, após um clarão de luz vindo do céu, surgiu sorrindo no seu belo manto azul coberto de estrelas, o Pequeno Príncipe (Antoine de Saint-Exupéry, 1994)³.

“A lua gosta das pessoas que passeiam de noite”³ e lhes proporciona bonitos espetáculos, por vezes, fabulosos e incompreensíveis. Não acreditei no que acabara de ver, esfreguei os olhos e olhei novamente. “Olhava pois essa aparição com olhos redondos de espanto”³, e diria também, de encantamento. Curiosa sobre o que estava acontecendo, permaneci imóvel e em absoluto silêncio para contemplar o encontro entre aqueles três misteriosos meninos. “Quando o mistério é muito impressionante, a gente não ousa desobedecer”³. Todos carregavam em suas feições uma expressão preocupada, reflexiva.

Após um breve período de silêncio, que me pareceu uma eternidade tamanha a minha ansiedade em saber o que estava acontecendo, o Pequeno Príncipe, em um suspiro de desapontamento exclamou: “Todas as pessoas grandes foram um dia crianças. Mas poucas se lembram disso”³. Os outros dois meninos balançaram a cabeça parecendo concordar com a afirmação do príncipzinho, que se pôs a divagar sobre a importante questão: “As pessoas grandes adoram os números. Quando a gente lhes fala de um novo amigo, elas jamais se informam do essencial. Não perguntam nunca: ‘Qual é o som da sua voz? Quais os brinquedos que prefere? Será que ele coleciona borboletas?’ Mas

¹ As referências às obras aparecem apenas na primeira vez em que forem citadas. Para não tornar o texto cansativo, devidos as inúmeras citações, optei apenas por numerar os trechos retiradas das obras: O menino do dedo verde (1), O menino que carregava água na peneira (2) e O Pequeno Príncipe (3).

perguntam: ‘Qual a sua idade? Quantos irmãos tem ele? Quanto pesa? Quanto ganha seu pai?’ Somente então é que elas julgam conhecê-lo³’.

O menino do dedo verde, também conhecido pelo nome de Tistu, complementou dizendo que: “As pessoas grandes teimam em sustentar as suas ideias pré-fabricadas”¹. E parecendo extremamente angustiado com estas tais ideias afirmou: “As ideias pré-fabricadas são ideias mal fabricadas, e as pessoas grandes [...] não sabem, por mais que o pretendam, de onde foi que viemos, por que estamos aqui e o que devemos fazer neste mundo”¹. Nisso, o menino que carregava água na peneira, “que era ligado em despropósitos”², disse que “gostava mais do vazio do que do cheio”². “Falava que os vazios são maiores, e até infinitos”². O que pareceu fazer muito sentido para Tistu e o príncipezinho.

Aqueles três meninos, de corações tão sensíveis, pareciam estar realmente muito preocupados com as atitudes das pessoas grandes. Falavam sobre os rumos que a humanidade vinha tomando, com o descuido com as coisas que realmente importam. “Quando a gente acaba a toailete da manhã, começa a fazer com cuidado a toailete do planeta”³, disse o Pequeno Príncipe após auxiliar o menino que carregava água na peneira a “montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos”².

Extasiada com tudo que estava vendo e ouvindo apurei os ouvidos para escutar a história que o príncipezinho lhes contava: “Eu conheço um planeta onde há um sujeito vermelho, quase roxo. Nunca cheirou uma flor. Nunca olhou uma estrela. Nunca amou ninguém. Nunca fez outra coisa senão somas. E o dia todo repete [...]: ‘Eu sou um homem sério!’ e isso o faz inchar-se de orgulho. Mas ele não é um homem; é um cogumelo!”³.

Tistu, contou-lhes sobre o Sr. Trovões, um homem que também é muito sério e preocupado com a ordem. Para ele “o mais importante numa cidade é a ordem. [...] Sem a ordem, uma cidade, um país, uma sociedade não passam de um sopro e não podem sobreviver. A ordem é uma coisa indispensável. E, para manter a ordem, é preciso punir a desordem!”¹. O menino que carregava água na peneira “viu que podia fazer peraltagens com as palavras”² e perguntou a Tistu o que era a ordem para ele? “É quando a gente está contente”¹, respondeu delicadamente. E o que é a desordem? Continuou a questionar. É a guerra, respondeu Tistu.

Lembrando de momentos em que a ordem esteve ameaçada, Tistu lhes contou a história da guerra entre os Voulás e os Vaitimboras. “Numa guerra, todo mundo perde alguma coisa. A guerra seria a maior, a mais terrível desordem que há no mundo, pois cada um perde aquilo que mais estima”¹. Felizmente, a guerra entre os Voulás e os Vaitimboras não se

concretizou, a ordem foi reestabelecida e Tistu pode voltar a ficar contente.

Um longo período de silêncio estabeleceu-se entre eles. Certamente, pensavam nas muitas histórias de guerras que conheciam e que não tiveram um final feliz como a que Tistu presenciou. Os três meninos pareciam compreender um ao outro apenas com o olhar. De repente, o silêncio foi rompido pela voz do menino do dedo verde: “Os homens são muito tolos ao procurar se prejudicarem uns aos outros, como fazem constantemente”¹. “As pessoas grandes, como já disse, têm ideias preestabelecidas e nunca imaginam que possa existir outra coisa além daquilo que já sabem”¹. “De vez em quando surge um cavalheiro que revela um pedaço do desconhecido. Começam por lhe rir na cara. Algumas vezes levam-no para a cadeia, porque ele perturba a ordem do Sr. Trovões. Mais tarde, quando descobrem que tinha razão e já está morto, erguem-lhe uma estátua. É o que se chama um gênio”¹.

Buscando tornar mais leve aquele encontro em que se discutiam assuntos da mais alta importância, o menino que carregava água na peneira, peralta que só, “fez uma pedra dar flor!”². O que inspirou o Pequeno Príncipe em seu pensamento: “Os homens cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim... e não encontram o que procuram...”³ “No entanto o que eles buscam poderia ser achado numa só rosa, ou num pouquinho d’água...”³ “Mas os olhos são cegos. É preciso buscar com o coração...”³. Tistu, também inspirado pelo menino que fazia prodígios, complementou: “Uma flor que cresce é uma verdadeira adivinhação, que recomeça cada manhã. Um dia ela entreabre um botão, num outro desfralda uma folha mais verde que uma rã, num outro desenrola uma pétala...”¹.

Mais um momento de silêncio instaurou-se. Os três meninos contemplavam a beleza da flor que crescia em meio à areia branca. Ao lembrar de sua rosa e desejar retornar ao seu encontro o Pequeno Príncipe lhes falou: “A gente só conhece bem as coisas que cativou (...). Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos”³. E o menino do dedo verde compartilhou seus pensamentos: “Estou pensando que o mundo podia ser bem melhor do que é”¹. Os três meninos concordavam que precisavam fazer alguma coisa, mas sabiam que de nada adiantaria dizer às pessoas grandes que elas estavam fazendo tudo errado. Era preciso que aprendessem sozinhas. Resolveram que estava na hora de lhes revelar o segredo da raposa.

“É preciso que todos saibam”¹, argumentou Tistu, mas como lhes contar o segredo? Essa era a questão que os atormentava. O menino que

carregava água na peneira falou que “com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira”². Os três meninos comunicaram-se mais uma vez apenas com o olhar. Eles já sabiam a resposta. Resolveram lançar o segredo ao vento. Assim, ele poderia se espalhar por todos os cantos deste imenso planeta azul. Algumas pessoas grandes o compreenderiam, outras não. E talvez, aquelas que o compreendessem pudessem, através das palavras, escrever histórias como a destes três meninos e contribuir para que o segredo se espalhasse ainda mais.

Nisso uma forte rajada de vento me obrigou a fechar os olhos para protegê-los da areia. Quando os abri novamente não encontrei mais os três meninos. Eles haviam desaparecido... Provavelmente foram embora da mesma forma como surgiram: o menino do dedo verde devia ter subido por sua escada florida, o Pequeno Príncipe seguido com uma estrela cadente que passava por ali e o menino que carregava água na peneira saiu correndo com o vento. Caminhei em direção ao local onde havia ocorrido esse misterioso encontro e não havia ali nenhum sinal de suas presenças, até a flor desaparecera. Mas, quando olhei atentamente para a areia, vi escrita a seguinte mensagem: “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos”³.

....

Sonho, delírio, possivelmente... “É claro que sonho é sonho, e não devemos dar aos mesmos uma importância exagerada. Mas ninguém pode evitar os sonhos” (DRUON, 2008, p. 31). O que realmente importa foi o que ficou deste encontro, presenciado por mim através de um sonho ou não: a vontade de querer mergulhar nos universos da literatura e da infância. De entregar-me à história desses três meninos e às muitas outras histórias contadas por meninos e meninas que vivenciam o cotidiano de nossas escolas. Para pensar: o que podem nos ensinar essas histórias? E foi assim que tudo começou.

1.2 Era uma vez ...

Uma pesquisa de doutorado que reflete muito do que eu sou e do que eu acredito. Um tema de pesquisa que me movimenta e me acompanha desde o fim da graduação em Ciências Biológicas, quando me aventurei em minha primeira contação de histórias para crianças. Uma escrita permeada de desejos, alguns realizados, outros que precisaram ser deixados de lado por diferentes circunstâncias.

Desde a infância, encanto-me pelo potencial das histórias, seja através do texto escrito ou da oralidade. Assim, a paixão pelos livros, o fascínio pelo universo da infância e o desejo de trilhar novos caminhos na educação me motivaram a desenvolver uma pesquisa de mestrado, que encontrou na poesia de Manoel de Barros a inspiração para pensar que talvez seja possível ver o mundo de outras formas, inventar mundos, fugir das representações já tão naturalizadas e, assim, acionar outras possibilidades de experienciá-lo (KRELLING, 2011).

Com o desejo de aprofundar algumas questões (e possibilitar outras) decidi continuar trilhando meus caminhos (muitas vezes marginais) pela educação, aventurando-me, mais especificamente, em uma nova pesquisa estruturada a partir de três pilares: a pesquisa *com* crianças *no* cotidiano escolar *em* educação ambiental. Assim, cria-se uma tese de doutorado que aposta nas histórias como potencializadoras de pensamentos e afetos, que busca proliferar modos de estimular as crianças a contar histórias no espaço escolar.

Há histórias que nos marcam profundamente, acompanhando-nos ao longo de nossas vidas. A cada releitura elas transformam-se, trazem-nos novos ensinamentos, disparam novos pensamentos, pois a cada releitura somos outros, diferentes daqueles que éramos quando nos encontramos pela primeira vez com a história que nos encantou. As histórias desses três meninos, personagens da abertura desta tese, encantam-me, movimentam-me e acompanham-me. Uma delas, O menino do dedo verde de Maurice Druon, desde minhas primeiras leituras na infância; O Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupéry, desde os tempos de adolescência; e O menino que carregava água na peneira de Manoel de Barros, conheci mais recentemente, já na fase adulta. Esses três escritores são para mim pessoas grandes que certamente compreenderam o segredo da raposa e tentaram transmiti-lo através de suas obras. Essas três histórias, esses três meninos, vêm ensinando-me muito sobre a infância, mas, principalmente, sobre a vida, pois como nos fala Garcia (2002, p. 08) “as crianças [...] em seu brincar, em seu trabalhar, em seu viver vão tecendo conhecimentos sobre o mundo e sobre si mesmas”.

Na infância há uma maior receptividade com as coisas que são consideradas como naturais, há mais comunhão com as coisas primeiras. A criança sente, vivencia, experimenta cada emoção, cada contato com a terra, com as árvores, com os bichos, enfim, com o mundo. Em suas obras, Maurice Druon, Antoine de Saint-Exupéry e Manoel de Barros descrevem a infância como o tempo ideal, o tempo das descobertas, do contato e comunhão com a natureza, em que tudo se torna belo e a simplicidade

passa a ter valor, a merecer destaque e atenção por parte desses autores. Essa ideia, que pode ser tida por muitos como uma visão romântica e idealizada da infância, é permitida aos escritores que não se preocupam em conceituá-la e limitá-la segundo um referencial teórico. Trata-se de uma invenção, que se entrelaça aqui com outros referenciais que me (des)orientam.

Larrosa (2001, p. 282) traz a imagem da infância como figura do acontecimento. Para o autor “o acontecimento é talvez a figura contemporânea do *álteron*, do que escapa a qualquer integração e a qualquer identidade: o que não pode ser integrado, nem identificado, nem compreendido, nem previsto”. A infância como acontecimento leva-nos a refletir sobre que educação estamos praticando com nossas crianças. O autor nos fala que é preciso “pensar a transmissão educativa não como uma prática que garanta a conservação do passado ou da fabricação do futuro, mas como um acontecimento que produz o intervalo, a diferença, a descontinuidade, a abertura do porvir. (LARROSA, 2001, p. 285)

Segundo Gomes (2008), a entrada na escola parece, de certa forma, podar a criatividade das crianças, ao inserir atividades que visam aproximá-las do universo adulto, mais prático e objetivo do que o da brincadeira, ou o da literatura. Inspirada por Guimarães (2009), tenho aprendido que é preciso praticar uma educação ambiental com crianças que não seja apenas contar algumas histórias sobre o mundo. Mas também, criar mundos, disparar a imaginação, deixar-se adentrar às inventividades tecidas pelas crianças a partir do nosso trabalho educativo.

É claro que estaria sendo ingênua e romântica em acreditar que a infância é uma época somente de felicidades e encantamentos. Muitas crianças têm deixado de viver cada vez mais cedo suas infâncias. Outras infâncias não são tão belas... “Vivemos num momento em que a infância vem sendo mais e mais encurtada, seja pela mídia, seja pela miséria e pela contravenção.” (GARCIA, 2002, p. 09). A mesma autora, no título de seu artigo, nos fala: “Todas são crianças... mas são tão diferentes...” (*ibid.*, p. 09).

Desta forma, é preciso reconhecer que não há uma única infância, ou um único jeito de ser criança. Segundo Buckingham (2007, p. 08) “a ideia de infância é uma construção social, que assume diferentes formas em diferentes contextos históricos, sociais e culturais”. Por isso, não há a preocupação aqui em conceituar e delimitar uma ideia de infância. Quero apenas, através destes e de outros referenciais que me (des)orientam, justificar a importância que vejo em realizarmos nossas pesquisas acadêmicas *com* as crianças e não apenas *sobre* elas.

Segundo Zanco (2010, p. 19), “pensar em realizar a pesquisa com as crianças é considerá-las e valorizá-las como sujeitos atuantes inseridos na sociedade, com suas especificidades e seus saberes”. Honorato (2006) nos fala que:

Pesquisar com crianças é uma forma significativa de produção de conhecimento acerca da infância e seus diversos modos de ser e agir em diferentes tempos-espacos. [...] uma pesquisa que propõe a criação de espaços de narrativa entre crianças com a participação do adulto-pesquisador, precisa partir do pressuposto de que a criança é sujeito em interação com o meio, sujeito que se apropria da realidade em que está imerso, mas também contribui com seu olhar e sua forma para o entendimento desta realidade. (HONORATO, 2006, p. 02 e 12).

Alguns estudiosos da Sociologia da Infância (como Gabriela de Pina Trevisan e Manuel Jacinto Sarmento, além de Walter Benjamin) tem me auxiliado com importante aporte teórico para pensar este novo paradigma no estudo da criança. Nesta perspectiva, as crianças são pensadas como produtoras de culturas próprias e esta “definição implica deixar de ver a criança por aquilo que ainda não é, por aquilo que ainda não faz mas, sim, por aquilo que já é e por aquilo que já faz” (TREVISAN, 2007, p. 44). Assim, as múltiplas tarefas realizadas cotidianamente pelas crianças, nos diferentes espaços que habitam, passam a ganhar importância em nossas pesquisas (SARMENTO, 2000), bem como as diferentes formas como elas dão sentidos aos fatos e acontecimentos de suas vidas, que nesta pesquisa serão pensadas a partir das histórias que elas têm para nos contar.

Mobilizada por estes autores busco, nesta pesquisa, reforçar essa noção das crianças como sujeitos sociais e culturais, além de ressaltar a importância de oportunizar-lhes tempos e espaços para que contem suas histórias. Segundo Girardello (2003) é ouvindo histórias e contando as suas próprias histórias que as crianças aprendem a tecer narrativamente sua experiência, e ao fazê-la vão constituindo-se como sujeitos culturais. Acredito que a escola é um ambiente muito propício para oportunizar momentos de contação, de criação e compartilhamento de histórias e é neste *espaçotempo* (OLIVEIRA e ALVES, 2008), no cotidiano escolar, que esta pesquisa se insere.

Em geral, este é um dos lugares em que as crianças passam a maior parte de seu tempo e onde desenvolvem grande parte de suas atividades cotidianas. A escola, da qual muitos falam, segundo as pesquisadoras Alves e Garcia (2000), é tida a partir de uma ideia extremamente reducionista que ignora o que acontece e se cria nesse espaço/tempo² de ensino e aprendizagem, de relações de subjetividades, de encontros e desencontros, de socialização. Por isso, Alves (2002, p. 19) nos alerta que “só é possível analisar e começar a entender o cotidiano escolar em suas lógicas, através de um grande mergulho na realidade cotidiana da escola e nunca exercitando o tal olhar distante e neutro”. A pesquisadora afirma ainda que “para apreender a ‘realidade’ da vida cotidiana, em qualquer dos *espaçostempos* em que ela se dá, é preciso estar atenta a tudo o que nela se passa, se acredita, se repete, se cria e se inova, ou não” (ALVES, 2008, p. 21).

Assim, inspirada por autores que desenvolvem suas pesquisas nos/dos/com os cotidianos escolares (Nilda Alves, Inês Barbosa de Oliveira, Carlos Eduardo Ferraço, Regina Leite Garcia), acredito que mergulhar com todos os nossos sentidos é fundamental para refletirmos sobre a escola, ou no caso de minha pesquisa, sobre propostas que se inserem e passam a fazer parte deste cotidiano. “Este é o espaço/tempo da invenção, da surpresa, da complexidade, quer tenhamos olhos para ver, ouvidos para escutar, nariz para cheirar, paladar para degustar, pele para sentir, ou não” (ALVES E GARCIA, 2000, p. 11).

Diante de toda a sua complexidade e dificuldades, Alves e Garcia (2004, p. 11) nos fazem lembrar que “há os que atuam no cotidiano da escola e que lutam por transformá-la em um tempo/espaço de troca, de criação, de relações amorosas e solidárias”. Oliveira e Alves (2008) afirmam que aqueles e aquelas que desenvolvem suas pesquisas nesses cotidianos partem do princípio da necessidade de um trabalho que desenvolva métodos e metodologias complexos e enredados. Por isso, as pesquisadoras reforçam a importância da ampliação do debate, com o aporte de novas contribuições para a pesquisa nos/dos/com os cotidianos escolares e para a tessitura de novas redes de conhecimento. Sobre a importância desta ampliação de debate, Ferraço (2008) ressalta ainda o caráter político dessas pesquisas ao afirmar que “se conhecermos a escola um pouco melhor, também contribuiremos com aqueles que, ao contrário das ações governamentais, se preocupam com os que estão na escola, os

² O termo passou a ser escrito como *espaçotempo* a partir da reedição da obra “Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas”, organizado por Inês Barbosa de Oliveira e Nilda Alves e publicado em 2008.

quais têm um compromisso sério com melhores perspectivas de vida e escolarização para a população brasileira.” (FERRAÇO, 2008, p. 112). Algo que considero crucial principalmente no atual cenário político que estamos vivendo.

Segundo Alcântara (2001, p. 96), existe, pois, “uma fome na alma que também se alimenta da imaginação, do encantamento, do brilho no olhar”, e é essa fome que me move pelo árduo, mas necessário caminho da educação, mais precisamente da pesquisa *no* cotidiano escolar, desejando, mesmo que por uma breve, mas intensa passagem por este *espaçotempo*, contribuir com outros olhares e experiências vivenciadas a partir desta pesquisa. Esta mesma fome, também me mobilizou pela escolha do terceiro pilar que dá sustentação a esta tese, a pesquisa *em* educação ambiental.

O termo “ambiental”, associado à “educação” configura um campo multifacetado, que engloba diferentes perspectivas e práticas bastante diversificadas. Segundo Martha Tristão, “o ‘ambiental’ contido neste termo não se trata apenas de um adjetivo para especificar um tipo particular de educação, mas é um elemento que confere identidade [ou identidades], suscita valores e práticas” (MEC, 2009, p. 99). Valdo Barcelos nos conta que “diferentes pesquisas têm demonstrado que a educação ambiental brasileira é uma das mais criativas e diversificadas do mundo.” (BARCELOS, 2004, p. 89). Porém, nas palavras de Marcos Reigota (2012, p. 29), “se por um lado temos uma grande variedade de práticas que se autodefinem como ‘educação ambiental’, mostrando a sua criatividade e importância, por outro temos práticas muito simples que refletem ingenuidade, oportunidade, confusão teórica e política.” Para não cair em simplismos, creio ser importante refletir sobre a perspectiva de educação ambiental que perpassa essa pesquisa, em diálogo com alguns dos autores(as) que me inspiram (Marcos Reigota, Valdo Barcelos, Leandro Belinaso Guimarães, Eduardo Silveira, Shaula Sampaio, Janice Zanco, entre outros).

Há muitos clichês associados à educação ambiental, ou como diz Barcelos (2008, p. 46), “mentiras que parecem verdades”. Entre elas temos que somente algumas disciplinas estão autorizadas a discutir a educação ambiental e que esta deve ser desenvolvida fora da sala de aula. Reigota (1994) nos fala que:

A escola é um local privilegiado para a realização da educação ambiental, desde que se dê oportunidade à criatividade. Embora a ecologia, como ciência, tenha uma importante contribuição a

dar à educação ambiental, ela não está mais autorizada que a história, o português, a química, a geografia, a física, etc. (REIGOTA, 1994, p. 25).

Acredito ser bastante reducionista a ideia de que as questões ambientais só podem ser trabalhadas em algumas disciplinas. Na companhia de Guimarães, Sampaio e Zanco (2015, p. 28), caminho por “uma educação ambiental mais atenta às diferentes culturas, às narrativas que nos constituem como sujeitos, às políticas da vida cotidiana que necessitamos coletivamente gestar.” Nesta perspectiva, a escola ocupa um importante papel, já que neste espaço práticas pedagógicas são continuamente (re)pensadas. Os autores defendem a importância da ousadia, da abertura a novas formas de pensarmos nossas práticas, que busquem possibilidades de transgressão e criação mesmo em espaços tão institucionalizados como a escola (GUIMARÃES, SAMPAIO e ZANCO, 2015), princípios que carrego comigo e que serão trabalhados mais detidamente no capítulo seguinte em que narro os caminhos metodológicos da pesquisa.

As questões ambientais atuais situam-se entre aquelas que estão a desafiar a sociedade em geral e, a educação, em especial, na busca da construção de conhecimentos que venham a contribuir para o enfrentamento dos graves problemas decorrentes da degradação do ambiente em que vivemos. Nos tempos atuais, novas possibilidades têm surgido como importantes aportes, expandindo as discussões ambientais, que passaram a incorporar novos diálogos com campos como a Filosofia, a Sociologia e a Arte (SILVEIRA, 2009). Este último, é um dos campos que pretendo dialogar mais profundamente, com a dimensão estética da educação, que, segundo Silveira (2009), considera a necessidade de buscar, na ressensibilização do ser humano, através da criação de novos espaços de subjetividade e modos de viver, uma alternativa ao enrijecimento humano que permeia toda a sociedade e se faz presente também no campo educacional.

Assim, ao adentrar na escola desejo propiciar a criação destes espaços de subjetividade através da realização de oficinas de contação e criação de histórias com crianças. Inspirada em Guimarães (2009), esta pesquisa mobiliza-se por um desejo de não apenas dizer como o mundo vem sendo constituído, organizado, controlado, produzido, mas por atuar na proliferação de mundos, de infinitos modos de ver e de estar, sempre instáveis, inusitados, diferentes, disparados através de práticas pedagógicas em que a literatura infantil, a escrita narrativa, serão

provocativas do pensamento sobre as relações socioambientais que tecemos.

São muitas as perguntas que atravessaram meus pensamentos ao longo desses cinco anos de doutorado e que podem ser demarcadas aqui como minhas principais questões de pesquisa: a educação ambiental que viemos praticando com as crianças tem se atentado para as inventividades tecidas por elas no decorrer dos processos pedagógicos que operamos? Que práticas são mais frutíferas para despertar o imaginário infantil? Qual o potencial da literatura, da contação de histórias, na construção de diálogos entre crianças e pessoas grandes? O que as histórias inventadas³ pelas crianças têm para nos contar?

Creio que um dos grandes desafios de nossas pesquisas acadêmicas está na formulação de uma boa pergunta. Sem entrar no mérito do que seria uma boa pergunta, destaco a mutabilidade da mesma, que se modifica ao longo do processo de construção da pesquisa, ganhando novos contornos e desdobramentos. Dessa forma, uma pergunta inicial pode acabar transformando-se em muitas, o que ocorreu no caso desta tese. Algumas nos levam a respostas claras enquanto que outras permanecem no horizonte da pesquisa sem a pretensão de respondê-las. São essas perguntas que nos fazem exercitar o pensamento sobre nosso objeto de pesquisa.

Assim, ao discorrer sobre minhas questões de pesquisa trago também o importante questionamento enunciado por Reigota (2007, p. 55): “estará a educação ambiental, mediante as práticas cotidianas, explicitadas nas teses e dissertações, alterando, modificando, fazendo a diferença no cotidiano escolar?”. Apesar de entender que a produção de conhecimento prescinde de uma aplicação prática, esta é uma importante reflexão que acompanha a elaboração desta pesquisa e que junto às várias questões que me atravessam colocam em movimento esta escrita, que não está interessada nas representações, concepções, percepções das crianças sobre o ambiente, o que é muito frequente nas pesquisas em educação ambiental, mas em produzir pensamentos com as crianças, com as histórias que elas têm para nos contar. Busco praticar uma educação ambiental que não pretenda apenas informar sobre, ensinar sobre, conscientizar sobre, mas potencializar pensamentos, disparar a imaginação, propiciar a alteridade, criar outras leituras de mundo. Será que é possível?

³ Utilizo o termo “histórias inventadas” para me referir às narrativas orais e escritas das crianças que surgem a partir das oficinas que realizei. Falarei mais detidamente sobre elas no próximo tópico deste capítulo.

1.3 Um passeio pelos conceitos

Após esclarecer os três pilares que dão sustentação a esta tese, a pesquisa *com* crianças *no* cotidiano escolar *em* educação ambiental, creio ser importante demarcar os principais conceitos que me guiaram e que agora orientam esta escrita. São eles: a narrativa, a imaginação e a brincadeira. É preciso destacar aqui que cada um destes conceitos abre um portal para uma constelação de ideias, de referenciais teóricos e de possibilidades de composição. Por isso, minha intenção com a escrita deste tópico é a de realizar um passeio por entre estes conceitos, procurando evidenciar como eles atuam na pesquisa.

Trilharemos juntos alguns caminhos, por vezes tortuosos e esburacados, mas em sua maioria tranquilos e fluidos. Assim espero, pois desejo levar o(a) leitor(a) que me acompanha a um passeio leve, com paradas para contemplação, pois não há aqui a intenção de um exaustivo aprofundamento teórico sobre cada um dos conceitos, de esgotá-los em suas múltiplas possibilidades. Acredito que é fundamental termos uma bagagem teórica, mas também é importante saber a hora de largá-la. Por isso, cabe destacar neste início de caminhada que esta decisão não é arbitrária, configurando-se como uma das linhas de composição da pesquisa, uma vez que minha escolha foi de operar com os conceitos, de colocá-los em movimento nas oficinas com as crianças e nas escritas narrativas que surgem a partir delas. Assim, eles entrelaçam-se à e na pesquisa, não atuando isoladamente.

A primeira parada deste passeio nos transporta aos momentos e justificativas que me levaram a escolher a narrativa, a imaginação e a brincadeira para esta composição. A opção pela narrativa foi feita no momento de escrita do projeto de seleção ao doutorado e partiu de meu interesse pessoal nas histórias que as crianças criam e que tanto me afetam, me encantam. Em minha pesquisa de mestrado, as oficinas com/sobre a poesia de Manoel de Barros que realizei dispararam a criação de diversas produções feitas pelas crianças em diferentes linguagens: textos, desenhos, fotografias, teatro de fantoches. Pelo curto tempo de uma pesquisa de mestrado não consegui me apropriar com profundidade de nenhuma dessas produções, por isso, ao pensar na realização de uma pesquisa de doutorado, achei que era o momento de fazer uma escolha. Surge daí a vontade de mergulhar no universo da escrita narrativa.

A opção pelo conceito de imaginação ocorreu ao longo dos primeiros anos de doutorado. Já vinha estudando-o desde o mestrado, mas ainda não tinha feito uma escolha definitiva, pois acabei enamorando-me de outros no caminho, como foi com o conceito de fabulação. Porém, ao

estudar a fabulação um pouco mais detidamente, a partir de textos de Gilles Deleuze, percebi que ela suspende a ideia da narrativa, pois é da ordem do impossível, do inenarrável, das sensações. Assim, acabei abandonando-a e optei pela imaginação por acreditar que ela é mais potente para uma pesquisa que irá lidar com narrativas infantis, pois parto da compreensão das narrativas como espaço de criação imaginativa. Esta relação entre imaginação e narrativa, como argumenta Girardello (1998) é pensada em diversos campos teóricos, da teoria literária à antropologia, da filosofia à psicanálise. Acredito, também, que o conceito de imaginação nos abre mais possibilidades de diálogos com professores e professoras que lidam com essas narrativas cotidianamente. Há de nossa parte (minha e de meu orientador) essa preocupação, diria até política, de que a pesquisa dialogue com o cotidiano escolar, uma vez que se insere neste *espaçotempo*.

A escolha pela brincadeira ocorreu de forma mais espontânea, vinda de minhas reflexões sobre a importância do brincar, do faz de conta, em nossa experiência de nos tornarmos adultos⁴. Sandra Baron (2002) nos convoca a pensar que:

Estar adulto, e razoavelmente autônomo, não é uma situação fácil de se construir. Digo estar adulto, porque o ser adulto supõe o cultivo de um certo estado de ser criança, a criança que brinca, ou seja, experimenta, se atira em direção ao real, explora soluções para os impactos do mundo; a criança que vive, cotidianamente, o mundo da criação. Então, estar adulto é uma condição sempre provisoriamente construída, não uma estabilidade essencial, e inclui, necessariamente, ser criança. (BARON, 2002, p. 64, grifos da autora).

Assim, estando adulta, mas cultivando a criança que existe em mim, tenho me pensado como uma pesquisadora brincante que aposta no potencial da brincadeira na composição de suas pesquisas com as crianças. A brincadeira articula-se aqui à imaginação e à narrativa, pois vejo a escrita de histórias inventadas como um ato de brincar, como uma brincadeira narrativa das crianças. Girardello (1998) nos fala que no “faz de conta” vemos explicitamente essa relação entre os três conceitos, pois

⁴ Me detive a essas reflexões na escrita do capítulo “Construindo paisagens inventadas: um olhar sobre os desenhos infantis” que compõe o livro “ecologias inventivas: experiências das/nas paisagens” (GUIMARÃES *et al.*, 2015).

a brincadeira narrativa do “era uma vez” é também um exercício imaginativo por excelência.

Continuando nosso passeio, após pontuar como estes três conceitos surgem e entrelaçam-se na pesquisa, nosso próximo ponto de parada será em uma breve explanação sobre como venho realizando meu processo de estudo. Decidi estudar os conceitos que me movimentam também de uma forma articulada e não isolada, e para isso escolhi um autor que tem me auxiliado a pensar sobre imaginação, narrativa e brincadeira, principalmente na sua relação com a infância, que é Walter Benjamin. “O fator que mobiliza Benjamin diante da iminência da perda da experiência partilhada através das histórias é o interesse pela criança, que já marcava [...] as suas primeiras reflexões sobre o olhar e a imaginação.” (GIRARDELLO, 1998, p. 50). Para Benjamin, “ao elaborar histórias, crianças são cenógrafas que não se deixam censurar pelo sentido” (BENJAMIN, 2009, p. 70).

Walter Benjamin pode ser visto como o precursor dos atuais estudos da sociologia da infância, que consideram as crianças como produtoras de uma cultura própria, como abordado anteriormente. Em seus textos, Benjamin manifesta que é necessário considerar a singularidade da criança, evidenciando que o que a caracteriza como sujeito é o lugar social que ela ocupa e a atividade principal que ela realiza para sua constituição, o que também, a diferencia do adulto (CAMPOS, 2016). Girardello (1998) nos fala que muitas das preocupações presentes em seus escritos quanto ao papel da narrativa no cotidiano, especialmente na vida das crianças, mantêm-se extremamente atuais. E apenas para exemplificar trago uma de suas belas passagens sobre sua experiência com a leitura literária na infância:

Quanta diferença entre o seu mundo e o dos compêndios escolares, onde, em histórias isoladas, tinha de me aquartelar durante dias e mesmo semanas em quartéis que, no portão de entrada, ainda antes da inscrição, exibiam um número. Quão suave e mediterrâneo era o ar tépido que soprava daqueles livros distribuídos no intervalo. (BENJAMIN, 1987, p. 114).

Santos (2015, p. 226) nos alerta que “todo(a) pesquisador(a) que se ocupe em sintetizar a teoria benjaminiana tem de considerar a sua densidade teórica, epistemológica e estilística”. Tendo plena consciência desta densidade creio ser importante destacar que minha tese não se trata

de um estudo aprofundado da obra de Walter Benjamin, e sim, que recorro a alguns de seus textos para criar diálogos com as ideias que exponho. Para isso, pretendo, ao final deste passeio, aventurar-me pela escrita de um breve ensaio sobre a criação de histórias inventadas em diálogo com alguns de seus textos voltados à infância.

Além de Benjamin, passearemos por outros referenciais teóricos e também literários que tem me auxiliado na compreensão e articulação destes conceitos. Para o estudo da brincadeira tenho me apoiado especialmente em referenciais literários, poéticos, como Manoel de Barros. São muitos os seus versos que me inspiram a pensar sobre a importância do brincar e trago aqui apenas uma singela amostra:

Isto porque a gente foi criado em lugar onde não tinha brinquedo fabricado. Isto porque a gente havia que fabricar os nossos próprios brinquedos: eram boizinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata. Também a gente fazia de conta que sapo é boi de cela e viajava de sapo. Outra era ouvir nas conchas as origens do mundo. (BARROS, 2006, p. 19)

As brincadeiras imaginativas estão bastante presentes na poesia de Manoel de Barros, que nos convida a “pregar a prática da infância entre os homens [e mulheres], a prática do desnecessário e da cambalhota” (AZEVEDO, 2007, p. 13).

Para refletir sobre a imaginação tenho me apoiado na tese de Gilka Girardello (1998) para realizar, como nomeia a própria autora, um sobrevoo pela história deste conceito. A pesquisadora escolheu a narrativa como caminho para investigar a imaginação infantil e a leitura de seu texto lançou-me ao encontro de outros autores caros à minha pesquisa, como foi o belo encontro que tive com a obra “Seis propostas para o próximo milênio” de Italo Calvino. O autor reforça esta forte relação existente entre narrativa e imaginação ao generosamente nos descrever seu processo de escrita:

A primeira coisa que me vem à mente na idealização de um conto é, pois, uma imagem que por uma razão qualquer apresenta-se a mim carregada de significado, mesmo que eu não o saiba formular em termos discursivos ou conceituais. A partir do momento em que a imagem adquire uma certa nitidez em minha mente, ponho-

me a desenvolvê-la numa história, ou melhor, são as próprias imagens que desenvolvem suas potencialidades implícitas, o conto que trazem dentro de si. (CALVINO, 1990, p. 106)

Calvino (1990), ao escrever sobre a “Visibilidade”, apresenta-nos sua definição de imaginação, compreendendo-a como um “repertório do potencial, do hipotético, de tudo quanto não é, nem foi e talvez não seja, mas que poderia ter sido” (CALVINO, 1990, p. 109). Movimentada por esta ideia, tenho apostado na contação de histórias às crianças como uma forma de ampliação desse repertório e de estímulo à sua própria criação narrativa, à criação de histórias inventadas (voltarei a este ponto no ensaio a seguir). Girardello (1998) nos mostra que Italo Calvino, ao falar na importância do estímulo narrativo para a imaginação da criança, está ao mesmo tempo dizendo-nos da criação narrativa enquanto parte da vida de imaginação da criança.

Um outro autor que tem me mobilizado a pensar sobre a narrativa e que também me surgiu de um encontro oportunizado pela leitura da tese de Gilka Girardello é Richard Kearney. Em um de seus capítulos, traduzido pela própria pesquisadora e publicado em uma revista brasileira, Kearney (2012) nos traz em um belíssimo trecho a ligação intrínseca existente entre a narrativa e a vida:

desde a descoberta grega da vida humana (*bios*) como ação significativamente interpretada (*praxis*) até as mais recentes descrições da existência enquanto temporalidade narrativa, existe um perpétuo reconhecimento de que a existência seja inerentemente narrativa. A vida está prenhe de histórias. Ela é um enredo nascente em busca de uma parteira. Porque dentro de cada ser humano existem inúmeras pequenas narrativas tentando escapular. (KEARNEY, 2012, p. 413)

Inspirado pela poética aristotélica na busca de formular um modelo para a narrativa, Kearney (2012) organiza seu texto em cinco subtítulos: enredo (*mythos*), re-criação (*mimesis*), alívio (*catharsis*), sabedoria (*phronesis*) e ética (*ethos*). É na parte dedicada à *mimesis* que vemos a relação entre narrativa e imaginação fortemente presente. Segundo o autor, “*mimesis* é invenção no sentido original do termo: *invenire* significa tanto descobrir *como* criar, ou seja, revelar aquilo que já estava ali à luz do que ainda não é (mas é potencialmente)” (KEARNEY, 2012,

p. 414, grifos do autor). Este poder de recriação presente na narrativa entrelaça-se à ideia de imaginação elaborada na obra de Calvino, de um repertório do potencial, da recriação de mundos possíveis. A narrativa pensada assim, como um espaço de criação imaginativa, como mencionei anteriormente.

Como última parada deste passeio, gostaria de levá-lo(a) ao que considero ser o ponto principal de entrelaçamento entre narrativa, imaginação e brincadeira que proponho em minha pesquisa e que ocorre através da ideia de narrativas ficcionais operada por Marcos Reigota (1999). O pesquisador nos fala sobre o caráter ficcional presente na construção narrativa das histórias que nos interpelam através da cultura. Como o próprio autor enfatiza, “as narrativas não são nem verdades, nem mentiras, mas uma forma criativa [...] de organizar e comunicar situações vividas e imaginadas” (REIGOTA, 1999, p. 80).

Assim, as histórias que contamos aproximam-se da ficção, por mais que a nossa intenção seja de apenas narrar fatos verídicos. O que não significa que, com essa aproximação, uma narrativa expresse de forma incorreta, deturpada ou enganosa os fatos ocorridos. “A sua proximidade com a ficção se torna mais imediata e visível, aproximando-se da criatividade, expressão e interpretação artísticas, fazendo com que se distancie da veracidade e legitimidade dos fatos, exigidas e buscadas pelo objetivismo científico” (REIGOTA, 1999, p. 80). Aquilo que não é, mas poderia ter sido.

É essa ideia que fomenta os processos de criação narrativa que me proponho a tecer ao longo desse texto. Uma ideia que me apropriei e ressignifiquei, que se tornou outra, nomeando-a aqui de uma *escrita imaginativa brincante*, ou apenas *narrativas brincantes*. Assim, busco criar um modo próprio de lidar com as narrativas ficcionais e de operar com elas em uma pesquisa *com* crianças *no* cotidiano escolar *em* educação ambiental. Inspirada pela escritora e contadora de histórias Yolanda Reys (2012, p. 47), desejo aventurar-me por esta escrita imaginativa brincante sentindo-me confortável “com essa necessidade de ter outras vidas e ser outros e falar com outras vozes e contar a si mesmo a história – a própria história -, mas de outra maneira (de mil maneiras).”

1.3.1 Sobre a criação de histórias inventadas em diálogo com Walter Benjamin⁵

As histórias fazem parte de nossas vidas, alimentam nossos sonhos, estimulam nossa imaginação, ensinam. Segundo Kearney (2012, p. 417, grifos do autor), “as histórias nos *alteram*, ao nos transportar para outros tempos e lugares, onde podemos experimentar as coisas *de outro modo*.” Convidado para me auxiliar a compor esta escrita e participar deste diálogo, Richard Kearney defende uma ideia em que acredito e que gostaria de compartilhar como parte das reflexões que venho fazendo sobre a criação de histórias inventadas. Para o autor, quando Walter Benjamin fala, na década de 1930, em seu clássico texto “O Narrador”, de uma ameaça radical ao poder da narrativa diante de uma crescente difusão da informação, ele não está se referindo ao fim da narração de histórias propriamente dita e sim ao fim de certas formas de narratividade. Voltarei a este ponto, mas antes trago aqui um trecho que explicita claramente a importante preocupação de Benjamin:

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. (BENJAMIN, 1994, p. 203)

Para Benjamin (1994, p. 205), a narrativa é “uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório.” É uma tessitura com palavras. Assim, o autor temia que o apelo da informação em detrimento da narração desaparecesse com o dom de ouvir, com a comunidade de ouvintes. Segundo Kearney (2012, p. 410), esse temor de Benjamin “apenas assinalava a derrocada iminente de certas formas de recordação que pressupunham tradições ancestrais de experiência herdada, transmitidas fluentemente de uma geração para a seguinte.” Kearney (2012) enfatiza que essa forma de narratividade ancestral,

⁵ Para a escrita deste ensaio escolhi os seguintes textos de Walter Benjamin: O Narrador, Infância Berlimense e Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.

baseada principalmente na oralidade, de fato acabou. Porém, creio ser importante questionarmos um pouco este determinismo.

Diversas manifestações populares brasileiras ainda carregam na oralidade a essência de suas tradições. Isso pode ser demonstrado, por exemplo, pela pesquisa de mestrado de Sara Melo (2011) que buscou perceber como o ambiente é contado e cantado por brincantes de duas manifestações populares da Paraíba – o coco de roda e a ciranda. A pesquisadora dedicou-se a nos contar como histórias presentes na tradição oral se entrelaçam com as vidas dos brincantes e são ressignificadas através de suas memórias. Nas palavras da pesquisadora, “essas histórias e cantos são vivos e abrigam em si um poder transformador” (MELO, 2011, p. 23).

É inegável que tradições baseadas na oralidade tenham se reduzido drasticamente nos últimos tempos. Porém, se olharmos atentamente perceberemos que muitas ainda continuam vivas e pulsantes. E defendo aqui que a narração oral ainda é bastante pulsante também nas crianças. A pesquisa de doutorado de Karin Campos (2016), por exemplo, desenvolvida a partir das narrativas orais de um grupo de crianças, buscou mostrar que arte de contar histórias não está extinta, destacando sobretudo, que a arte do encontro, da narração e da troca de experiências ainda é existente e possível, especialmente no espaço escolar. Através das belas palavras da pesquisadora, defendo:

a importância de se proporcionar mais tempo na escola para experiências artísticas que incluam a narração de histórias e que possibilitem às crianças contarem e compartilharem suas histórias junto aos professores, não só pela potencialidade de aprendizagens que isso possibilita, mas, também, por representar práticas educativas associadas a uma pedagogia mais poética e estética. (CAMPOS, 2016, p. 220)

Assim, vejo os escritos de Benjamin como um ponto de partida para pensarmos uma reinvenção da narrativa, oriunda das diferentes formas de narrar, que adquirem muitas vezes outras nomenclaturas, como as micronarrativas ou pós-narrativas (KEARNEY, 2012), ou ainda as narrativas no ciberespaço (MURRAY, 2003). Essas diferentes formas de narrar também podem ser manifestadas através de formas diferenciadas de se ocupar/compor uma página, pensando a folha de papel (ou a tela do

computador) enquanto uma espacialidade⁶. Assim, por mais inovadoras que sejam, “o simples fato de que as formas narrativas sofram mutações de uma época para a outra não significa que elas desapareçam. Elas apenas mudam de nome e endereço.” (KEARNEY, 2012, p. 411).

O ponto final das histórias, portanto, ainda não foi traçado, pois como aponta Kearney (2012, p. 410, grifos do autor) “sempre haverá alguém para dizer *conta-me uma história*, e alguém que responderá *era uma vez...*”. É só se dispor ao ouvir uma criança por alguns momentos que você perceberá que, por mais amplas que sejam as possibilidades de recriação narrativa nestes tempos pós-modernos, ainda há espaço para o tradicional “era uma vez”. Seja a partir da leitura de obras literárias ou através da narração oral, as histórias estão intrinsecamente ligadas à infância e o estudo da obra benjaminiana contribui para a conformação de um olhar diferenciado, atento para a criança, possibilitando a construção de práticas pedagógicas mais potentes e frutíferas à infância. Há no discurso pessimista de Benjamin sobre a modernidade uma esperança pela renovação. Nas belas palavras de Ana Meira (2003, p. 86), “ali onde a sociedade insiste em apagar sua história, Benjamin registra com preciosidades, com singulares descrições, com reflexões críticas, os pequenos detalhes que fundam o tecido que marca a vida cotidiana estampada no singular e no plural.”

Inspirada pela obra benjaminiana, venho refletindo sobre meu papel enquanto pesquisadora ao realizar com as crianças oficinas de criação de histórias inventadas. A partir dessas reflexões tenho me lançado a seguinte pergunta: Será que o fato de contar histórias para as crianças influencia a construção de suas narrativas? O que acredito e defendo em minha pesquisa leva-me a responder afirmativamente a essa questão. Creio que a principal intenção ao levar obras literárias às crianças, ao contar a elas diferentes histórias, é de propiciar um aumento de seus repertórios, de disparar sua imaginação. Um desejo de “somar-me aos que defendem a importância da atividade de narração de histórias para o desenvolvimento e a ampliação da capacidade imaginativa das crianças.” (CAMPOS, 2010, p. 22).

Girardello (2011) aponta a arte e a narrativa como fatores favoráveis para o desenvolvimento da imaginação na infância. Segundo a pesquisadora, as crianças “têm necessidade das imagens fornecidas pelas histórias como estímulo para sua própria criação subjetiva, para sua exploração estética e afetiva” (GIRARDELLO, 2011, p. 82). Desta forma,

⁶ Experimentar diferentes formas de narrar e explorar diferentes espacialidades da página é algo que me proponho a fazer nos capítulos III e IV desta tese.

compreendo que a contação de histórias pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da imaginação infantil pelas possibilidades de experiências que potencializa à criança. Há assim, nesta pesquisa, uma forte intencionalidade de criação de práticas pedagógicas mais frutíferas ao imaginário infantil.

Um outro ponto de reflexão que gostaria de trazer ao texto é em relação à própria forma como venho nomeando as oficinas que desenvolvi. Irei me deter sobre seu processo de construção no próximo capítulo. Meu foco agora recai na escolha que fiz de agregar o termo “inventadas” às histórias. Se toda história carrega consigo um caráter ficcional, como já abordei anteriormente, não seria redundante falar em histórias inventadas, pois a narração já parte de um pressuposto da invenção? É provável que sim, mas creio ser importante destacar que cunhei essa expressão com o intuito de demarcar o caráter inventivo, imaginativo e brincante das histórias criadas pelas crianças. Como nos fala Benjamin (2009, p. 70), “de repente as palavras vestem seus disfarces e num piscar de olhos estão envolvidas em batalhas, cenas de amor e pancadarias.”

Narrativas da potente imaginação infantil são bastante recorrentes na obra benjaminiana, como pode ser observado nesta bela passagem:

A criança escondida atrás das cortinas torna-se ela própria algo de esvoaçante e branco, um fantasma. A mesa da sala de jantar, debaixo da qual se acorrou, transforma-a em ídolo num templo em que as pernas torneadas são as quatro colunas. E atrás de uma porta ela própria é porta, recoberta por ela, máscara pesada, mago que enfeitiçará todos que entrarem desprevenidos. (BENJAMIN, 2013, p. 102-103)

As crianças alimentam-se de histórias na mesma medida que criam e encenam suas próprias histórias. Segundo Kearney (2012, p. 428), “estamos sujeitos à narrativa assim como somos sujeitos da narrativa. Somos feitos pelas histórias antes mesmo de conseguirmos criar nossas próprias histórias. É isso que faz da existência humana um tecido costurado por histórias ouvidas e contadas.” O autor nos convoca a pensar a narrativa como um convite à responsividade ética e poética. Assim, para finalizar este capítulo, sem a intenção de concluí-lo, convoco-me a pensar na criação de histórias inventadas como um compromisso ético e poético de minha pesquisa com as crianças. Por mais pontual que tenha sido meu

convívio com elas, defendo aqui a importância de incentivar o contato com as histórias, com os livros, estimular a imaginação e a criação narrativa.

2 CAPÍTULO II - AS OFICINAS DE CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS INVENTADAS

2.1 Os caminhos trilhados

A inventividade, característica tão presente nas crianças, despertou minha atenção quando comecei a construir o meu caminho no campo da educação. Formei-me bióloga e apesar da admiração e respeito que tenho pelas diversas formas de vida, animais, plantas, fungos, microrganismos, foi *com e para* as crianças que decidi dedicar meus projetos de pesquisa. Desde a graduação venho desenvolvendo oficinas com crianças em minhas pesquisas em educação, mais especificamente, em educação ambiental. A cada nova experiência, novas sensibilidades, reflexões e aprendizagens são acionadas em mim. Quando escrevi meu trabalho de conclusão de curso, estava dando meus primeiros passos na pesquisa em educação, por isso não houve ali a escolha de uma noção teórica que orientasse a criação das minhas oficinas, o que não significa que não houvesse alguns referenciais teóricos atuando nesta composição. Com inspirações advindas dos campos da educação ambiental e dos estudos culturais, estas oficinas foram pensadas como um conjunto de atividades, criadas por mim junto aos meus orientadores, Leandro Belinaso Guimarães e Vera Lícia Vaz de Arruda, que foram desenvolvidas no local da pesquisa (o Bosque Pedro Medeiros), respeitando a dinâmica daquele lugar. E foi através desse conjunto de atividades que me aventurei em minha primeira contação de histórias.

Ao graduar-me em Ciências Biológicas decidi continuar trilhando meu caminho na educação. Em busca de novos horizontes fui cursar o Mestrado em Educação na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, onde encontrei alguém com quem compartilhar meus despropósitos, meu orientador Pedro da Cunha Pinto Neto. Minha pesquisa de mestrado também esteve focada na realização de oficinas com crianças, agora com uma proposta um pouco mais amadurecida, oportunizada pela leitura de alguns referenciais teóricos que me (des)orientaram, em especial os textos de Marcos Reigota, Valdo Barcelos, Leandro Belinaso Guimarães, e as dissertações de mestrado de Antônio Almeida da Silva (2009) e Janice Zanco (2010). Além disso, tinha a potente companhia e inspiração advinda da poesia de Manoel de Barros na construção destas oficinas.

Com o apoio destes referenciais, a contemplação da arte, na sua manifestação por meio da poesia, foi pensada não como uma mera ferramenta de ensino, mas como um dispositivo que acionasse a

expressão criativa dos alunos e alunas, que disparasse a transformação e a construção de novas realidades, que permitisse deslocamentos de modos de ver, oportunizando a experimentação de sensações outras, criando narrativas que não poderiam ser pensadas antes. O dispositivo a que me refiro foi elaborado a partir da ideia de “dispositivo artístico” discutida por França (2007), entendendo minhas oficinas pedagógicas como “uma metodologia ou um procedimento produtor, ativador – de realidades, de mundos, sensações, que não preexistem a ele” (FRANÇA, 2007, p. 52). Foi essa noção de dispositivo, advinda do pensamento de Michel Foucault e atualizada pelos estudos de cinema e pelos estudos sobre as artes contemporâneas (GUIMARÃES *et al.*, 2010), que me guiou no processo de construção das oficinas de minha pesquisa de mestrado⁷.

Como nos falam Guimarães e Zanco (2012), uma obra, seja ela cinematográfica, seja ela uma dissertação de mestrado, confunde-se com o próprio processo de sua construção e, também, com as relações (no caso de minha pesquisa: entre mim e as crianças, entre nós e a escola, entre as crianças e os seres desimportantes⁸) que emergem (nem antes, nem depois), mas através do dispositivo. Ciente de que as narrativas, imagens, desenhos, brincadeiras, que emergiram de minha pesquisa foram disparadas pelas oficinas pedagógicas que construí, procurei descrever minuciosamente em minha dissertação as atividades desenvolvidas com as crianças, princípio que trago também para a tese. Além de tentar esmiuçar a maquinaria do dispositivo artístico que criei, este detalhamento é, também, algo de que sinto falta em muitas pesquisas que desenvolvem intervenções no cotidiano escolar. Ficamos tão presos em nossos referenciais teóricos, em nossas categorias analíticas, que nos esquecemos de contar os modos de fazer a pesquisa.

Essa noção de dispositivo segue acompanhando-me, mas agora no doutorado, procurei aventurar-me por outros caminhos. Buscando fugir das obviedades, das amarras presentes em propostas conscientizadoras sobre o ambiente, tenho pensado a partir de uma ideia de experimentação,

⁷ Em artigo publicado posteriormente à defesa de minha dissertação, explorei um pouco mais essa noção de oficinas como dispositivo (KRELLING, 2015). Disponível em: <https://www.seer.furg.br/remea/article/view/4854>

⁸ Referência ao poema “O apanhador de desperdícios” (BARROS, 2006, p. 14) trabalhado na 3ª. oficina pedagógica. Após a leitura e conversa sobre o poema desenvolvi um exercício de ampliação do olhar: entreguei lentes de aumento para os alunos e alunas e saímos pela escola para procurar e fotografar coisas e seres desimportantes.

para assim, propor uma educação ambiental que pretende criar práticas pedagógicas inventivas, artísticas, experimentais. Para seguir por este tortuoso, mas instigante caminho, tenho pensando com os textos de Ana Godoy, entre outros, que nos convocam a “prestar atenção no embate entre linhas endurecidas de reflexão e linhas de experimentação que exprimem o embate entre forças de subordinação e insubordinação” (GODOY, 2007, p. 133). Ao mostrar como essas linhas endurecidas estão fortemente presente nas escolas e nas práticas de educação ambiental, ela nos convida a um movimento que não trata de negar a escola e o ambientalismo, mas de inventar “linhas que façam a escola fugir para que a educação e a ecologia se façam de outros modos; linhas em que afirmam a aprendizagem experimental como aprendizagem da variação dos modos, fazendo ressoar no pensamento a complicação implicada na vida, levando-o ou obrigando-o a exercer sua potência máxima: pensar” (GODOY, 2007, p. 133).

Após essa breve narrativa de alguns dos caminhos trilhados em minhas pesquisas anteriores, pretendo agora, explorar um pouco mais essa noção de experimentação que inspirou a criação das oficinas de minha pesquisa de doutorado.

2.2 Tateando uma noção artística de experimentação

Como professora de Biologia do Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio, ocupo parte de minha carga horária de aula com atividades práticas e experimentais no laboratório. Confesso que foi preciso um processo de desconstrução interno para vencer alguns preconceitos que tinha sobre esse formato de aula. Durante a graduação, sempre preferi as saídas de campo às práticas em laboratório. Achava algumas aulas de observação ao microscópio óptico maçantes e não me sentia estimulada a seguir protocolos de experimentos. Por conta disto, ao contrário da grande maioria de meus colegas, não procurei estágio em nenhum dos diversos laboratórios da universidade. Fui por outros caminhos, para fora dos muros da instituição. Depois, ao seguir pela pós-graduação em educação, as aulas de laboratório foram ficando cada vez mais distantes da minha realidade. Porém, ao ingressar como professora no Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, tive que aprender a dar aula neste local asséptico e reaprender a manusear os equipamentos, vidrarias e reagentes que compõem esse espaço. Para minha surpresa, fui aos poucos pegando gosto por isso, principalmente quando me deparava com os olhinhos curiosos dos alunos e alunas ao ver um microrganismo mover-se através das lentes

do microscópio ou com o singelo encantamento proporcionado pela mudança de coloração de uma solução após a adição de um reagente.

Estas atividades experimentais em laboratório, com protocolos bem definidos, utilização de equipamentos precisos, vidrarias e reagentes, representam a forma tradicional pela qual a experimentação é compreendida por grande parte dos professores e professoras, em especial, da área de ensino das ciências. Como concluíram João Alberto da Silva *et al.* (2012), em uma pesquisa que articulou metodologicamente entrevistas com professores da educação básica e assistências de aulas, “a ideia que se tem de um *verdadeiro* experimento no ensino de ciências é a daquele realizado em um laboratório específico, com uso de instrumentos como becker e pipeta, líquidos coloridos e fumaças exóticas” (SILVA *et al.*, 2012, p. 138, grifo dos autores).

Apesar destas atividades experimentais serem consideradas uma novidade em muitas das escolas de educação básica do país, sua origem data de mais de cem anos. Como descreveram Galiazzi *et al.* (2001), o início destas atividades nas escolas foi influenciado pelo trabalho experimental que era desenvolvido nas universidades e tinha como principal objetivo melhorar a aprendizagem dos conteúdos científicos. Os pesquisadores apontam ainda que a experimentação, na perspectiva dos principais projetos que impulsionaram a prática experimental nas escolas brasileiras na década de 1960, assume um papel meramente ilustrativo, limitando-se a comprovar o conhecimento teórico aprendido na sala de aula.

Sem me ater a este histórico, já abordado em diferentes trabalhos (BARBERÁ e VALDÉS, 1996; GALIAZZI *et al.*, 2001; CHASSOT, 2004), é importante ressaltar que desde sua implantação nas escolas, diversas pesquisas têm se preocupado em compreender o papel das atividades experimentais no ensino e refletir sobre os resultados alcançados. Em muitas destas, as práticas experimentais são enaltecidas como uma forma de melhorar a qualidade do ensino, em especial, do ensino de ciências. Como nos mostram João Alberto da Silva *et al.* (2012, p. 139), os professores de educação básica entrevistados em sua pesquisa apontam que “os experimentos escolares são utilizados, em geral, com o intuito de abordar temas dos conteúdos escolares de maneira diferenciada”. Porém, por melhores que sejam as intenções dos professores e professoras que, assim como eu, realizam atividades experimentais em suas aulas, essa noção tradicional de experimentação é passível de muitas críticas.

Esta perspectiva tem sido alvo de diversas problematizações e pesquisas mais recentes defendem que a simples realização de atividades

práticas que se colocam como um receituário de procedimentos, sem criar espaço para questionamentos, nem sempre contribui para melhorar o aprendizado dos estudantes (GIANI, 2010). Barberá e Valdés (1996) também indicam em seu estudo que as atividades experimentais deveriam desenvolver atitudes e destrezas cognitivas de alto nível intelectual e não apenas destrezas manuais ou técnicas instrumentais. Desta forma, a aposta que faço em minha pesquisa é de ampliar a noção da experimentação para além das paredes brancas e assépticas dos laboratórios e colori-la com pinceladas de criação, o que eu tenho denominado de uma noção artística de experimentação.

Estes experimentos realizados em laboratório nas aulas práticas possuem, em geral, resultados esperados, basta que você siga corretamente os procedimentos indicados. João Alberto da Silva *et al.* (2012), a partir de suas observações de campo, perceberam que os docentes preferem e acreditam ser necessário guiar os alunos e alunas durante estas atividades. Acreditam que os estudantes precisam de um exemplo para ser seguido, pois não teriam imaginação para realizar as atividades sem um roteiro predefinido. Assumo, nesta pesquisa e em minha atuação como docente, um combate a essa ideia, defendendo, numa atitude política, a potência da imaginação infantil (e também dos adolescentes com quem trabalho cotidianamente). Como me inspira Pellejero (2014), em seu texto que discute a experimentação na arte, busco, através de atividades experimentais, pela “indocilidade da imaginação” infantil.

Assim, a ideia de experimentação que é adotada aqui aposta numa experimentação em contextos formativos aberta à imprevisibilidade, aberta à proliferação de narrativas, muitas vezes, improváveis. Desta forma, tenho como intencionalidade de pesquisa pensar nas possibilidades de criação narrativa que podem surgir em um conjunto de oficinas aberto à experimentação. Como afirmam Jonathan Braga e Kátia Kasper (2013, p. 40), “diversamente do experimento, ela [a experimentação] não pressupõe um caminho seguro a ser seguido e reproduzido, mas sim a invenção de caminhos e de novos territórios”.

Um dos primeiros momentos em que passei a refletir sobre essa noção artística de experimentação foi em meu estágio de docência na disciplina do curso de Pedagogia nomeada de “Ciências, Infância e Ensino”, ministrada pelo meu orientador. Nesta disciplina, voltamos nossa atenção para a criação, juntos aos alunos e alunas, de práticas pedagógicas inventivas e experimentais sobre/com temáticas movimentadas no cotidiano sobre as ciências. Tiramos de cena a ideia de uma experimentação pautada no cientificismo e tomada por linhas

endurecidas, para nos aventurarmos por outras tessituras. Buscamos criar linhas de experimentação que afirmem uma aprendizagem implicada na criação de linhas variadas, múltiplas, de composição. Uma experimentação na qual arte, ciência, meio ambiente, imaginação e ensino se encontram efetiva e afetivamente, algo que busco também com esta pesquisa.

Em algumas de nossas aulas, pensamos em um conjunto de atividades que buscaram dar novas vidas, novos significados para os objetos que vivem nos laboratórios de ciências. Na companhia de Mirian Celeste Martins e Gilsa Picosque (2012), compreendemos os objetos como propositores, como provocadores de pensamentos e de sensações. Assim, nos mobilizamos a pensar que os objetos nos laboratórios são vivos e atuantes nos processos em que participam. Eles são protagonistas, tanto quanto os cientistas, dos laboratórios que habitam. E, quem sabe, gostariam de ter outras funções, se imaginarem em outros lugares, viajarem, fazerem novos amigos, terem outras vidas. Imaginar tais possibilidades nos permitiu um encontro com a arte em nossas aulas e, especificamente sobre este conjunto de atividades, escrevemos um texto⁹ que foi apresentado no V Encontro Nacional de Ensino de Biologia.

Com essas experiências vivenciadas ao longo do estágio de docência, e das outras vezes em que tive também a oportunidade de participar de alguns dos momentos da disciplina, além das diversas leituras que tenho feito de autores e autoras que muito me inspiram, fui amadurecendo e ampliando essa noção de experimentação. Com apoio em Pellejero (2014, p. 06), compreendo que “na sua singularidade, na sua vitalidade, a experimentação implica uma ruptura, não uma continuidade, não pressupõe regras, nem sequer as estabelece, apenas se oferece a uma experiência que tem a forma da interrupção e a um jogo desregrado proposto à nossa liberdade.”

Com essa breve explanação sobre a noção de experimentação que perpassa esta pesquisa e que foge à noção clássica ligada aos experimentos científicos, minha intenção de forma alguma é criar juízos de valores, estabelecendo que uma seja melhor do que a outra. Até mesmo porque estaria sendo incoerente com a minha própria trajetória como professora de biologia e orientadora de pesquisas de iniciação científica que tem no experimento o caminho para a construção de conhecimentos. Busco, talvez, por um caminho do meio, através do relato de um percurso

⁹ Intitulado “Os objetos das ciências: imaginações em uma experiência de ensino” (GUIMARÃES, L. B. ; KRELLING, A. G., 2014).

de pesquisa que está em movimento, posto que a pesquisa nunca para de se atualizar e tornar-se outra, permitindo-me colocar em suspensão tudo aquilo que até então tomava como certo. Como Pellejero (2014) nos fala sobre o crítico que se aproxima da experimentação artística, e que aqui tomo a liberdade de ampliar para a pesquisadora que se aproxima da experimentação, é aquela que, “sem reservas, põe à prova a cultura, abrindo-se à multiplicidade dos seus sentidos e à imprevisibilidade das suas pulsões, sem ideias preconcebidas de um saber, uma verdade ou uma razão a conquistar.” (PELLEJERO, 2014, p. 06).

2.3 Desvelando o processo de criação das oficinas

Ao estruturar uma pesquisa movida pela ideia de experimentação, penso, na companhia de Braga e Kasper (2013), que o foco recai principalmente no processo e não apenas em um produto final. Assim, o processo de criação das oficinas e, posteriormente, sua realização com as crianças, assumem um caráter de suma importância para a pesquisa, por isso acredito ser necessário explicitá-los aqui. Para isto, preciso novamente mergulhar em minhas memórias e resgatar alguns dos momentos que acredito terem sido fundamentais neste percurso.

Ao finalizar meu trabalho de conclusão de curso, fui tomada por muitos questionamentos. Numa das atividades que desenvolvi com as crianças (representar através de uma maquete como o Bosque, local da pesquisa, estaria no futuro), pretendia, mesmo que inconscientemente, e só percebi isso depois, racionalizar o futuro. Gostaria de ver, em suas maquetes, a preservação do Bosque representada através de muitas árvores. As crianças corresponderam em parte às minhas expectativas, mas ao invés de me mostrarem um futuro racional construíram outras narrativas, criaram histórias repletas de fantasia. Passei, então, a me questionar se “a educação ambiental que viemos praticando não está desconsiderando essas diferentes narrativas e contribuindo para a construção de uma única visão de mundo? E por que não se permitir a novas histórias?” (KRELLING, 2009, p. 71). Perguntas que ficaram em aberto, em suspensão, que foram deixadas livres para que pudesse refletir sobre elas em minhas próximas pesquisas. De certa forma, esses questionamentos foram o ponto de partida para a construção de minha pesquisa de mestrado e ainda me acompanham, agora no doutorado.

Nesse caminhar, sempre em busca de novas experiências, deparei-me com a literatura. Através dela vislumbrei a possibilidade de experienciar no cotidiano escolar o uso de metodologias inventivas, que permitissem deslocamentos, outros olhares, que possibilitassem a criação

de outras narrativas. Como uma bióloga que busca adentrar ao rico campo da educação, encontrei na pesquisa em educação ambiental a união entre a minha formação acadêmica e o desejo de trabalhar com e para as crianças. Em minha pesquisa de mestrado, o entrelaçamento entre literatura (na sua manifestação através da poesia), educação ambiental e infância, ocorreu através do universo poético de Manoel de Barros.

De forma alguma penso que a pesquisa com Manoel de Barros esgotou-se para mim e trouxe ele comigo para seguir em frente em minha formação na educação. Porém, tinha o desejo de aventurar-me mais pela literatura infantil, conhecer outros autores e autoras, outras histórias. Já no mestrado iniciei uma pequena coleção de livros infantis. A cada exemplar adquirido, um mundo novo se abria através daquelas páginas, geralmente acompanhadas de ilustrações que me faziam perder a noção do tempo. Em minha infância, grande parte das histórias com as quais tive contato eram contos de fadas e só posteriormente, depois de ter iniciado essa pequena coleção, é que fui aos poucos percebendo a diversidade de obras que compõem o universo da literatura infantil.

Quando escrevi meu projeto para a seleção ao doutorado, estava em meio à finalização da escrita da dissertação. Por isso, não tive tempo, naquele momento, para refletir sobre a escolha dos repertórios literários que iriam compor minhas oficinas e optei por trabalhar com três histórias com as quais tenho um grande vínculo afetivo: *O menino do dedo verde* de Maurice Druon, *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry e *O menino que carregava água na peneira* de Manoel de Barros.

Com o encantamento proporcionado por essas três obras, resolvi me aventurar numa singela escrita narrativa que entrelaçava trechos destas histórias e que foi o ponto de partida para a escrita de meu projeto de doutorado. Agora, por toda a sua importância, ela foi escolhida para abrir esta tese. Essa história criada por mim, minha primeira escrita imaginativa brincante, narra um inusitado encontro entre esses três personagens nas dunas de Florianópolis e a partir dela, a partir deste encontro, delinee os principais desejos que movimentam esta pesquisa, apresentados no primeiro capítulo desta tese.

Essas histórias não perderam o encanto para mim, mas ao longo do doutorado fui conhecendo outras, fui transformando-me, e por isso *O Pequeno Príncipe* e *O menino do dedo verde*¹⁰ acabaram retornando para

¹⁰ Com *O menino do dedo verde* ainda escrevi um ensaio para a disciplina “Aspectos Literários e Filosóficos da Educação”. O ensaio, intitulado “Nas asas de Tistu - A experiência da delicadeza na educação”, foi escrito em diálogo com

a estante onde guardo minha coleção de literatura infantil. Porém, não podia deixar de mencioná-los aqui, pois como disse anteriormente, foram o ponto de partida que originou toda esta investigação que aqui apresento.

Inspirada em Denilson Lopes (2012), tenho pensado a literatura como propulsora de afetos e diante de tanta riqueza e diversidade de obras, resolvi fazer uma aposta na variação. Assim, minhas oficinas foram compondose a partir de uma escolha atenta e criteriosa de repertórios literários, buscando por uma variação de estilos, temáticas, personagens, formatos. Outros materiais também foram cuidadosamente selecionados, como músicas e produções audiovisuais, e acredito que esta escolha, em especial das obras literárias, constitui um importante passo da pesquisa, pois como nos sugere Reys (2012, p. 28), “embora ler literatura não transforme o mundo, pode fazê-lo ao menos mais habitável, pois o fato de nos vermos em perspectiva e de olharmos para dentro contribui para que se abram novas portas para a sensibilidade e para o entendimento de nós mesmos e dos outros”.

Foi um longo caminho trilhado até a seleção final das obras que compuseram as oficinas, processo que aconteceu ao longo dos meus primeiros anos de doutorado. A escolha deste repertório aconteceu a partir de diversos encontros: em livrarias, após demoradas perambulações pela seção de literatura infantil; com a *Revista Emília*, especializada em literatura infantil, que nos traz diversas resenhas de obras, além dos *Destaques Emília*¹¹ do ano; com amigos que indicaram algumas preciosidades; além de reencontros com obras já há muito admiradas.

Esses repertórios inspiraram e atuaram na composição das oficinas, para com eles pensar: Que outros lugares podem ser habitados pelos livros em nossas práticas pedagógicas cotidianas com as crianças? Possibilitar outros lugares para os livros viverem/atuem em nossas práticas; criar outros ambientes com/para os livros para que eles saiam das prateleiras empoeiradas das bibliotecas e das caixas de livros escondidas no fundo das salas; dar uma centralidade a eles e apostar em sua potência para disparar outras histórias, são algumas de minhas

Denilson Lopes (2007) e com as bibliografias trabalhadas na disciplina, em especial, alguns textos de Platão, Rousseau e Bachelard.

¹¹ *Destaques Emília* é ponto de partida para a construção de uma reflexão crítica e pretende ser referência para a identificação de títulos que se destacam no fomento à leitura e na formação de leitores críticos e autônomos. Em um mercado cada vez mais concorrido e aquecido, *Destaques Emília* serve como orientação para a seleção de pais, escolas e bibliotecas.” Trecho retirado de: <https://revistaemilia.com.br/destaques-emilia-2013/>

intencionalidades. É importante frisar também que se trata de uma pesquisa em educação ambiental que busca por uma ampliação desse termo colado à educação, por não o definir e o enquadrar somente nas temáticas ditas “sustentáveis”. Uma pesquisa em educação ambiental que deseja fomentar processos de criação narrativa, para assim, criar um outro modo de falar do ambiente, de pensá-lo como um campo de relações quase infinitas.

Trago agora uma breve descrição de cada uma das obras literárias e do encontro que me levou à sua escolha:

- *Contra feitiço, feitiço e meio*, da escritora catarinense Eloí Elisabet Bocheco e ilustrado por Maria Ines Piekas. Esta delicada história foi escolhida a partir do encontro com o livro “Uma clareira no Bosque” da pesquisadora e contadora de histórias Gilka Girardello. Eloí narra com graça e riqueza de detalhes as aventuras da bruxinha Elisa que leva sempre consigo um baú onde carrega seus preciosos objetos. Essa história inspirou-me a trazer também para as oficinas um baú, o nosso baú de histórias criado coletivamente no primeiro encontro com as crianças. Por isso, esta obra foi escolhida para abrir as oficinas.



A bruxinha Elisa passa horas com seu baú de estimação. Algumas vezes é pra procurar alguma coisa: uma pedra de tal ou qual cor, um livro, uma latinha disto ou daquilo, algum sidrinho com água da fonte, do rio, do mar ou da chuva, uma bruxinha de pano, um pacotinho com as terras que ela guarda (terra da mata, do campo, da beira do ribeirão, do quintal e de tudo quanto é terra à vista), potinhos com sementes de tudo que é planta, um retrato, uma flautinha, um ascorbio, um espelho, uma pena de passarinho... Tanta coisa...

- *Formigas*, do artista visual Mário Alex Rosa e ilustrado por Lilian Teixeira. Esta obra foi escolhida a partir do encontro com a publicação “Destaques Emília 2013”. Junto com a publicação, a Revista compartilhou o registro audiovisual “Olhar do Leitor”¹². Nesta produção, são mostradas rodas de contação de histórias e este livro despertou muito a atenção das crianças pelo seu formato inusitado, por ser, como o próprio autor o define, um poema-objeto. Apostando nesta ideia de variação, resolvi trazê-lo para minhas oficinas. Ele foi escolhido para o segundo encontro por explorar esse aspecto do olhar infantil, um olhar atento aos detalhes, curioso, e que muitas vezes se estende até a palma da mão, com essa necessidade de tocar em tudo o que se vê. Na história, um dedo curioso causa uma verdadeira confusão no organizado caminho das formigas.



O menino distraído, mas que tudo via selou com seu dedinho o caminho das formigas e foi uma desatenção de antenas, que ninguém sabe mais se foram para Atenas ou Barbacena.



¹² Para quem se interessar, o vídeo está disponível em: <https://revistaemilia.com.br/destaques-emilia-2013/>

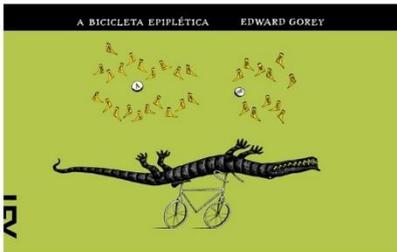
- *O menino que colecionava lugares*, do geógrafo Jader Janer e ilustrado por Rodi Nuñez. Essa foi uma indicação da minha querida colega de Tecendo¹³ e também geógrafa, Karina Dal Pont. Pesquisador da área da geografia da infância, Jader Janer trata de uma maneira muito sensível o afeto que sentimos pelos lugares por onde passamos e que ficam colados em nossos pés. Na história, o menino, que tinha medo de esquecer os lugares, colecionava-os dentro de uma lata dada pela sua avó. Ele tinha um jeito especial de fazer isso, um jeito certo que só ele sabia. Essa história foi escolhida para o terceiro encontro para lembrarmos dos lugares que nos afetaram e ficaram colados em nós, pois como compreendeu o menino, “se lugar é gente, gente é lugar”.



O que ninguém sabia é que naquela lata ele guardava o seu segredo. Ele guardava os lugares. Isso mesmo, ele tinha naquela lata uma coleção de lugares. Coisas de todos os lugares por onde ele havia passado, pedaços dos lugares colados nos seus pés.

¹³ Para conhecer mais sobre o nosso Coletivo acesse a fanpage no Facebook: <https://www.facebook.com/tecendo/>

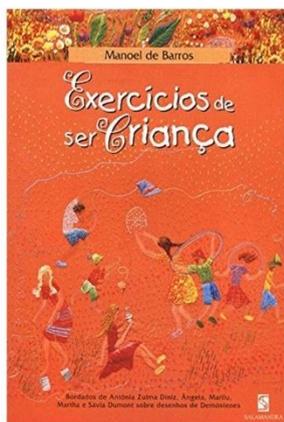
- *A bicicleta epiplética*, texto e ilustrações do autor e ilustrador americano Edward Gorey. Esta história foi um dos grandes achados da publicação “Destaque Emília 2013”. Após ler a avaliação da obra fiquei intrigada com a história e fui em busca de mais informações sobre o autor, que apesar de reconhecido internacionalmente por suas histórias *nonsense* e ilustrações macabras, era até então desconhecido para mim. Seu estilo peculiar influenciou diversos artistas, entre eles Tim Burton e Shaun Tan, que também tem uma de suas obras incluída neste repertório. “Já não era mais terça-feira, mas ainda não era quarta.”, assim começa a história da bicicleta epiplética, que já nos chama a atenção logo pelo título. A tal bicicleta, que surge misteriosamente, leva os irmãos Embley e Yewbert a viverem aventuras nada convencionais. A narrativa, repleta de situações sem sentido, é acompanhada pelas ilustrações sombrias de Gorey¹⁴, que com seu traço fino e detalhista diferencia-se radicalmente do que comumente vemos nos livros infantis. Todas essas características incomuns, além do título com uma palavra sem significado na língua portuguesa, fizeram com que eu escolhesse esta obra para compor o quarto encontro em que realizamos algumas brincadeiras com palavras.



Uma tempestade horrível se formou; eles quase foram atingidos por um raio várias vezes. Quando a tempestade passou, Embley percebeu que tinha perdido seus calozes pares de sapatos amarelos.

¹⁴ Para se transportar ao clima sombrio das ilustrações de Gorey e conhecer a história recomendo que assista ao vídeo: <https://vimeo.com/11171863>

- *O menino que carregava água na peneira*, do livro *Exercícios de ser criança* escrito pelo poeta Manoel de Barros, com bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sália Dumont sobre desenhos de Demóstenes. A escolha deste poema é fruto de um reencontro, do desejo de manter Manoel de Barros junto comigo também em minha pesquisa de doutorado. Para isso, escolhi um de seus poemas que mais me encanta, retirado do livro que considero ser o mais belo imageticamente. Com a delicadeza de quem faz uma pedra dar flor, o menino que carregava água na peneira nos mostra a importância de nossos despropósitos¹⁵. Este poema foi escolhido para o quinto encontro com as crianças em que imaginamos alguns significados para palavras inventadas e brincamos de carregar água na peneira.

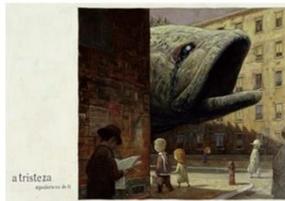
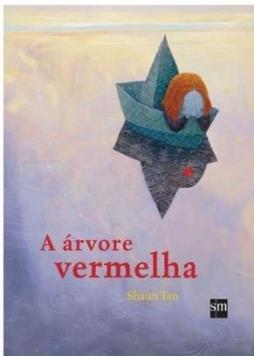


O menino aprendeu a usar as palavras.
 Viu que podia fazer peraltagens com as palavras. E
 começou a fazer peraltagens.
 Foi capaz de interromper o vôo de um pássaro botando
 ponto no final na frase.
 Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
 O menino fazia prodígios. Até fez uma pedra dar flor! A
 mãe reparava o menino com ternura.
 A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta. Você vai
 carregar água na peneira a vida toda.
 Você vai encher os vazios com as suas peraltagens e
 algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.

¹⁵ Convido o leitor a assistir ao audiovisual “Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo”, uma bela animação inspirada nos poemas de Manoel de Barros, entre eles “O menino que carregava água na peneira”: <https://www.youtube.com/watch?v=a-HDwM3jebY>

- *A árvore vermelha*, texto e ilustrações do escritor e ilustrador australiano Shaun Tan. Este também foi um dos belos encontros promovidos a partir da Revista Emília, só que desta vez através da leitura de uma entrevista com o autor¹⁶. Ao final da entrevista, há uma breve descrição, feita pelo próprio escritor, de suas obras voltadas ao público infantil. Em *A árvore vermelha*, a descrição das imagens do livro foi o que despertou meu interesse: “uma série de mundos imaginários distintos como imagens independentes que convida os leitores a extrair seu próprio significado, ante a falta de um sentido explícito.” (REVISTA EMÍLIA, 2015). Quando o livro chegou em minhas mãos, pude confirmar como cada imagem é um mundo de possibilidades de criação narrativa e por isso essa obra foi escolhida para os nossos sexto e sétimo¹⁷ encontros em que criamos histórias a partir de suas ilustrações. Shaun Tan narra com um tom melancólico, a história de uma menina que vivencia momentos sombrios, mas que aos poucos vão iluminando-se até encontrar uma mensagem de esperança ao final de sua jornada.

Às vezes, o dia começa sem nada de interessante no horizonte.



¹⁶ Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/shaun-tan/>

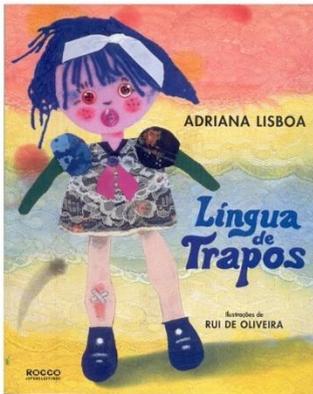
¹⁷ Estava previsto inicialmente apenas um encontro para cada obra literária, mas esse em especial acabou transformando-se em dois, para que as crianças pudessem demorar-se mais em seu processo de escrita com as imagens.

- *O Menino e o Mundo* - Parte 1, é um livro só de imagens inspirado no filme de Alê Abreu. O encontro com o livro aconteceu em uma de minhas idas às seções infantis das livrarias. Já tinha a intenção de escolher um livro de imagens para compor o repertório das oficinas e quando me deparei com as imagens do filme¹⁸ que tanto tinham me encantado transformadas em livro, não tive dúvidas de que seria ele. Assim, ele foi escolhido para compor nosso oitavo encontro em que exploramos as imagens e as sensações que elas nos provocam.



¹⁸ Você pode ter uma pequena amostra das belas imagens do filme neste clipe embalado pela sua música tema, “Aos olhos de uma criança”, do artista Emicida: https://www.youtube.com/watch?v=cpOb3db_Xuc

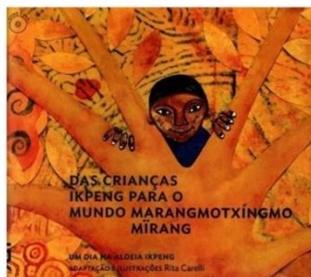
- *Língua de Trapos*, da escritora Adriana Lisboa e ilustrado por Rui de Oliveira. A renomada autora foi sugerida a mim pelo meu orientador. Ao vasculhar sua página profissional na internet¹⁹ pude conhecer um pouco de suas obras voltadas para o público infantojuvenil e essa boneca cheia de graça com sua língua de trapos me encantou. Em sua descrição Adriana nos convida: “Descubra a boneca de trapos, retalhos, panos velhos, restos de fita, renda e barbante comprido que mora no meio dos brinquedos e que comanda Língua de Trapos. Em cada retalho, um mundo. Em cada mundo, um sonho.” Assim, *Língua de Trapos* foi escolhida para nosso nono encontro em que trabalhamos com a composição coletiva de um personagem a partir de colagens.



Pois de noite, quando (ufa) as pessoas vão dormir, você sabe – é quando os brinquedos podem acordar. Entre os brinquedos, a boneca. E com uma novidade: dentro da boca, uma língua de trapos, que desata a falar. Essa língua, quem foi que fez? Ora, ninguém! Fez-se de vagar e cozinha, aqui de listras, ali bolinhas, aqui xadrez, pied-de-poule, escocês... Tem até rendinha!

¹⁹ Visite a página da escritora através do endereço: <https://www.adrianalisboa.com/livros>

- *Das crianças Ikpeng para o mundo*, da Coleção *Um dia na Aldeia*, adaptado e ilustrado pela escritora e ilustradora (também atriz e diretora) Rita Carelli. O encontro com essa coleção surgiu de minhas perambulações pela internet em busca de obras de literatura infantil. A Coleção surgiu de uma parceria entre a antiga Editora Cosac Naify e o projeto Vídeo nas aldeias²⁰, sendo que seis filmes do catálogo dos vídeos foram escolhidos para serem transformados em livros voltados para o público infantil. Assim, todos os livros da coleção são acompanhados de um DVD com o filme que o inspirou. *Um dia na aldeia* nos oportuniza conhecer um pouco mais dos costumes atuais e antigos de povos indígenas brasileiros, desmistificando algumas imagens preconcebidas que temos. Além disso, os livros são bilíngues, escritos em língua portuguesa e na língua materna de cada um dos povos indígenas que protagoniza a história. Após pesquisar sobre a coleção²¹, escolhi uma das obras que mais despertou meu interesse pela leitura, principalmente porque remetia ao cotidiano e às brincadeiras das crianças da aldeia Ikpeng. Assim, essa obra foi escolhida para compor nosso décimo encontro em que as crianças foram convidadas a escrever cartas às crianças Ikpeng, narrando seus cotidianos e suas brincadeiras.

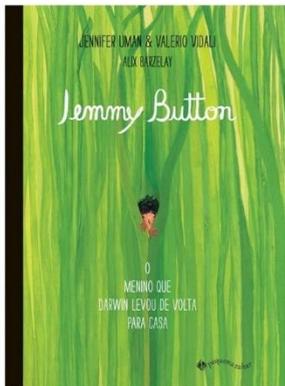


Estas são Yjampi e Yjwipá. Estes são Kamatxi e Eruwá. Depois de tomar banho de rio e comer mangaba, eles irão nos mostrar a sua aldeia. Vamos passar um dia com eles?

²⁰ Conheça mais sobre o Projeto em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/index.php>

²¹ Para conhecer um pouquinho mais sobre como a coleção foi concebida assista ao vídeo de Rita Carelli: <https://www.youtube.com/watch?v=qpVERUcyxMQ>

- *Jemmy Button, O menino que Darwin levou de volta para casa*, da escritora americana Alix Barzelay, com ilustrações de Jennifer Uman e Valerio Vidali. Esta obra também foi escolhida a partir do encontro com a publicação “Destaques Emília 2013”. Inspirado em uma história real, o livro narra as experiências de um menino nascido na Terra do Fogo, na primeira metade do século XIX, que foi levado à Inglaterra para ser "civilizado" e "educado" nos moldes e costumes ingleses. Seu nome, Jemmy Button, lhe foi dado após o capitão inglês que comandava a expedição entregar um botão de madrepérola à sua família em troca do menino. Após um tempo na Inglaterra, Jemmy é trazido de volta à sua terra natal, na esperança de que difundisse entre os nativos os costumes civilizados dos ingleses. Essa viagem de volta ficou bastante conhecida por ter ocorrido a bordo do navio Beagle, onde estava presente o famoso naturalista Charles Darwin. Esta história foi escolhida para fechar nossas oficinas em nosso décimo primeiro e último encontro, devido aos sentimentos de despedida e de retorno ao lar que desperta.



Eles convidaram o menino a conhecer a terra de onde vinham, lá longe, do outro lado do mar.

“Venha conosco e experimente falar a nossa língua, ver as luzes do nosso mundo civilizado.”

Um dos visitantes abriu a mão e nela havia um botão, feito da mais linda pérola do oceano.

Eles deram o botão para a família do menino.

“Vamos chamar você de Jemmy Button”, disseram os homens, e até o vento pareceu sussurrar “Jemmy Button, Jemmy Button”.

Finalizada a apresentação das obras literárias é importante frisar que a escolha deste repertório caminhou junto com a construção de cada um dos encontros e é sobre eles que me deterei a partir de agora. As obras literárias e, principalmente, os modos de se trabalhar com elas foram pensados para criar em sala de aula uma atmosfera propícia à invenção, mesclando ao cotidiano de nossos encontros a brincadeira, as histórias e diferentes manifestações artísticas. Porém, todo esse planejamento de nada adiantaria se não tivesse o envolvimento das crianças em sua composição. Inspirada na disciplina “Ciências, Infância e Ensino”, já mencionada anteriormente, permito-me trazer um trecho do Plano de Ensino que poeticamente esclarece o que desejo dizer, o que acredito: “que aquilo que selecionamos ensinar não tem importância sem a composição, sem a criação das inúmeras crianças que, com seus corpos dançarinos, fazem da sala de aula uma porção viva e inventiva do mundo.” (GUIMARÃES, 2014).

Nomeei os encontros que tive com as crianças como “oficinas de criação de histórias inventadas”, em que fizeram parte tanto a contação como a criação de histórias pelas crianças. Ao falar sobre suas oficinas de criação literária com crianças, Reis (2012) nos mostra o que é necessário para ser escritor: ler muito e brincar muito, elementos que busquei trazer para as minhas oficinas. Porém, não as enquadro como oficinas de criação literária, primeiramente, por não ter a formação e a competência necessária para tal. Por isso, gosto de chamá-las de “criação de histórias inventadas”, pois assim tira-se o peso da estrutura textual e aproxima-se mais à brincadeira, ao faz-de-conta.

Todas as histórias selecionadas previamente foram contadas às crianças durante nossos encontros. Como comentado anteriormente, desde meu trabalho de conclusão de curso tenho me aventurado em algumas contações. Porém, foi somente no doutorado que comecei a me ater com mais profundidade ao estudo desta prática, principalmente pela centralidade que ela ocupa na pesquisa. Por isso, acredito que caiba aqui uma pausa para explicitar a noção de contação de histórias operada nesta pesquisa. A palavra “contação” é um neologismo referente ao ato de contar histórias e será tratada aqui como sinônimo de narração de histórias. A contação compreende tanto a narração oral ou, como dizem as crianças, o “contar histórias de boca ou de cabeça” (sem o uso do livro), quanto a narração com apoio do próprio livro.

Definindo-a mais teoricamente, a contação de histórias constitui-se uma prática de narração, que é entendida, segundo Bello (2004, p. 158), como “um espaço de recriação simbólica e estética, que ganha sentido

como troca entre artista e público, a exemplo de outras artes, numa relação direta.” Como nos fala lindamente Gilka Girardello (2003):

Durante a narração, a troca não ocorre apenas no plano da linguagem, mas também através do ar: pelo sopro compartilhado em que vibra a voz de quem fala no ouvido de quem escuta, pelo calor físico gerado pelos gestos de quem conta e de quem reage, pela vibração motriz involuntária – arrepios, suspiros, sustos – causada pelas emoções que a história desencadeia. (GIRARDELLO, 2003, p. 02-03)

Para planejar minhas contações, uma de minhas principais fontes de inspiração foi o livro “Uma clareira no Bosque”, de Gilka Girardello (2014). Em minhas oficinas, a maioria das histórias foram narradas com o apoio do livro e mesmo que não o lesse diretamente, este objeto funcionava como uma “rede de segurança” (GIRARDELLO, 2014) para mim que tenho pouca experiência na arte da contação. Por mais que tenha uma grande admiração pelas “histórias contadas de cabeça”, a narração a partir do livro foi a forma que possibilitou que eu me sentisse mais segura, e como afirma Girardello (2014, p. 24) “cada forma tem seu próprio valor, sua força estética, e é importante que ambas façam parte da vida da sala de aula.”

Antes de cada contação foi necessária uma intensa preparação, que se baseou principalmente na leitura da história repetidas vezes. Estas leituras não são apenas repetições mecânicas do texto e sim um trabalho de memorização e imaginação (GIRARDELLO, 2014). Porém, por mais que me preparasse, a contação só se faz ao contar. Por isso, gosto de pensar este momento também como um espaço de experimentação. É na relação com quem ouve e na percepção do que acontece nesse momento único e efêmero, que vamos aprimorando a experiência de narrar. Assim, aos poucos fui experimentando brincar com vozes diferentes, fazendo pausas em momentos estratégicos, trazendo gestos inusitados, sempre procurando, principalmente, divertir-me. A contação, além de um espaço de experimentação é também um espaço de encontros, encontro consigo mesmo, com o outro, com os sonhos que nos alimentam.

Os momentos de contação aconteceram sempre em roda no ambiente da própria sala de aula. Para que isso fosse possível, esse espaço, geralmente tão formatado com carteiras enfileiradas direcionadas para um quadro branco, foi totalmente transformado: colocamos as

carteiras de lado e montamos no meio da sala um grande tapete colorido para que as crianças pudessem ficar mais à vontade. No desenrolar das oficinas acabamos adotando a música “Uma história”²² do grupo Palavra Cantada como uma preparação para os momentos de contação. Esses pequenos rituais, sentar em roda, cantar uma música e contar uma história, ocorreram ao longo de todos os nossos encontros em que compartilhamos experiências, afetos e nos conectamos com a palavra do outro.

A importância dos rituais e das rodas de contação é bastante frisada no livro de Gilka Girardello (2014). Segundo ela, “as rodas de história são clareiras no bosque por excelência. Elas ajudam as crianças a desenvolver a escuta poética e a contar histórias também.” (GIRARDELLO, 2014, p. 68). Essa escolha pelas rodas de contação ocorreu principalmente por não querer só contar histórias às crianças, mas também ouvir as que elas tinham para me contar. Apesar do foco principal recair sobre as narrativas escritas criadas pelas crianças, as narrativas orais que surgiram após os momentos de contação também tem um importante valor para a minha pesquisa. Conforme afirma Campos (2016), trabalhar com as narrativas orais exige do pesquisador um olhar e, principalmente, uma escuta atenta, um “cuidado com o potencial de cada história” (CAMPOS, 2016, p. 23), princípios que busquei exercitar ao longo das oficinas.

Para cada contação procurei trazer algum elemento novo: objetos que remetiam à história, sons, cenários e até alguma comida para degustação, como o beiju que trouxe para o dia da contação de histórias sobre as crianças indígenas Ikpeng. Inspirada nas rodas da Revista Emília (apresentadas na produção audiovisual “Olhar do Leitor”), procurei criar tempos de silêncio após as contações e deixar que as crianças encaminhassem a conversa sobre as histórias. Posteriormente, ouvindo os áudios dos encontros, percebi que nem sempre isso foi possível. Por conta de minha ansiedade em querer saber o que as crianças tinham achado da história, acabava fazendo algumas perguntas que muitas vezes direcionavam a conversa.

Apostar na simplicidade e na potência dos livros foram ideias norteadoras na construção de minhas oficinas. Assim, não desejava carregar nossos encontros com muitas atividades, mas propus após os momentos de contação e conversa sobre as histórias um exercício narrativo, que algumas vezes foi feito apenas oralmente e em sua maioria escrito. Porém, muitas vezes ele configurou-se apenas na escrita de uma

²² Você pode conhecer a música a partir deste vídeo do grupo Palavra Cantada: https://www.youtube.com/watch?v=J_iz8FXxnPo

palavra ou uma frase, já em outras demandou uma escrita mais elaborada. A intenção era que ao final, todos esses exercícios narrativos compusessem o arcabouço para a construção das histórias, um enredo coletivo, para que cada criança a desenvolvesse à sua maneira. Voltarei a este ponto no quarto capítulo desta tese.

É importante explicitar também que a realização das oficinas contou com a participação da pedagoga, na época estudante do curso de Pedagogia, Larissa Goedert Cabral, que atuou como bolsista de iniciação científica. Sua participação foi essencial na composição das oficinas, não só auxiliando no seu registro, mas também atuando, em diversos momentos, nas contações de histórias às crianças. Com o desejo de ter diferentes registros das oficinas, além dos escritos e fotográficos, feitos por mim e pela Larissa, também utilizei um gravador que, mediante o aceite das crianças e da professora responsável pela turma, ficou ligado durante todos os nossos encontros.

Destaco que tudo que propusemos foi previamente explicado às crianças e desenvolvido mediante seu aceite em participar. Nas palavras de Reigota (1999):

Na pesquisa etnográfica (e nas pesquisas em ciências humanas em geral), comunica-se previamente aos interlocutores e componentes do grupo a ser estudado as intenções e objetivos da pesquisa. Assim, nem o pesquisador nem os seus interlocutores têm muito claro os caminhos que a pesquisa terá no decorrer do processo, mas partem de um pré-acordo comum entre as partes. (REIGOTA, 1999, p. 71).

Assim, mesmo numa pesquisa aberta à experimentação, ao improvável, partimos de um primeiro momento em que expliquei às crianças quem eu era e quais os meus objetivos de estar ali realizando uma pesquisa com elas. Expliquei que não eram obrigadas a participar se assim não desejassem, pedindo para que cada uma assinasse um Termo de Assentimento (APÊNDICE A). O Termo Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) também foi explicado e entregue para coletar a assinatura dos pais ou responsáveis.

Com esses apontamentos, posso afirmar que a construção das oficinas se orientou pelos princípios do fazer pesquisa *com* crianças (apresentado no primeiro capítulo desta tese), permitindo que elas pudessem participar efetiva e afetivamente deste processo investigativo,

desde a possibilidade de manifestarem seus desejos de participar ou não da pesquisa até a possibilidade de sugerirem, também, estratégias metodológicas a serem adotadas²³. Por fim, acredito que ao escrever sobre o processo de criação das oficinas permiti mostrar ao leitor(a) os diferentes caminhos trilhados, colocando em evidência os bastidores da pesquisa, muitas vezes mascarados por trás de pesadas cortinas. Esta pesquisa nunca pretendeu seguir por um caminho pré-estabelecido, nem seguir receitas metodológicas. Os caminhos e as possibilidades foram construídos e desconstruídos ao longo do próprio percurso, pois acredito que devemos preocupar-nos em nossas práticas pedagógicas com o “por quê” fazer e não apenas aceitar receitas prontas de “como” fazer (BARCELOS e SILVA, 2007). Nesta perspectiva, como propõe os autores (ibid., p. 144), é preciso “aceitar o desafio pós-moderno de fazer o mapa durante o caminho” e de “partir para o mar revolto (...) apenas com um rascunho em mãos”. Assim, apesar de ter um roteiro predefinido das oficinas (APÊNDICE C), um rascunho do que iria propor às crianças, o mesmo foi sofrendo diversas adaptações ao longo de cada encontro, pois foram pensados como espaço de experimentação, oficinas-encontro que se (re)inventaram a cada história compartilhada.

2.4 O local da pesquisa e as crianças narradoras

Desde o primeiro dia em que adentrei ao Centro Educacional Municipal Governador Wilson Kleinubing, o local de realização da pesquisa, fui muito bem recebida por todos(as). A escola está localizada no parque residencial Lisboa, bairro Forquilhas, situado no município de São José-SC. Foi construída para atender as necessidades desta comunidade, através do Decreto Lei nº 3341/99 da Prefeitura Municipal de São José, e inaugurada no dia 20 de agosto de 1999. Seu nome é uma homenagem ao ex-governador catarinense Wilson Kleinubing. A escola atende os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, além de possuir turmas de Educação de Jovens e Adultos.²⁴

²³ Algumas das sugestões advindas das crianças foram a realização de atividades fora da sala de aula (o que ocorreu em nosso quinto encontro) e trazer alguma comida (o que ocorreu em nosso último encontro em que organizamos um lanche festivo como despedida das oficinas).

²⁴ Para obter mais informações sobre a estrutura da escola é possível acessar os dados do censo do INEP de 2016 através do link: <http://qedu.org.br/escola/217436-cem-governador-wilson-kleinubing/censo-escolar>

Meu primeiro contato foi com a diretora da escola, quando apresentei a ela a proposta de realização das oficinas de contação e criação de histórias. Diante de seu interesse, fui convidada a retornar em outro dia para conversar com uma das professoras da escola que teria vontade de participar da pesquisa que estava propondo. No encontro com a professora, procurei deixar claro que o meu objetivo não era observar as suas aulas ou o seu trabalho, mas sim, desenvolver uma investigação *com* as crianças, tendo como principais objetivos contar histórias e propor algumas atividades que as estimulassem a contar suas próprias histórias. Ela prontamente aceitou participar e após combinarmos alguns detalhes das oficinas fui levada para conhecer a turma de 4º. ano com que iria trabalhar. As crianças pareceram muito animadas quando expus a elas meus objetivos e me pediram que ficasse ali com a turma até o final da aula, convite que não poderia recusar.

Ao final deste encontro, tão cheio de agradáveis surpresas, combinei com a professora que voltaria um outro dia, na companhia da Larissa, para passarmos uma manhã inteira com a turma, com a intenção de conhecer um pouco mais as crianças antes do início das oficinas em si. E assim, no dia 14 de agosto de 2015 chegamos cedo à escola Vilson Kleinubing para realizarmos uma observação da turma de 4º. ano com a qual iríamos conviver ao longo das próximas semanas. Passamos uma manhã muito agradável junto às crianças e já foi possível perceber o quanto elas são ativas e falantes.

As oficinas de criação de histórias inventadas foram compostas por onze encontros, sendo que estavam previstos inicialmente dez (como estava aberta às demandas das crianças e aos imprevistos que acontecessem o sexto encontro precisou ser ampliado). Os encontros com as crianças aconteceram semanalmente entre os meses de agosto e novembro de 2015, sempre às sextas-feiras pela manhã, com duração de uma hora e trinta minutos²⁵ cada (no período anterior ao intervalo para o lanche). Eles aconteceram, principalmente, no espaço da sala de aula e foram acompanhados pela professora responsável pela turma.

Para encerrar este capítulo sobre as oficinas de criação de histórias inventadas passarei agora a apresentar as crianças narradoras²⁶ que fizeram parte desta pesquisa, sem as quais ela não teria sido possível.

²⁵ Em nosso último encontro passamos a manhã inteira junto com as crianças para a realização de um lanche festivo.

²⁶ As oficinas iniciaram com a participação de 27 crianças, porém este número foi bastante variável ao longo dos encontros, reduzindo-se consideravelmente nos dias de chuva.

Respeitando-as em sua autoria deixarei aqui que as próprias crianças se apresentem, através de trechos das narrativas escritas por elas²⁷ em nosso décimo encontro, quando escreveram cartas às crianças *Ikpeng* contando um pouco de suas vidas.

- *Oi meu nome é Henderlayne, eu gosto de brincar de várias coisas, eu moro em Santa Catarina e estudo no CEM Vilson Kleinubing. Eu tenho dois cachorros e um coelho e tenho muitas amigas na minha escola e na minha rua e nós brincamos muito de várias coisas [...].*

- *Bom a minha vida é assim cheia de alegria. Eu tenho roupas, eu tenho TV [...] E tenho amigos, amigas e caderno. Eu tenho cadeira e minha vida é muito legal. [...] (Morgana)*

- *Olá, o meu nome é Maria Luiza e eu gostaria de mostrar a minha cidade. Ela tem brinquedos e a gente faz os nossos próprios brinquedos, a gente brinca de esconde-esconde, [...] tem várias brincadeiras e fim.*

- *Meu nome é Antônio. Eu moro em uma casa. Eu tenho um pai e uma mãe, eu tenho duas irmãs e um irmão. Eu todo dia acordo e vou para a escola e eu vou trabalhar com o meu pai. Eu chego em casa e vou brincar todos os dias com os meus amigos. [...]*

- *Oi, o meu nome é Karine, tenho 10 anos. Nasci em 2005 no Rio de Janeiro, mais eu vim para Santa Catarina. Eu tenho 5 irmãs contando comigo, meu pai teve 10 irmãos, agora só tem 6. [...]*

- *Olá, meu nome é Letícia e eu vou escrever agora como é o meu dia: ele começa bem cedo, eu levanto, vou tomar café depois vou para a escola. Nossos brinquedos não são quase sempre feitos por nós mesmos, é quase sempre comprado. [...]*

- *Eu moro numa casa grande e eu venho para a minha escola. Eu gosto de estudar e de brincar de pega-pega, mais a maioria do tempo fico jogando Xbox e no pc. (Kauan)*

- *Oi, meu nome é João Pedro. Eu moro numa casa azul, moro com meu pai e minha mãe e minha irmãzinha. Eu gosto muito de brincar de esconde-esconde, pique-bandeira e também futsal. Quando crescer quero ser jogador de futebol.*

- *Oi, meu nome é Bianka, eu tenho 10 anos. [...] eu gosto sim de brincar e muito mesmo. Eu faço alguns brinquedos, tenho animal de estimação e é um cachorro, é um filhote.*

²⁷ Fiz apenas pequenas correções gramaticais para facilitar a leitura das narrativas, como a inclusão de um acento ou de uma pontuação, mas sempre procurando respeitar as características próprias da linguagem infantil e seu caráter inventivo.

- *Eu moro no São José, o nome é Vitória. [...]*

- *Hoje eu vou contar a minha estória. Eu moro no Zenaide, na rua mais linda do mundo. A gente usa roupas de qualquer tipo, tomamos banho no chuveiro e na praia. Comemos feijão, arroz e carne. Gostamos de pescar e de carnaval. [...]. Eu moro com minha mãe, meu pai e eu. (sem autoria identificada)*

- *Eu me chamo Evelyn. Aqui nós temos roupas coloridas e etc. [...] Hoje em dia a gente não nada no rio, nós só vamos no chuveiro ou na praia. Aqui a gente usa biquíni [...]*

- *Eu tenho um pai e uma mãe mais uma irmã e um irmão [...]. Eu acordo, me arrumo pra vir pra escola, tomo café da manhã, escovo os dentes e espero a topique vir. Eu encontro os meus amigos e professores. Eu gosto de música, o meu estilo de música favorita é rock [...]. (Isabely)*

- *[...] Aqui na cidade tem muitas escolas, mas a que eu vou falar é o CEM Vilson Kleinubing. Ela é muito legal, tem muitos professores legais, é um pouco quente por causa dos carros. A maioria não gosta de peixe. Aqui a gente não caça animais, mas tem que trabalhar para ganhar dinheiro, para comprar comida. (Matheus)*

- *[...] Nós não conseguimos fazer alguns brinquedos, nós brincamos de pega-pega e de esconde-esconde. (Gustavo)*

- *Oi, eu sou a Sofia e eu vou falar um pouco da minha aldeia. Eu amo minha aldeia, ela é linda [...]. Eu vou na praia, eu uso biquíni, eu moro no Brasil, em São José. [...]*

- *[...] A gente tem tudo o que vocês imaginam, todo o tipo de ave e temos cachorro, gato, cavalo, burros, vacas, bois e muito mais também. [...] A gente tem brincos, colares, pulseiras, anéis, mas tem carro, moto, barcos e temos roupas, sapatos [...]. (Nicolly)*

- *O meu nome é Julia. [...] Aqui nós pegamos os peixes com varas de pescar peixe ou uma rede. Nós temos também a mandioca, nós chamamos de aipim. Nós usamos roupas, sapatos e algumas pessoas usam joias e maquiagem. Nós temos religiões [...].*

- *Olá, meu nome é Kamily. Eu moro em São José [...]. Eu estudo no colégio CEM Vilson Kleinubing, a minha casa é feita de tijolo e também tem galinha lá atrás da minha casa, tem árvores também, é muito legal [...].*

- *Hello, my name is Yasmin. I am Brazilian. [...] Agora eu vou falar em português porque eu não sei falar tudo em inglês... Eu moro no Brasil. A minha casa é bem bonita, o meu banheiro um pouco grande [...]*

- *[...] Crio os meus brinquedos, moro em Santa Catarina (SC), São José. [...]. (Kleber)*

- *Eu tenho uma família igual a vocês, que tem uma mãe e um pai, uma irmã, primos. Eu gosto de brincar como vocês, de várias coisas, só no lago que não fico pelada [...]. (sem identificação de autoria)*

- *Eu moro na cidade e tenho vários brinquedos e eu tenho um tablet e um celular. Isso é bem legal. (Emerson)*

- *Eu vou contar um pouco da minha estória. Eu, Ana, tenho 10 anos e eu moro em Santa Catarina. Aqui é bem legal, aqui tem aranha, aqui é muito grande e aqui tem bastante praia [...].*

3 CAPÍTULO III - OS ENCONTROS COM AS CRIANÇAS EM NARRATIVAS BRINCANTES

3.1 O diário como atuante na pesquisa

Após a realização das oficinas construí um registro narrativo das mesmas na forma de um diário. Ele foi composto a partir das anotações que fiz logo após cada encontro, no calor do momento, e que foram complementadas posteriormente com a transcrição dos áudios e com os registros fotográficos. Como nos falam Medrado *et al.* (2004, p. 278) “mobilizamos, em nossas pesquisas, atores que entram em relação, agenciando-se mutuamente”. Assim, tenho adotado como perspectiva metodológica o modo de pensar o diário como atuante na pesquisa, uma vez que esses registros “se constituem em ações que, portanto, produzem efeitos, mobilizam afetos, são atuantes em jogo.” (MEDRADO *et al.*, 2014, p. 277). Essa perspectiva defendida pelos autores considera o diário como uma cartografia de intensidades, em que narramos as “afetações” produzidas nos encontros com nossos interlocutores.

Os autores sugerem ainda que os registros narrativos sejam incluídos no *corpus* da pesquisa, pois já são por si só analíticos. Porém, optei por uma escolha um pouco diferente e não os incluí na tese, aventurando-me nessas páginas por uma outra forma de narrar. O registro que construí a partir das oficinas e que tenho nomeado de diário, transformou-se num arquivo pessoal de memórias. É através dele que me encontro mais profundamente com a pesquisa, com a escrita. Assim, o diário passa a ser “um ator/atuante que potencializa a pesquisa” (MEDRADO *et al.*, 2014, p. 278), que dispara outras narrativas. Por isso, escolhi apostar, como linha de composição da pesquisa, na criação de narrativas ficcionais em conversas íntimas com o que escrevi no diário.

“Diante da impossibilidade concreta de darmos conta da completude de nossas experiências de pesquisa e da renúncia da fidedignidade dos fatos” (MEDRADO *et al.*, 2014, p. 281), buscarei explorar aqui a ideia dos diários como produtores de narrativas ficcionais. Na companhia de Sheila Hempkemeyer (2016, p. 129), acredito que ficcionar a ‘realidade’ é “uma experimentação potente, criativa e libertadora”. Desta forma, busco, neste capítulo, uma experimentação inventiva com a escrita, através da criação de narrativas ficcionais, de narrativas brincantes (como venho nomeando/operando nesta pesquisa) sobre cada um dos encontros que tive com as crianças. Para essa escrita/experimentação decidi abandonar minha posição de narradora e

convidar para essa composição diferentes objetos²⁸ que participaram destes encontros.

No prefácio do livro *Ecologistas* de Marcos Reigota (1999), que tem inspirado a composição de minhas narrativas, Mary Jane Spink nos instiga a pensar: “Quanto resta de ‘verdade’ após tão complexos processos de registros e decodificação? E o que vem a ser ficção? Não seria ela o resultado de um processo criativo de digestão e recombinação de dados da realidade?”. Creio ser exatamente isto que busco alcançar com a criação destas narrativas, uma recriação criativa dos encontros tidos com as crianças a partir da digestão e recombinação dos fatos ocorridos, uma reinvenção dos registros presentes em meu diário através de uma escrita imaginativa brincante.

²⁸ A inspiração para a escrita tendo objetos como narradores veio do texto escrito por meu orientador, intitulado “Como escrever com os ruídos do mundo?” (GUIMARÃES, 2016).

3.2 As narrativas brincantes

Narrativa do primeiro encontro (história: Contra feitiço, feitiço e meio)

Ao entrar [as crianças] estranharam bastante, e mesmo as carteiras e cadeiras estando aglomeradas nos cantos da sala tentaram sentar em seu lugar habitual. Não sabiam como se posicionar no tapete, pareciam não estar acostumados a sentar no chão e em roda. Em alguns momentos algumas levantaram e voltaram às carteiras. Havia um certo desconforto ou desacostume... (Trecho retirado do diário)



Era para ser mais um dia comum como todos os outros: o sinal tocaria e a criançada ruidosamente entraria pela porta. Estaríamos lá a espera delas, devidamente enfileiradas junto às carteiras, prontas para servir de assento enquanto estudam e com uma distância exata de 50 cm entre cada uma de nós (na verdade, nem sempre nos organizam de maneira correta, deixando-nos tortas ou com uma distância irregular, o que me causa um profundo desgosto).

Sei que não somos lá muito confortáveis, afinal não fomos projetadas com o propósito de promover o conforto e sim de manter as

crianças em sua postura correta de aluno. Quando as crianças começam a escorregar por nós ou colocar os pés em cima de nosso assento logo contamos com a firmeza das professoras para lembrá-las de voltarem à postura de aluno. Porém, neste dia, não foi isso o que aconteceu...

Ainda estou tentando superar o trauma de ter sido tão negligenciada e conto para isso com o grupo de apoio dos mobiliários escolares defasados, do qual fazem parte muitas carteiras abandonadas no depósito da escola. São móveis fabulosos, a cadeira e a carteira compõem um único ser feito de madeira maciça, muito robusto e elegante, com espaço para acondicionar os tinteiros (pena que não os conheci) e a parte que mais admiro, os pés! Estes podem ser pregados ao chão, evitando assim serem arrastados. Ah que feliz eu seria se todos os dias quando acordasse estivesse milimetricamente à mesma distância de minhas companheiras!

Como parte de meu processo terapêutico fui aconselhada a falar sobre o ocorrido e é isso que irei fazer agora, narrando a quem tiver interesse e paciência este trágico dia que mudou minha existência para sempre. Tudo começou quando duas moças, aparentemente muito simpáticas, entraram na sala de aula exatamente 30 minutos antes do sinal tocar. Elas traziam consigo grandes quadrados coloridos e emborrachados de 1 m² cada, os quais eu nunca havia visto (ouvi mais tarde, em um dia de mutirão de limpeza da escola, uma colega da sala dos professores dizer que se tratavam de tapetes e que eles estavam depositados no banheiro feminino da escola, sem grande serventia).

Por que afinal elas haviam trazido esses tais tapetes para a sala de aula? Que serventia eles teriam lá? E a resposta para essas perguntas é chocante. Sinto até uma fisgada em meus parafusos ao dizê-la: aquelas duas moças, aparentemente tão simpáticas, queriam que as crianças sentassem nos tais tapetes! Um completo disparate, imagine você! É o pior ainda está por vir. Para colocar os tais tapetes na sala de aula elas simplesmente nos empurraram para os cantos, deixando-nos espremidas a aproximadamente 35,78 cm umas das outras. Já os quadrados coloridos e emborrachados foram encaixados formando um grande tapete retangular de 5x3 m que ficou lá todo espaçoso no meio da sala, esperando o momento da chegada das crianças.

Ao tocar o sinal, as crianças, como de costume, entraram ruidosamente e ao se depararem com aquele grande tapete colorido e emborrachado no meio da sala ficaram um tanto atordoadas. Como chegariam às suas carteiras? Como sentariam em suas preciosas cadeiras tão espremidas nos cantos da sala? E afinal, para que servia aquele tapete? Vendo o atordoamento das crianças que buscavam ir para seus lugares

habituais foi pedido a elas que se sentassem no tapete. E se já não bastasse esse ultraje, pediram ainda para que elas se posicionassem em roda. Na hora eu e minhas colegas nos questionamos: e a postura de aluno como fica?!

Buscando compreender tudo aquilo que estava acontecendo, ouvi com atenção a explicação de uma das moças, que passamos a chamar posteriormente de *a moça que carregava um baú de histórias*. Ela disse que estava convidando as crianças a participarem de uma pesquisa de doutorado (seja lá o que isso signifique) com contação de histórias. Explicou que contaria algumas histórias para as crianças e que gostaria muito que as crianças também compartilhassem com ela as suas histórias. Até aí tudo bem, afinal eu e minhas colegas adoramos ouvir histórias. Mas afinal, por que as crianças precisavam ficar sentadas no tapete e não em seus lugares habituais e na posição correta? Essa explicação ela ficou nos devendo...

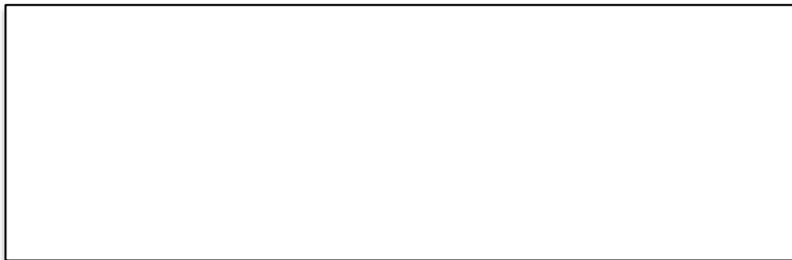
Continuei acompanhando atentamente toda a movimentação. As crianças estavam muito entusiasmadas com tanta novidade, tentando descobrir a todo custo o que tinha no baú de madeira depositado no centro do tapete e que elas julgavam ser um baú de tesouros. A moça da tal pesquisa de doutorado, antes aparentemente tão simpática e que agora despertava a minha desconfiança, abriu o baú que estava no meio da roda e tirou de lá alguns pequenos objetos: uma flauta, uma latinha, um saquinho com terra, um vidrinho com água, uma pedra, uma fotografia antiga. Esse momento foi de total descontrole dos corpos, as crianças voaram para cima do baú (queriam tocar nos objetos, pois não bastava apenas olhá-los) e falavam todas ao mesmo tempo. Comecei a sentir uma pressão em meus parafusos enquanto a observava conversar calmamente com as crianças sobre aqueles objetos. A outra moça, que passamos a chamar de *a moça de sorriso aberto*, também estava por ali, tranquila e sorridente, conversando com as crianças, fazendo anotações e tirando algumas fotografias.

Após esse momento, foi solicitado às crianças que retornassem à roda, pois era chegada a hora da contação de história. A moça da tal pesquisa de doutorado mostrou a todos um livro intitulado “Contra feitiço, feitiço e meio” e iniciou a sua leitura. Confesso que foi um momento agradável e que fez com que meus parafusos relaxassem um pouco, mas o que me deixou animada mesmo foi ver que algumas crianças estavam sentindo-se desconfortáveis naquele tapete e por livre e espontânea vontade voltaram a sentar em seus lugares habituais. O primeiro a fazer isto foi Antônio, meu fiel companheiro, que permitiu a esta humilde cadeira cumprir sua função de assento. Outras crianças, mais

rebeldes, esparramaram-se pelo tapete em uma postura totalmente inadequada, o que me deixou um tanto aflita.

O momento de tranquilidade passou e a moça que havia nos encantado com a história da bruxinha Elisa inventou de pedir às crianças para enfeitar o tal baú de objetos que havia trazido. Ela explicou que iria trazer aquele baú toda semana para os momentos de contação de história e por isso gostaria de deixá-lo bem bonito. Essa frase fez meus pés de metal rangerem: iríamos passar por isso novamente? Seríamos deixadas de lado por um tapete colorido e emborrachado toda semana? Para piorar meu desespero Antônio também se levantou e foi participar da tal atividade de enfeitar o baú. Observei que ele solicitou a ela se poderia ficar com a parte da tampa só para ele, o que foi negado com o argumento de que todos deveriam trabalhar coletivamente. Depois, ele propôs que um grupo de crianças ficasse responsável por cortar os tecidos enquanto que o outro grupo colaria os retalhos no baú, o que foi negado novamente por ela que estava com a ideia fixa de que as crianças deveriam trabalhar coletivamente, participando de todas as etapas do processo e compartilhando os materiais (algo que visivelmente não estava funcionando muito bem). Antônio e eu somos muito parecidos, ambos gostamos de organização (alguns dizem que excessivamente) e temos dificuldades de lidar com essas propostas coletivas. Gostamos de fazer nosso trabalho e sabemos que fazemos bem feito.

Finalizada a decoração do baú (se é que podemos chamar dessa forma aqueles pedaços de tecido cortados irregularmente e colados sem nenhum padrão ou simetria), foram distribuídos às crianças pequenos retângulos de papel para que escrevessem neles o nome de um objeto que gostassem muito, que fosse valioso para elas e que gostariam de guardar no baú. Achei essa proposta interessante e fiquei por alguns momentos refletindo sobre quais seriam meus maiores tesouros. Certamente, meus parafusos que me dão estabilidade e meu transferidor que me permite obter medidas exatas foram os primeiros da lista. E você caro(a) leitor(a), que objeto tão estimado, que tesouro, você gostaria de guardar neste baú? Após refletir e tomar sua decisão lhe convido a compartilhá-la conosco escrevendo no retângulo a seguir, com ângulos perfeitamente retos que desenhei com o auxílio de meu transferidor, o objeto escolhido:



Por fim, o sinal tocou. As crianças foram para o recreio e as moças, que eram aparentemente tão simpáticas, mas que causaram um imenso transtorno naquele dia que era para ser mais um dia comum como todos os outros, recolheram os tapetes e nos colocaram de volta em nossos devidos lugares, procurando respeitar a distância de 50 cm entre cada uma de nós (pelo menos isso elas fizeram!). Como temíamos, as duas moças voltaram para aquela sala de aula toda sexta-feira por mais 10 longas semanas para contar e ouvir histórias. Sentar em roda no tapete foi tornando-se um ritual cada vez mais comum e confortável às crianças. E mesmo após o fim das oficinas elas não se deixaram esquecer, uma fagulha transgressora tinha sido acesa e os tapetes nunca mais foram embora. Ficavam lá guardados em um canto da sala e de vez em quando voltavam à cena. A maioria de minhas colegas já se acostumou com a situação e dizem que eu devo aceitar essa mudança já que as crianças parecem tão felizes nos momentos em que estão sentadas nos tapetes coloridos e emborrachados. Por mais que elas sempre voltem para nossos assentos eu simplesmente não consigo lidar com esses momentos de abandono em que me transformo numa cadeira escolar sem serventia alguma...

Narrativa do segundo encontro (história: Formigas)

Disse que um dos objetos eu não tinha desenhado e sim trazido o objeto em si, já que ele foi pedido por várias crianças. Era o boneco. [...] Expliquei então que criaríamos coletivamente uma história para esse boneco e todas as crianças pareceram gostar da ideia. (Trecho retirado do diário)



Já morei em diferentes lugares. Nasci em Buenos Aires onde vivia na companhia de diversos *muñecos* e outros bichos de *paño*²⁹ (*perdón*, como sou *porteño* meu português *no* é perfeito). Lá fui escolhido por uma moça que me levou para morar com ela na cidade de Campinas-SP. Depois de um tempo nos mudamos para Florianópolis-SC, onde me encontro desde *entonces* em minha prateleira com vista para o mar. Neste lugar tranquilo, escuto o barulhar das ondas, do vento, da conversa

²⁹ Este simpático boneco de pano foi adquirido na encantadora loja “Sopa de Príncipe” localizada em Buenos Aires: http://www.sopadeprincipe.com.ar/catalogo/catalogo_munecos.php

animada das garças. Tenho uma vida que muitos considerariam pacata. Sou apaixonado por viver lentamente, gosto de observar os pequenos gestos, as sutis mudanças de tonalidade do céu ao longo do dia...

Eis que de repente fui lançado num *turbili3n* de acontecimentos. Carregado primeiro dentro de um velho baú de madeira, fui colocado no meio de uma sala nunca vista por mim anteriormente. Porém, mesmo diante de um espaço *muy* inusitado, o que mais chamou minha *atenci3n* foram os pequenos seres que estavam ao meu redor, chamados pelas pessoas grandes de crianças. Logo percebi que essas crianças se diferem das pessoas grandes, com as quais eu estava mais acostumado, em diversos aspectos. Elas eram bastante inquietas e ruidosas, com suas *miradas* curiosas, falas espontâneas e uma necessidade frequente de querer saber o que iria acontecer a seguir. Uma ansiedade que me incomodou bastante a princípio.

Estive na companhia delas por onze vezes e a cada encontro fui compreendendo esses seres um *pouquito* mais. Na primeira vez que nos vimos *no* interagimos *mucho*, fui apenas passado pelas *manos* de algumas das crianças, ficando grande parte do tempo dentro do amistoso baú, com quem acabei compartilhando bons momentos ao longo de nossa convivência. Já no segundo encontro, ganhei um papel de destaque e é sobre este dia que irei contar a vocês.

Nesta *mañana* em especial, fiquei posicionado por um tempo em cima do baú, enquanto as crianças ao meu redor faziam alguns exercícios de *respiraci3n* e alongamento. Creio que a *intenci3n* da propositora que conduzia a atividade, que por sinal era a mesma moça que havia me escolhido na loja de *muñecos* de Buenos Aires, era de tentar acalmar aquelas inquietas crianças, ressaltando a elas a importância de ouvirmos uns aos outros e de ouvirmos os sons do nosso próprio corpo. As crianças prestaram *atenci3n* por alguns momentos em sua própria *respiraci3n* e, ao alongar algumas partes do corpo, ficaram admiradas com os estalos gerados. Porém, ao final, quando questionadas se estavam mais tranquilas, responderam francamente que *no*.

Mesmo com uma leve *frustraci3n*, a moça que carregava um baú de histórias, como gostamos de chamá-la, deu prosseguimento às suas atividades retirando dele um livro para mostrar às crianças, o que logo fez com que o brilho retornasse aos seus *ojos*. Percebi que essa era uma prática comum aos encontros: a cada semana um novo livro e uma nova história a ser contada. Porém, aquele dia foi um *pouquito* diferente dos outros, pois o livro, o objeto em si, acabou despertando mais a *atenci3n* das crianças, do que a história que ele continha. Apesar de adorar as histórias, tenho um carinho especial por esses objetos. Ao lado da minha

prateleira com vista para o mar, há uma estante repleta de livros que gosto de admirar. Fico horas *mirando* as cores e desenhos das capas e os diferentes formatos de letras. Cada livro que chega traz consigo um mundo novo de descobertas...

O livro “Formigas”, escolhido para este dia, já era um velho conhecido meu. Sua *pequeña* capa esverdeada com formiguinhas desenhadas me chamava a *atención*. Assim, tamanha foi minha *admiración* ao ver que de dentro daquela *pequeñita* capa cabiam páginas e páginas, que coladas umas às outras chegavam a ultrapassar o tamanho daquelas crianças. Assim como esse inusitado livreto construí essa narrativa de uma forma que você também pudesse brincar com suas páginas. Fique à vontade de criar com elas novas formas de dobrá-las.

Quando a moça comentou que o livro só aparentava ser *pequeño*, mas que ao abri-lo ele ficaria bem grande, teve que ouvir alguns espontâneos comentários vindos das crianças:

- “Vai ler tudo?”

- “Professora, lê só um pouco.”

Novamente, percebi aquela leve *frustración* em seu rosto, mas que logo se dissipou ao abrir todo o livro no meio da roda e ver as *manifestaciones* de surpresa e *admiración* por parte das crianças. O livro trazia um poema sobre formigas e um dedo que atravessava o caminho delas. Após sua leitura, ela tentou explicar que o livro era um “poema-objeto”. Creio que as crianças *no* estavam *muy* preocupadas com a *explicación* e sim em experimentar o que seria esse tal poema-objeto. Para isso, puderam manusear livremente o livro disposto no meio da roda, acompanhando o caminho que as formigas faziam ao longo das páginas, com *miradas* e *manos* curiosas. Outras crianças já ansiavam por novidades e perguntavam insistentemente o que fariam a seguir. Teve até um menino, sempre muito falante e inquieto (o mesmo que tentou organizar a *decoración* do baú no encontro passado), que se ofereceu para guardar o livro, enquanto algumas crianças ainda o manuseavam, para que pudessem dar prosseguimento às atividades. Sendo eu, um apaixonado por viver a vida lentamente, por prezar sempre por uma *mirada* demorada e por uma escuta atenta, fiquei intrigado com esse anseio pelo que vem a seguir e em como poderia despertar nessas crianças o gosto pela *lentidón*. Com o tempo de convivência que tenho com a moça que carregava o baú de histórias, creio que ela também se questionava sobre isso.

Mergulhado em meus devaneios, nem percebi que estava, naquele momento, sendo o centro das *atenciones*. Foi proposto às crianças que elas criassem uma história sobre mim a partir de algumas imagens. Em

nosso primeiro encontro, as crianças tinham guardado no baú palavras que representavam alguns de seus objetos de desejo. Essas palavras-objetos escritas num pedaço de papel foram transformadas em desenhos-objetos que serviriam agora como *inspiración* para a *criación* da história. A única palavra-objeto que tinha se materializado em um objeto real era “*muñeco*”, no caso, eu.

A primeira coisa que inventaram foi um nome para mim. Achei engraçada essa *preocupación* em me dar um nome, pois sempre me reconheci simplesmente como *muñeco* de *pañó*. As crianças não conseguiam chegar a um consenso sobre qual seria o nome escolhido, até de boneco Vodú e *Caladón* propuseram me chamar. Por fim, o nome escolhido foi Chaves. Achei simpático e posteriormente compreendi que se tratava de uma homenagem a um personagem de *televisión muy querido* pelas crianças.

Escolhido o meu nome, novas características foram sendo criadas para mim a partir de perguntas, cujas respostas eram dadas pelos desenhos-objetos. As crianças também eram questionadas sobre outras possibilidades de respostas e por mais que a moça tentasse explicar que uma nova história estava sendo criada ali, elas acabavam sempre comentando algo relacionado à história do personagem da *televisión*. Assim como eu também não conseguia simplesmente desapegar de minha própria história e entrar na *invención* coletiva das crianças.

A última pergunta lançada foi sobre o lugar onde eu morava. Foi solicitado às crianças para fecharem os *ojos* e imaginarem as características deste lugar (qual o tamanho, onde está localizado, como são os seres que moram lá, como é o formato da casa). Apesar de ser muito feliz em minha prateleira com vista para o mar, neste momento me transporte até a loja de *muñecos* de *pañó* localizada no bairro de San Telmo, onde passei os primeiros meses de minha vida, e uma nostalgia preencheu meu *corazón*. Em seguida, os diferentes lugares imaginados foram materializados na forma de *deseños*, que após finalizados foram cuidadosamente guardados dentro de uma lata. Ao observar as crianças concentradas na *criación* de seus *deseños*, pude perceber que há sim momentos em que elas também perdem a *noción* do tempo. Sem pressa e sem ansiar pelo que vinha depois, ficaram ocupadas apenas com os traços de seus lápis de cor dando vida à sua *imaginación*.

Narrativa do terceiro encontro (história: O menino que colecionava lugares)

Perguntaram [as crianças] se os desenhos dentro da lata eram delas e por que eu havia colado imagens na sola do chinelo. Expliquei que era para representar a passagem da história que dizia que o menino tinha muitos lugares colados nos seus pés e perguntei a elas se reconheciam aquelas imagens. Depois de alguns chutes uma das meninas reconheceu que eram recortes de seus próprios desenhos. (Trecho retirado do diário)



Você já parou para pensar por onde seus sapatos já andaram? Que tipos de terreno estiveram em contato? Que cheiros e texturas sentiram? Será que eles possuem um local preferido para caminhar?

Quase que diariamente sou calçado para proteger os pés do frio piso de porcelanato do lar que habito. Apesar do piso frio o lar é bastante aconchegante. Vez ou outra sou levado a desbravar outros territórios, calçadas esburacadas, asfaltos, pedregulhos. Um dos meus favoritos são os gramados. Ah quanto aconchego eu sinto ao pisar neste macio tapete

de folhas! Algumas vezes sou levado a caminhar pela praia e por mais que adore estar perto do mar, o contato com a areia escaldante nos dias de verão deixa minhas borrachas fervendo (se você ainda não descobriu que tipo de calçado eu sou, dou uma dica: sou aquele chinelo popular vendido baratinho nos mercados de bairro, mas que atualmente passou a ganhar status de produto de exportação, chegando a custar pequenas fortunas em lojas fora do Brasil. Adivinhou?).

Num certo dia, em vez de ser calçado para proteger os pés e levá-los a caminhar por aí, fui lavado e escovado. Depois, colaram em minhas solas recortes de desenhos infantis. Por fim, não fui largado em qualquer canto da casa como de costume e sim, guardado dentro de um velho baú de madeira que tinha sido decorado com recortes de tecidos. Estava muito escuro e não conseguia enxergar nada, mas sentia a presença de outros objetos ali comigo. Acho que estavam todos se sentindo assim como eu, meio atordoados e sem compreender o que estava acontecendo, por isso ninguém fez nenhum comentário. Ficamos em silêncio por longas horas até sermos carregados, primeiro a pé, depois de carro, eu imagino, e por fim fomos deixados quietos.

De dentro do baú conseguia ouvir muitas vozes de crianças ao meu redor. Depois, passei a ouvir duas vozes suaves, porém um pouco desafinadas, cantando uma música. Uma dessas vozes me soou estranhamente familiar. Em seguida, o baú foi aberto. Que alívio! Essa voz tão familiar contava uma história e me resgatou de lá de dentro. Fui então, passado de mãos em mãos pelas crianças que olhavam curiosas os desenhos colados em minha sola. Fui manuseado, mas não fui calçado e as crianças davam muitas risadas ao olharem para mim. Sentia como se tivesse mudado de função, passando a ser algo como um brinquedo. Isso me fez lembrar um poema de um tal Manoel de Barros que certa vez me deparei quando uma rajada de vento o fez voar da escrivaninha caindo bem ao meu lado.

As crianças curiosas, assim como eu, sobre os desenhos colados em minha sola, perguntavam incessantemente o que eram. Ao olharem atentamente, algumas delas reconheceram seus traços. Foi quando explicaram a elas que se tratavam de recortes de cópias dos desenhos que tinham feito numa outra vez e que eles representavam a passagem da história que dizia que o menino tinha muitos lugares colados nos seus pés. Fiquei encantado com esta ideia e enquanto continuava sendo passado de mão em mão, o que me deixou um pouco tonto, me perdi em meus pensamentos, relembando alguns dos lugares que havia percorrido e que estavam colados em mim.

Depois fui colocado de volta ao baú e de lá pude acompanhar os eventos seguintes, já que o baú permaneceu aberto por um longo tempo. Assim, pude ouvir a moça da voz que me era tão familiar, a mesma que carregava um baú de histórias, conduzir algumas atividades com aquelas crianças. Primeiro ela começou a conversar sobre os lugares que já haviam visitado. Várias histórias foram contadas, muitas delas ao mesmo tempo, e a moça aproveitava as histórias que surgiam para comentar que os lugares também são compostos de texturas, cheiros, sabores, sons. Ela tentou então acalmar as animadas crianças e pediu a elas que fechassem os olhos buscando imaginar esse lugar que haviam visitado: o que viram, que sons ouviram, que sabores experimentaram, que texturas sentiram, que cheiros tinha esse lugar. Assim, aproveito e convido você leitor(a) a também experimentar este exercício imaginativo. Que lugar surge em sua mente?

Eu também imaginei o meu lugar e após esse breve momento de silêncio, uma atividade foi solicitada: as crianças deveriam transformar em palavras o que tinham imaginado. Pude ouvir que algumas delas reclamaram um pouco de ter que escrever. Em seguida, meus companheiros de baú também tiveram seu momento de destaque. Foi explicado às crianças que elas iriam preencher seus desenhos, feitos anteriormente, com elementos sensoriais e para isso eles foram retirados do baú um a um. Primeiros os papéis com diferentes texturas e cores. Em seguida, folhas de plantas com diferentes tonalidades, cheiros e texturas. Punhados de terra, pedrinhas, sementes e temperos. Percebi que alguns desses elementos eu já havia tocado com minhas solas em minhas andanças e cada um deles me remetia a uma sensação particular. Relembrar essas sensações é sempre muito agradável e diante desta instigante proposta, estendo o convite a você que nos acompanha: que tal desenhar o lugar que surgiu em sua mente e experimentar através dele diferentes cores, traços, texturas, cheiros?³⁰

As animadas crianças voaram para pegar o quanto fosse possível de materiais enquanto as duas moças ali presentes tentavam organizar a bagunça. Logo aquele ambiente se tornou um lugar de experimentação com os diversos elementos disponíveis. Elas recortaram, colaram, descolaram, esparramaram. Diferentes texturas foram sentidas, dedos

³⁰ Para esta brincadeira/experimentação você pode usufruir dos elementos brincantes disponibilizados na caixa que acompanha esta tese: lápis de cor, giz de cera, papéis coloridos, saquinhos de terra, sementes, ervas e condimentos, etc... Além disso, ao final desta narrativa há um papel especial para a criação do seu desenho.

foram sujos de cola, de terra, temperos derramados nos desenhos e também no colorido tapete emborrachado onde estávamos agrupados. Uma mistura de cheiros foi criada naquele ambiente, uma verdadeira alquimia.

Ao final um forte sinal tocou. Os desenhos, agora totalmente transformados pela presença de elementos sensoriais, foram cuidadosamente guardados um a um no baú. E nós ficamos ali meio espremidos, novamente sendo carregados de um lado para o outro até chegarmos ao nosso lar. De volta à rotina, fui calçado para andar no frio piso de porcelanato, mas os sorrisos daquelas crianças, a mistura de cheiros e sons ficaram colados em mim para sempre.

Narrativa do quarto encontro (história: A bicicleta epileptica)

Conversamos bastante sobre o que seria essa tal bicicleta epileptica. [...] As crianças até pegaram um dicionário para procurar o significado da palavra e não o encontraram. Encontraram apenas epileptica. Conversamos então que era uma palavra inventada pelo autor. (Trecho retirado do diário)



Sou um aficionado pela Língua Portuguesa e por conta disto, muitas vezes, sou deixado de lado por ser considerado esnobe. Confesso, tenho o costume de corrigir quando alguém, seja próximo ou desconhecido, pronuncia ou escreve uma palavra incorretamente. Já li que isso é chamado de pedantismo gramatical e tenho buscado melhorar. O que tem auxiliado muito esse meu processo de reabilitação é a minha convivência com as crianças e sua forma particular de comunicação.

Por um longo período de minha existência, fui um imponente dicionário pertencente à suntuosa e organizada biblioteca particular de uma Professora de Língua Portuguesa. Com minha bela e austera capa de couro e páginas impecáveis, sem nenhuma rasura ou amassado, era

raramente folheado. O que considerava bastante aprazível, pois nunca gostei de dedos gordurosos manchando minhas alvas páginas. Com o pouco uso, acabei sendo doado para uma escola e fui parar em uma sala de aula, onde cerca de 30 crianças, quase que diariamente, passaram a folhear as minhas páginas, descobrindo novas palavras e seus significados. Com o passar dos dias, fui tornando-me amarelado, amarrotado e a minha bela capa de couro, desgastada. Todavia, passado o choque inicial de ver-me tão deteriorado, fui aos poucos percebendo que finalmente eu estava sendo útil.

Um episódio marcante desta minha nova e instigante vida na sala de aula que me fez compreender que não devo preocupar-me tanto com a forma correta de apresentar os vocábulos e sim, se a mensagem almejada foi transmitida, ocorreu quando duas jovens mulheres apareceram para contar uma história totalmente sem nexos às crianças. Esta história tinha um título um tanto inusitado, “A bicicleta epiplética”, e logo eu e as crianças nos questionamos:

- “Hã?! O que é epiplética?”

As jovens mulheres disseram então que iríamos procurar descobrir juntos e solicitou que prestássemos atenção na história. A narração foi um tanto pitoresca, as crianças deram muitas risadas, principalmente nos momentos em que uma delas, nomeada por alguns como a moça de sorriso aberto, fazia uma espécie de sonorização da história. Ao final, as crianças puderam conversar sobre suas impressões e suas dúvidas, e o que seria essa tal bicicleta epiplética voltou à cena. Algumas delas buscaram dar um significado próprio ao vocábulo:

- “Uma bicicleta fantasma, que apareceu do nada.”

Outras foram buscar-me na estante para procurar o significado correto da palavra em minhas páginas. Porém, como eu já presumia, não o encontraram. Depararam-se apenas com uma palavra semelhante, epilética. Fiquei extremamente desapontado, afinal sempre ofereço com exatidão as respostas que as crianças procuram. Neste momento, a outra jovem mulher, nomeada de a moça que carregava um baú de histórias, proferiu algo que me pareceu totalmente despropositado naquele momento: epiplética seria uma palavra inventada pelo autor e as crianças poderiam criar coletivamente um significado para ela. Fiquei tão perplexo, não compreendia como um escritor poderia trazer para o seu livro, e logo no título, uma palavra que não existe. Era um ultraje! E o que mais me deixou estarecido foi que para as crianças inventar uma palavra e um significado para ela parecia algo comum, corriqueiro.

- “Ele quis que a bicicleta fosse muito misteriosa.” Disse uma das crianças.

Foi neste momento que a situação saiu do controle, beirando à insanidade: as duas jovens mulheres, inspiradas pelo livro, propuseram às crianças que elas também inventassem palavras que não existiam nos dicionários. Para isso foram passando de mão em mão uma lata contendo diversos pedaços de letras recortados. As crianças escolhiam aleatoriamente algumas letras e em um pedaço de papel montavam suas palavras inventadas. Fascinantemente, elas pareciam bem envolvidas e felizes em realizar esta tarefa, que para elas tornou-se uma brincadeira. Comentavam umas com as outras as palavras que tinham criado, enquanto eu, depois de ter sido completamente inútil em fornecer o significado do tal vocábulo, fiquei ali abandonado no meio da roda.

Em seguida, uma nova proposta estapafúrdia foi lançada às crianças: criar coletivamente uma história com as palavras inventadas previamente. A maioria das crianças ficou animada com a ideia, porém algumas delas pareceram um tanto desconfiadas. Como criariam uma história com palavras inventadas? Não ficaria totalmente sem nexos? Para motivá-las, foi solicitado que usassem a imaginação. E como eu, uma coleção completa das unidades lexicais da Língua Portuguesa dispostas em ordem alfabética acompanhadas da sua significação equivalente³¹, poderia ter imaginação? Para as crianças isso pareceu estranhamente natural e elas acabaram envolvendo-se na brincadeira imaginativa criando a história mais sem sentido que eu já me deparei em toda a minha longa vida. Tentarei reproduzi-la aqui, da maneira que ficou registrada em minha memória (fiz algumas correções gramaticais logicamente, pois ainda não estou totalmente curado de meu pedantismo gramatical):

“Numa manhã ensolarada, Chaves saiu apressado para a escola, pegou seu cliolifaos e foi. Chegando lá ele fez um minoofiix. Chegando na sala, ele aprendeu a falar inglês com um covimopaque. Ele nunca esqueceu o seu brinquedo macacoboma. No parque, ele conheceu uma planta medicinal chamada fecrausaxu. Ele foi no parque brincar de graosobabe e encontrou seu amigo Seledamaso. No outro dia, ele foi à escola e achou doladesedi. Ficou com tanto medo que fugiu da escola e foi parar numa fazenda com um fazendeiro chamado Tuamapeci. Conheceu uma menina chamada Meralebrage e andou num cavalo Belautali. Conheceu o carro dos seus sonhos, climalemove e conheceu uma moça chamada Demepatelha. Ele foi na sala jantar e disse jaétrato.

³¹ Significado da palavra “dicionário” retirada do Dicionário online Michaelis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=dicion%C3%A1rio>

Ele se machucou e foi para o hospital com uvadipig. Chegando lá no quarto, ele encontrou um brinquedo chamado pacobilaza, mas quando ele abriu o brinquedo, viu que era uma cache de rabu. E achou uma sedaseiafo. Foi para a casa e brincou com seu amigo Crinigu. Foi viajar para a cidade de Cepaguquedi. Chegando lá, ele foi na sorveteria e pediu o sabor tonagadofe. Ele foi para o hospital e tomou anigasoro. Voltando do hospital, ele pediu um hambúrguer de querajamifi e foi numa loja de brinquedos onde viu o novo brinquedo reabebroão. Depois de tantas aventuras o Chaves descobriu que tinha reasdetite, que era uma espécie de resfriado com bronquite.”

Fiquei por muito tempo rememorando tudo o que aconteceu neste dia, a história criada e todas as palavras inventadas que não se encontravam em minhas páginas. Para minha grata surpresa, mesmo após um longo período de indignação, comecei a me encantar por elas, a criar também novos significados para elas, sem me ater em como seria a sua forma gramatical correta ou se aquela combinação de letras era realmente possível na Língua Portuguesa. Quando dei por mim, estava a imaginar outras histórias para essas palavras inventadas. Assim, motivado por essa mudança de perspectiva, por repensar regras e estruturas que tinha como verdadeiros dogmas, propiciado pelo convívio com as crianças, convoco você prezado(a) leitor(a) a também criar suas próprias palavras e dar a elas significados. E por gentileza, compartilhe conosco suas criações!

Narrativa do quinto encontro (história: O menino que carregava água na peneira)

A palavra caos resume este encontro... Achamos que seria o último dia da Carol, mas ela já tinha ido embora na quarta-feira e uma nova professora estava ali em seu lugar. Ela tinha chegado exatamente naquele dia, não tinha nenhuma familiaridade com a turma e nem sabia que estaríamos presentes nas manhãs de sexta-feira. (Trecho retirado do diário)



Tenho auxiliado as duas moças todas as manhãs de sexta-feira nessa tal oficina de criação de histórias que elas inventaram a registrar tudo o que acontece, todas as falas ditas por elas e pelas crianças (dentro dos limites que minha capacidade de captação de áudios permite). Minhas memórias não mentem, são registros fidedignos da realidade, por isso, muitas vezes, são utilizadas como provas de um fato. E isso acaba incomodando algumas pessoas que tendem a me chamar de fofoqueiro. Imagine só! Eu sei que às vezes falo demais e posso até dar interpretações equivocadas a determinadas situações, mas não consigo me conter. Faz parte de quem eu sou, por isso preciso contar a vocês como foi esse dia, exatamente como está registrado em meu corpo bisbilhoteiro.

Vocês devem estar acompanhando pelos relatos anteriores de meus colegas que também participaram das oficinas que até agora tudo estava ocorrendo muito bem, com as crianças e as moças saindo sempre felizes desses encontros. Porém, neste dia, as coisas foram um pouco diferentes... Como de costume, elas chegaram cedo para arrumar a sala e me colocaram no centro do tapete. Ao tocar o sinal, uma surpresa as aguardava. A professora da turma, que nos acompanhava até então, entrou de licença e uma nova professora chegou na turma exatamente naquele dia, sem conhecer as crianças e sem saber da existência das oficinas nas manhãs de sexta-feira. Bom, vocês sabem como são as crianças, quando elas se apegam a alguém você não pode simplesmente substituir essa pessoa por outra esperando que elas aceitem tranquilamente. E com aquela turminha não foi diferente. Até um grito de guerra elas entoaram, que eu reproduzo aqui para vocês:

- “Olê olê olê olá Carol fica!”

Imagine a situação embaraçosa que foi gerada. As duas moças pareciam perdidas e pelos cochichos que consegui captar pude perceber que elas não sabiam se pegavam suas coisas e iam embora para dar espaço para que a nova professora e a turma se conhecessem com calma ou davam prosseguimento às atividades já planejadas. Neste momento, a Diretora da escola entrou na sala para apresentar oficialmente a professora à turma, aproveitando também para explicar a ela sobre a realização das oficinas nas manhãs de sexta-feira. Com a presença da Diretora a situação acalmou-se momentaneamente, permitindo que a roda fosse organizada e as atividades iniciadas.

Como de costume, a moça que carregava um baú de histórias procurou relembrar a história do encontro anterior, mas as crianças não estavam muito afim, diziam que já tinha passado muito tempo e que não lembravam, mesmo estando registrado em minhas memórias que as crianças tinham adorado a contação da semana passada. Após cantarem a música “Uma história”, o ritual que estabeleceram antes de cada contação, ela explicou que lia o poema “O menino que carregava água na peneira” de Manoel de Barros. As crianças, nessa hora, começaram a ficar mais interessadas, buscando achar explicações racionais sobre como o menino conseguia carregar água na peneira. Durante a contação, elas ficaram em silêncio, prestando atenção, como consta em meus registros.

Após a leitura, conversaram um pouco sobre o poema, principalmente sobre as palavras que não conheciam o significado. Peraltagem foi a primeira palavra que perguntaram e quiseram procurar diretamente o que significava no dicionário, que não se mostrou muito disponível por ainda estar um pouco chateado desde o encontro anterior.

As crianças foram estimuladas a primeiro tentar descobrir o significado a partir da própria história. Um menino sugeriu que peraltagem era o mesmo que uma criança atentada. A palavra orvalho surgiu depois e uma criança falou que era um tipo de madeira, outra criança que era uma plantinha.

Chamou a atenção delas o trecho do poema que dizia que o menino podia ser noviça, monge e mendigo ao mesmo tempo. As crianças se apegaram somente à questão de gênero, pois achavam que já que ele era um menino não poderia ser uma noviça. Tenho registrado em minhas memórias que esses estereótipos de menino e menina já apareceram em outros encontros, principalmente quando criaram a história do Chaves, ao falarem que ele não poderia ter uma bolsa, o que deixou meu amigo, que adora sua bolsa de bolinhas, muito chateado. Por fim, surgiu a palavra despropósito e trechos do poema foram mencionados para exemplificar, como “roubar um vento e sair correndo” e “criar peixes no bolso”. As crianças buscavam explicações racionais e um menino disse ser o contrário de propósito.

Meus registros estão bastante confusos nessa hora e essas foram as palavras e significados dados pelas crianças que consegui identificar. Por conta de toda esta agitação a nova professora decidiu intervir chamando enfaticamente a atenção das crianças:

- “Quaarrtto aaano!!!”

Essas chamadas de atenção foram constantes e só funcionavam momentaneamente. Dando continuidade às atividades, a sala de aula foi reorganizada para que pudesse ser exibido o vídeo “Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo” referente ao poema. O vídeo pareceu despertar a atenção das crianças, que quase não falaram enquanto o assistiam. Ao final, como só um trecho foi exibido, pediram que passassem o filme completo, mas por conta do atraso no início das atividades, as moças falaram que não daria tempo e que o passariam em um outro dia (promessa que foi realmente cumprida, conforme meus registros).

Após este breve momento de tranquilidade, um novo caos foi instaurado. As moças tiveram dificuldades de reorganizar a roda e explicar a atividade seguinte. Falaram assim meio rapidamente o que era para ser feito (criar um significado para as palavras inventadas no encontro anterior). Muitas crianças não entenderam ou talvez não tenham ficado motivadas a fazer o exercício proposto. Consegui registrar essas duas falas em meio ao falatório geral:

- “É muito difícil, eu não sei o que significa.”

- “O significado da palavra é eu não sei.”

Consegui captar um cochicho em que a moça que carregava um baú de histórias pedia à moça de sorriso aberto para ir agilizando a confecção das peneiras com as crianças que já haviam terminado a atividade. Elas estavam bastante preocupadas se dariam conta de fazer todas as atividades previstas. As crianças estavam muito agitadas, falavam todas ao mesmo tempo, brigavam entre si, deixando as duas moças quase loucas. Esta parte do meu registro é bastante tumultuada, mas é possível perceber que mesmo elas, sempre tão tranquilas e pacientes com as crianças, acabaram levantando seus tons de voz. Ao fundo também escutamos crianças entoando o coro novamente:

- “Olê Olê olê olá Carol fica!”

Quando finalmente todas as crianças estavam em posse de suas peneiras, houve uma tentativa frustrada de explicar a elas como seria a brincadeira. Novamente a professora interveio com seu imponente tom de voz pedindo silêncio. Quando uma nova tentativa de explicar a brincadeira foi iniciada uma funcionária da escola bateu na porta e veio chamar a turma para assistir a uma contação de histórias que iria acontecer naquele momento. As moças e a professora pareceram ter ficado atônitas, pois acredito que não estavam cientes desta programação. Nessa hora, consegui captar a conversa entre elas decidindo o que fazer. A moça que estava até então tentando explicar a atividade (a que carregava um baú de histórias) disse que seria ótimo participar da contação, se isso tivesse sido planejado com elas anteriormente, mas que naquele momento não tinha como dizer às crianças que não iriam mais fazer a brincadeira com as peneiras. Algo que estavam ansiando tanto. A professora concordou, comunicando à funcionária que a turma não participaria da contação.

As crianças foram organizadas em duplas e foi explicado que elas compartilhariam as bolhas de sabão para fazer a brincadeira de carregar água na peneira. As crianças atravessaram a porta animadamente. Mesmo de longe ainda consegui captar seus gritos de euforia por saírem da sala de aula para brincar. Foi quando me dei conta de que tinha sido esquecido ali, no meio do tapete, gastando minha bateria para registrar apenas o silêncio e, vez ou outra, um canto de pássaro ou um barulho de caminhão passando na rua. Como não fui levado para fazer o registro fidedigno da tal brincadeira de carregar água na peneira, vocês nunca poderão saber exatamente o que aconteceu. Porém, pela alegria que consegui captar das crianças, deve ter sido algo realmente divertido. O que me fez ter a seguinte ideia: o que você acha de parar um pouco esta leitura (afinal já foram 81 páginas) e brincar também de carregar água na peneira? Como não pude registrar a brincadeira, você terá que inventar o seu próprio

modo de brincar³². O que posso contar foi o que ocorreu depois. Como fiquei ligado por todo esse tempo captei o momento exato em que as moças entraram na sala. Suas vozes e sussurros indicavam cansaço. Elas ainda tinham que arrumar toda a sala e o último registro que captei antes de ser desligado foi este:

- “Não sei nem por onde começar”.

Entre encontros: Um desabafo³³

Momento de crise... Adiei o planejamento com a Larissa para repensar as oficinas. Sinto que estou me desviando dos objetivos iniciais de deixar que as crianças e as histórias conduzam as oficinas. Comecei a planejar muitas coisas e a me preocupar demais em dar conta de fazer tudo o que havia planejado. Semana passada foi um caos, sei que foi uma situação atípica, mas com este propósito de querer dar conta de tudo deixei de lado outras coisas muito importantes, deixei de ouvir mais as crianças, de conversar mais com elas, acho que nem parei para respirar. Hoje vou parar, ouvir os áudios, ver as fotos e produções das crianças e repensar as próximas oficinas com calma. Minha rotina agitada não tem me permitido muitos destes momentos de reflexão, por isso preciso aproveitá-lo. Estamos na metade das oficinas e não quero simplesmente dar conta de meu planejamento.... (Trecho retirado do diário)

³² Para isso há na caixa de elementos brincantes uma peneira, que você pode decorar com fitas e papel crepom, e um potinho de bolhas de sabão.

³³ Optei por trazer esse relato do meu diário, pois ele demonstra as inquietações que estava sentindo naquele momento e que refletiram em algumas modificações que fiz posteriormente na organização das oficinas.

Narrativa do sexto e sétimo encontro (história - A árvore vermelha):

Percebi que a maior dificuldade foi conseguir trabalhar coletivamente e não a escrita em si. Estavam focadas [as crianças] na atividade e mesmo tendo dito antes que não gostavam de escrever, pareceu que as imagens tinham conseguido mobilizá-las para a escrita. (Trecho retirado do diário)



Quando recebi o convite para compor essas narrativas confesso que ponderei muito antes de aceitá-lo. Tenho paixão pelas palavras, adoro brincar com elas, mas muitas vezes minha timidez coloca uma barreira quase intransponível entre nós. Nesse dia, estava lá bem guardado dentro do estojo, mas pude ouvir toda a movimentação que acontecia ao meu redor. Já era a sexta semana que aquelas duas moças vinham até a escola contar suas histórias. Em alguns desses encontros, fui retirado do estojo para timidamente realizar um pequeno exercício de escrita. Dessa vez, porém, foi um pouco diferente.

Tudo parecia desenrolar-se como de costume, apesar da disposição da sala estar um pouco diferente, com as carteiras e o tapete, que não se gostavam muito, dividindo o espaço amigavelmente. As crianças sentaram em roda e cantaram a música que antecede a contação de histórias, só que desta vez, não houve contação e sim uma conversa sobre as oficinas. A moça que carregava um baú de histórias pediu às crianças que a ajudassem a lembrar de todas as histórias trabalhadas até então. Senti que era uma forma de aproximar a professora recém chegada de tudo o que estava acontecendo ali naquela sala de aula nas manhãs de sexta-feira.

As crianças estavam tranquilas neste dia, esperavam sua vez para falar, conversando sem pressa e ansiedade para o que viria a seguir. Meu colega Chaves deve ter ficado surpreso! Assim, a conversa pode ser conduzida com calma e aos poucos todos os livros foram sendo lembrados. Sobre cada um deles as crianças comentaram detalhes que ficaram marcados: o baú da bruxinha Elisa; o caminho das formigas; a lata do menino que colecionava lugares; da bicicleta epiplética lembraram de vários detalhes mencionando animadamente que era a história mais legal; por fim falaram da brincadeira com as peneiras e do menino que gostava de escrever. Após essa conversa sobre os livros, foi lembrado o propósito das oficinas, de contar e criar histórias. E que ao final, essas histórias seriam reunidas para compor um livro. Fiquei um tanto ansioso com essa ideia. Seria eu utilizado para a escrita de um livro? Quanta responsabilidade! As crianças ficaram animadas com a proposta, falaram em ficar famosas e ganhar dinheiro com o livro. Porém, tamanha foi a minha surpresa, quando ao serem questionadas sobre o que menos tinham gostado das oficinas até então as crianças responderam majoritariamente: escrever!

As moças sentiram necessidade de conversar um pouco sobre isso e falaram da liberdade que a escrita permite. Depois, mesmo com medo de que as crianças pudessem recusar, propuseram uma atividade de escrita coletiva a partir das imagens do livro escolhido para este dia, “A árvore vermelha”, antes mesmo da contação ocorrer. Para isto, pediram às crianças que se dividissem em pequenos grupos e escolhessem uma das imagens que estavam dispostas no tapete. A ansiedade de escolher a imagem era tanta que mal prestaram atenção nas explicações. Quando foi solicitado que a história tivesse pelo menos 10 linhas, questionaram:

- “Pode mais?”

Por estar guardado no estojo, não pude ver as expressões das moças ao ouvirem a tal pergunta, mas não tenho dúvidas de que tenha sido um misto de alegria e alívio por verem que as crianças não reclamaram de ter

que escrever. Pelo contrário, queriam até escrever mais do que havia sido solicitado. Nesse momento, fui retirado do estojo e convocado a trabalhar na escrita do texto. Os dedos que me seguravam, um tanto inquietos, pareciam ansiosos por iniciar a tarefa solicitada. As crianças olhavam para as imagens escolhidas fixamente, criavam mil possibilidades narrativas. Esqueceram completamente do fato de não gostarem de escrever, como haviam dito anteriormente, e estavam completamente imersas em suas composições. Enquanto muitos de meus colegas já iniciavam a escrita das histórias eu continuava ali, sem desenhar nenhuma letra na página em branco. Por mais que os dedos que me seguravam ansiassem pela escrita eu estava completamente imóvel. Não conseguia cumprir meu papel de transformar em escrita as histórias imaginadas.

Tenho amor pelas palavras, traço-as com a maior dedicação, mas começar uma escrita nunca é uma tarefa fácil para mim. Preciso vencer meus medos e superar a angústia das tantas vezes que eu e a menina portadora dos dedos que me seguram fomos avaliados por olhares críticos que só estavam preocupados se tínhamos escrito uma letra no lugar errado em vez de perceberem a riqueza que estava por trás de alguns erros de ortografia. Tenho pesadelos constantes com as canetas esferográficas vermelhas que possuem prazer em rabiscar minhas produções e de meus colegas.

Os dedos que me seguravam começaram a ficar cada vez mais ansiosos. Foi então que aquela voz doce com a qual estava tão familiarizado sussurrou para mim:

- Não precisa ficar nervoso, nós vamos conseguir fazer isso juntos. Tenho uma história muito legal para contar e tenho certeza que você vai adorar escrevê-la.

Essa voz sempre me acalma e me dá a segurança que preciso para superar minha timidez. Vencida esta barreira, senti seus dedos me segurarem com mais firmeza e juntos iniciamos a escrita, cuidadosamente, letra por letra. Não sei quanto tempo se passou, estávamos juntos imersos em nosso processo criativo quando ouvimos alguém falar que o sinal já iria tocar. Os dedos assustados me soltaram. A grande maioria das crianças ainda não tinha finalizado suas histórias e por isso, a moça que carregava um baú de histórias disse para que ficassem tranquilas, pois retomariam a escrita no próximo encontro. Fiquei aliviado ao saber que poderia continuar a escrever. Depois de superar meu maior desafio, estava dedicando-me de coração a esta tarefa. A história estava ficando fantástica e não seria justo se nós não pudéssemos finalizá-la.

Uma semana se passou e a tão aguardada manhã de sexta-feira chegou. Após o ritual de sentar em roda e cantar a música as crianças

retornaram para suas carteiras com a missão de finalizarem suas histórias. Percebi que algumas já tinham terminado e passaram a se dedicar a criação de uma ilustração para compor, como elas próprias denominaram, uma capa para a sua história. Outras aventuraram-se sozinhas na escrita de uma nova história.

Fui prontamente retirado do estojo e logo iniciamos o processo de escrita. Dessa vez tudo fluiu de maneira muito mais tranquila, sem bloqueios paralisantes causados por minha timidez. Estava envolvido naquela criação e desejava vê-la concluída. Nos empenhamos e no tempo proposto conseguimos alcançar nosso objetivo. A história estava pronta e nós dois felizes e orgulhosos de nosso trabalho!

Quando todos terminaram uma nova tarefa foi solicitada, só que esta não foi tão bem aceita: os grupos deveriam trocar as histórias e as respectivas imagens entre si, para conhecerem a história dos colegas e ver se perceberam alguma coisa de diferente na imagem escolhida. Algumas crianças (e alguns lápis) reclamaram de ter que trocar suas histórias, provavelmente por vergonha de que outros a lessem, mesmo sendo ressaltado que não havia uma história certa ou errada, o que não ajudou muito para que eu me tranquilizasse. Seríamos eu e minha fiel companheira de escrita mais uma vez avaliados apenas por nossos erros ortográficos? Porém, contrariando minhas pessimistas previsões, essa experiência foi bastante diferente do que eu estava acostumado. As crianças não liam as histórias em busca de erros, preocupando-se apenas com o que aquela combinação de palavras tinha para lhes dizer.

Passado algum tempo, as crianças retornaram à roda para compartilhar suas impressões após a leitura da história dos colegas. Estavam concentradas nessa hora e bastante envolvidas com o compartilhamento das histórias. Foi um momento muito rico de trocas de ideias sobre as imagens e sobre como elas dispararam histórias totalmente diferentes. Achei esse fato muito interessante e por ter presenciado as crianças tão envolvidas nesta escrita com imagens, gostaria de fazer uma pausa para lhe propor um pequeno exercício: escolha uma das imagens do livro³⁴ e escreva um pouco sobre elas. O que esta imagem lhe faz pensar? Que palavras lhe surgem ao olhar para esta imagem?

Como de costume, a manhã passou depressa. Faltava pouco tempo para o toque do sinal e as moças aproveitaram os minutos restantes para

³⁴ Todas as imagens foram digitalizadas e serão disponibilizadas *on line*. Você também pode ver algumas dessas imagens impressas no item 4.3 - Escritas imaginativas brincantes com imagens e histórias. Para a escrita uma folha será disponibilizada ao final desta narrativa.

fazer a contação da história presente no livro. As crianças estavam tão atentas que mesmo quando o sinal tocou no meio da contação elas não dispersaram. Para finalizar minha narrativa, gostaria de registrar que esses dois encontros foram muito importantes para que eu me sentisse mais seguro e me aventurasse em novas composições junto à menina dos dedos que me seguram.

Narrativa do oitavo encontro (História - O menino e o mundo):

O que vocês sentem quando olham essas imagens? Perguntei às crianças. Responderam que sentiam uma mistura de sentimentos, ora alegria, ora tristeza. (Trecho retirado do diário)



Mais uma manhã de sexta-feira se iniciava e como de costume fui guardada na mochila para ser carregada até à escola. Quando as crianças chegaram, já estava a postos para capturar todos os momentos. Sou bastante curiosa, as expressões humanas me fascinam. Por isso, participar destas oficinas tem sido uma rica experiência para mim. A cada encontro tenho capturado com minhas lentes as mais diversas expressões, muitos sorrisos sinceros, olhos curiosos e atentos, mas também alguns bocejos de cansaço e olhares distantes.

Nesta manhã, sobre a qual fui convidada a narrar, as crianças estavam bastante animadas por conta de um lanche festivo que aconteceria depois das oficinas em comemoração ao dia das crianças. As duas moças iniciaram seus rituais, sentaram em roda e cantaram uma música. Dessa vez, as vozes estavam mais preguiçosas para acompanhar a letra e flagrei alguns movimentos de boca que não emitiam som algum.

Quando elas comentaram que as oficinas estavam quase no fim até mesmo as crianças mais sonolentas despertaram e todas juntas pediram em coro que continuassem até o final do ano, o que infelizmente era impossível.

A moça que carregava um baú de histórias seguiu explicando que naquele dia continuariam a trabalhar com imagens, só que dessa vez seria um livro inteiro composto apenas de imagens. O que não impedia que fosse contada ali, naquelas páginas, uma história, como um dos meninos explicou claramente bem no momento que minhas lentes encontraram seu rosto:

- “A gente é que cria a história.”

Com essa deixa, a moça disse que iria mostrar calmamente página por página do livro e pediu que as crianças fossem imaginando a história. Quando ela abriu o livro, a primeira expressão que capturei foi de espanto, seguida do seguinte questionamento:

- “Oh prô não tem nada para ler?!”

A cada virada de página novas expressões surgiam. Fiquei procurando focar os mínimos detalhes, as sutis mudanças nas fisionomias de cada criança que se divertiam com as imagens e criavam com elas.

- “A cabeça do guri parece um ‘*pause*’.”

- “Parece meio cavalo, meio girafa.”

Quando estavam bastante entretidas a luz apagou, mas segundos depois retornou. O que foi suficiente para gerar uma dispersão generalizada. Nessa hora, muitas crianças começaram a contar histórias de um dia que faltou luz em suas casas, até a professora chamar a atenção da turma para que prestassem atenção nas imagens que estavam sendo mostradas. A moça que mostrava as imagens, por sua vez, buscava resgatar o foco das crianças e as questionava sobre o que estavam imaginando:

- “Eu não consegui imaginar nada.” Disse uma menina.

Ah as crianças e sua sinceridade. Capturei o momento exato que a menina fez este comentário. Seus olhos atravessavam as imagens, mas não as viam, parecendo estar mergulhada em seus próprios pensamentos. Outras crianças pareciam estar mais conectadas com as imagens.

- “Eu acho que ele olhou e viu um monte de coisa.”

Aos poucos fui percebendo que as cabeças apoiadas nas mãos começaram a pesar, os olhos, antes arregalados e fixos nas imagens, agora vagavam. Foi quando novos elementos surgiram despertando novamente a atenção das crianças.

- “Parece a morte.” Referindo-se a um desenho do pai do menino.

- “É um insetrem”. Referindo-se a imagem de um trem que se assemelhava a uma centopeia.

Quando as páginas acabaram aplaudiram, como costumam fazer ao final de cada contação. Em seguida, assistiram animadamente ao clipe da música “Aos olhos de uma criança” com cenas do filme “O menino e o mundo”. Seus olhares atentos não desgrudavam da tela de projeção e caso você ainda não tenha assistido, recomendo fortemente que, ao final desta leitura (ou no momento que achar mais propício), assista a este encantador filme. Deixe o seu eu-criança aflorar ao olhar para as imagens na tela e permita-se brincar com seus traços coloridos. Se elas lhe inspirarem você pode até colorir as páginas desta narrativa.

Conversando um pouco mais sobre as imagens, tanto do livro quanto do vídeo que tinham acabado de assistir, as crianças foram questionadas sobre o que sentiam quando olhavam para elas. Uma mistura de sentimentos foi manifestada: ora alegria, ora tristeza, e também medo e saudade. Foi solicitado então que registrassem esses sentimentos/sensações num pedacinho de papel. As crianças já estavam bastante inquietas neste momento, ansiando pelo delicioso lanche que estava por vir, mas realizaram a tarefa solicitada e consegui captar o breve período em que se mantiveram concentradas nesta escrita.

Foram muitos os clicks neste dia. Muitas capturas interessantes, de expressões de espanto e alegria a tédio e inquietação. Antes de participar destas oficinas, raramente fui utilizada para fotografar crianças, estava mais acostumada às paisagens. Porém, a experiência desses encontros me permitiu conhecer um novo mundo de possibilidades imagéticas, pois jamais imaginei que houvesse tanta riqueza apenas no olhar de uma criança.

Narrativa do nono encontro (História - Língua de trapos):

Comecei a distribuir os materiais que usaríamos na composição do personagem. As meninas pediram para me ajudar.

- Vestido de noiva! Suspiraram ao ver o tecido rendado.

Escuto as crianças discutindo se seria menino ou menina. Queriam fazer uma votação. Depois de um pouco de confusão começam a trabalhar, mas ainda não tinham chegado a um consenso se seria menino ou menina.” (Trecho retirado do diário)



Antes de mais nada, deixa eu me apresentar: sou um tecido de rendinha muito formoso e delicado. Sou utilizada para diversas finalidades, decoração, artesanato, costura, mas o meu maior sonho mesmo é compor os detalhes de um vestido de noiva. Sempre que consigo dou uma espiada nas revistas de noiva que ficam dispostas sobre o balcão da loja onde sou vendida. Fico horas admirando os detalhes dos modelos rendados que tanto me encantam, suspirando com todo o romantismo e charme proporcionado por este tipo de tecido. Sei que não sou nenhuma renda francesa (para falar a verdade fui fabricada na China), mas não perco as esperanças de um dia fazer parte de uma produção tão especial.

Nesta manhã, tudo aconteceu de um jeito bastante inusitado e participei de uma composição até então nunca imaginada por mim, a composição de um personagem. Deixa eu explicar melhor como tudo aconteceu. Primeiro um pedaço de mim foi usado para ser colado em uma cartolina e sobre ele algumas palavras foram escritas: festa, beijo, baile, noivado, anel, chocolate, namoro no portão. Quem as escreveu parecia me conhecer muito bem, pois de certa forma, todas elas me remetem aos tão sonhados vestidos de noiva. Depois disso, fui cuidadosamente guardada em um velho e simpático baú, junto a diversos outros retalhos de tecidos. Tinha feltro, tule, algodão branco, tecido xadrez, de listrinha, de bolinha, de florzinha e até um tecido prateado bastante glamouroso que lembrava carnaval.

Ficamos um bom tempo guardados ali naquele baú, apenas ouvindo os diferentes barulhos ao nosso redor. Quando o baú foi enfim aberto, estávamos no meio de uma roda de crianças que cantavam animadamente uma canção que eu não conhecia. Após a cantoria, duas moças encaminharam-se para o fundo da sala e enquanto uma contava uma história (a que carregava o baú de histórias) a outra (a do sorriso aberto) pendurava em um varal aquelas cartolinas compostas de tecidos e palavras onde um pedaço de minha rendinha havia sido colado. Foi aí que compreendi sua função: os diferentes retalhos de tecidos representavam a língua de trapos da boneca de pano, personagem principal da história contada.

Fiquei encantada com a inventividade da pessoa que criou essa história, conseguindo transformar em palavras a essência de cada um de nós. Uma história poética, com palavras bem escolhidas, ritmos e texturas, que soa tão bem aos nossos ouvidos. As crianças pareceram, assim como eu, gostar muito da história. Prestavam atenção em cada palavra dita. Ao final da contação, conversaram sobre os detalhes que mais lhes chamaram atenção e o fato dos brinquedos saírem para brincar à noite enquanto todos dormiam foi o principal tópico da conversa. As crianças fizeram diversas associações com filmes que elas tinham visto, como o Toy Story e Chucky, o brinquedo assassino.

Ao finalizarem a conversa, chegou o tão esperado momento em que fui convidada a participar. A explicação da atividade foi a seguinte: inspirada na boneca da história que era composta de vários pedacinhos, as crianças deveriam construir coletivamente um personagem. Para isso tinham a disposição vários materiais: os diferentes retalhos de tecidos, fios de lã, esparadrapos, botões, cola, tesoura, pincéis. Apesar de ter achado muito legal a ideia da produção coletiva, ela não foi tão bem aceita

por algumas crianças que pediram para fazer a atividade individualmente ou em duplas. Algumas até puxaram um coro:

- “Grupo de dois, grupo de dois!”

As moças, um tanto desapontadas, tentaram contornar a situação explicando que era importante que as crianças aprendessem a trabalhar coletivamente. Pediram então a ajuda de alguns voluntários para distribuir os materiais. Quando duas meninas me viram e me seguraram entre seus dedos, suspiraram:

- “Vestido de noiva!”. Pareciam conhecer meu desejo mais íntimo.

Enquanto isso, outras crianças esticaram no chão um grande papel pardo onde foi desenhada a silhueta do personagem, tendo como modelo um dos meninos. Foi quando começou a discussão se o personagem seria menino ou menina. Como não chegavam a um acordo, algumas propostas foram feitas: dividir o papel, metade seria menina e metade menino ou fazer uma votação. A discussão durou um bom tempo e as próprias crianças, sem intervenção, procuraram se acertar. O resultado final ficou, digamos, bastante engraçado, pois o personagem ficou parecendo com um cowboy de saias! Claro que essa é a minha interpretação e você que está lendo meu relato terá todo o direito de também criar a sua.

Apesar dos conflitos e da bagunça que fizeram, deixando vários retalhos de tecidos inutilizáveis, a produção coletiva do personagem se concretizou. Foi uma experiência muito interessante participar desse processo de composição, ser manuseada por várias mãos, recortada, colada e descolada, em um processo ativo de criação. E você, se fosse criar um personagem para uma história como ele seria? Faça esse exercício imaginativo e se tiver vontade você também pode brincar de fazer uma composição com desenhos, palavras, tecidos (eu até deixei um pedaço de minha rendinha para você)³⁵. Sem me prolongar em demasia, encerro minha narrativa apresentando a você o personagem criado pelas crianças nesse dia tão inusitado.

³⁵ Você pode utilizar os materiais disponibilizados na caixa de elementos brincantes. Ao final desta narrativa você encontra um papel especial para esta brincadeira de composição.



Narrativa do décimo (História - Das crianças Ikpeng para o mundo):

Diferentemente dos encontros anteriores, desta vez nem todas as crianças cantaram a música.

- Que música mais triste. Comentou uma menina enquanto cantávamos. (Trecho retirado do diário)



Tenho um papel de destaque nas oficinas. Sempre que elas se iniciam sou eu quem toca a música que as crianças e as moças cantam antes de cada contação de história. Sou muito admirada pelas crianças por receber comandos via *bluetooth*. Me chamam até de mágica! Fico feliz em participar destes encontros e através da música levar alegria para todos. Neste dia, porém, as crianças não estavam muito dispostas a cantar a tradicional canção, e uma delas fez um comentário que me marcou:

- “Que música mais triste.”

Nunca tinha pensado na música “Uma história” como triste, pelo contrário. Era um ritual tranquilo e prazeroso que dava início às nossas manhãs. Talvez nem a menina que fez o comentário tivesse percebido isso antes. Penso que as músicas sofrem muita influência do estado de espírito que nos encontramos quando as ouvimos, o que pode alterar nossa percepção sobre elas.

Dando continuidade às atividades da manhã, a moça que carregava um baú de histórias iniciou a contação sobre os índios Ikpeng. A história tinha vários nomes indígenas com uma sonoridade bastante diferente das que eu estava acostumada e quando eles eram pronunciados as crianças tentavam repeti-los. Elas acompanharam tão atentamente a contação e ficaram tão conectadas com a história que ao final até esqueceram de aplaudir, como sempre faziam. Uma conversa sobre a história e sobre os povos indígenas foi iniciada. As crianças comentaram que também sabiam fazer flechas e que fabricavam alguns brinquedos, assim como as crianças indígenas. Quando perguntadas sobre onde achavam que ficava a aldeia, algumas disseram que ficava em São Paulo. Não compreendi bem essa associação, que pode ter sido talvez por São Paulo ser o lugar mais longe que elas conhecem. Foi quando comentaram que a aldeia ficava no estado do Mato Grosso e que depois elas iriam viajar até lá através do computador, que as crianças se deram conta de que os índios Ikpeng existiam de verdade e ficaram muito animadas com isso.

- “Existe de verdade? Então é uma história real.”

Elas contaram que também já tinham visitado com a escola uma aldeia indígena no município de Palhoça - SC. Foi interessante ver como a história dessa vez despertou várias outras, o que nem sempre acontecia. Enquanto a conversa se desenrolava as crianças olhavam curiosas para o que tinha dentro de uma cestinha, pois já imaginavam que era algo de comer. A moça então mostrou que se tratava do beiju, um prato feito pelos indígenas a base de farinha de mandioca que se parece com um biscoito. Ela passou a cestinha pela roda para que experimentassem, algumas crianças gostaram do beiju, outras detestaram, mas todas se dispuseram a experimentar. Só esqueceram de me oferecer um pedaço...

Após o momento de conversa e degustação de beiju, as crianças foram convidadas a fazer uma viagem à aldeia através de um programa chamado Google Earth. Quando perguntadas se gostariam de ir primeiro até a escola logicamente disseram que sim. Apertaram os cintos e seguiram viagem até à cidade de São José. O programa utilizado não possui som o que estimulou as próprias crianças a fazerem diferentes sonorizações para simular a viagem, como sons de avião, de freadas, entre outros que não reconheci. Após verem a escola de pertinho e de algumas

crianças mostrarem suas casas, seguiram viagem até Cuiabá e de lá para o Parque Indígena do Xingu. Quando viram o Parque perceberam que tinha muito mais verde do que nas cidades e falaram que era porque os índios preservavam as florestas. Quando a imagem foi aproximada para que se pudesse chegar até a aldeia Ikpeng, as crianças ficaram impressionados de como ela era pequena.

Quando finalizaram esse diferente passeio, fui novamente convocada a participar, desta vez para transmitir o áudio do filme sobre as crianças Ikpeng. Nessa hora, busquei prestar atenção aos diálogos que poderiam surgir entre as crianças, porém elas ficaram totalmente em silêncio e concentradas assistindo. Por conta do tempo não foi possível exibir o vídeo inteiro e as crianças reclamaram um pouco, pois estavam realmente entretidas. Assim um pedaço do filme foi pulado para que se pudesse mostrar o final em que as crianças Ikpeng fazem um convite bastante instigante às crianças que estão assistindo, para que elas também contassem como é o seu cotidiano.

Quando começaram a conversar sobre o filme a questão da nudez, que parecia não ter causado desconforto a princípio (pelo menos nenhum burburinho foi ouvido por mim durante as cenas), foi a primeira a aparecer:

- “Professora por que eles não têm roupa?” Perguntou uma menina.
- “Porque são índios.” Responderam algumas crianças.

Ao serem questionadas sobre o que tinham achado do filme, uma das meninas deu seguinte resposta:

- “Eu achei uma coisa muito pelada!”

Mesmo conversando sobre as diferenças culturais e sobre o fato dos indígenas não terem vergonha de seus corpos, as crianças pareciam não entender o fato de que já que eles tinham roupas, porque não se vestiram para gravar o filme. A moça tentou encaminhar a conversa para outra direção e ver se as crianças percebiam alguma semelhança entre elas e as crianças indígenas. A resposta foi um enfático não, mesmo com ela citando alguns exemplos, como as brincadeiras e o ato de tomar banho de rio.

- “Ah, mas eu tomo banho de biquíni”. Comentou uma menina.

Em seguida, foi lançada às crianças a proposta de responderem ao pedido das crianças Ikpeng através da escrita de uma carta. E antes mesmo que a explicação fosse finalizada uma das crianças fez uma pertinente observação.

- “Mas eu não sei falar ikpeng!”

Ouvi com atenção a explicação dada. A moça que conduzia a atividade esclareceu que as cartas não seriam enviadas de verdade às

crianças indígenas, já que não sabia como entrar em contato com a aldeia, o que acabou desmotivando-as um pouco a escrever. Para tentar desenvolver mais a proposta e motivá-las a escrever foi lançado o seguinte desafio às crianças:

- “Se vocês fossem contar sobre suas vidas, seus hábitos, brincadeiras, o que gostam de fazer, como vocês contariam tudo isso para uma pessoa que é de uma cultura totalmente diferente da de vocês?”

Achei essa proposta bastante interessante e gostaria de propor o seguinte: que tal você escrever uma carta endereçada às crianças que participaram das oficinas, contando a elas um pouco sobre a sua vida e refletindo sobre as seguintes questões: você, mesmo estando adulto, ainda se permite brincar? E quais são as suas brincadeiras favoritas? Depois, compartilhe conosco a sua cartinha colocando-a no envelope disponibilizado ao final desta narrativa.

Voltando à escrita das cartas em resposta às crianças Ikpeng, as crianças participantes das oficinas não se conformaram totalmente com as explicações dadas, mas toparam escrever mesmo assim. Eu fiquei ali apenas observando-as em seu processo de escrita, pois já tinha cumprido meu papel naquele dia. Algumas estavam bem concentradas e dedicadas, outras não davam tanta importância ao que estavam fazendo. Foi então que o sinal tocou e as crianças seguiram animadamente para o recreio, ficando apenas um vazio na sala. As duas moças guardaram os materiais e ajeitaram as carteiras praticamente em silêncio. Era o penúltimo encontro delas com as crianças e já deviam estar sentindo, assim como eu, a tristeza da despedida que se aproximava, afinal foram dez intensas manhãs que passamos juntos.

Narrativa do décimo primeiro encontro (história – Jemmy Button, O menino que Darwin levou de volta para casa)

Depois do lanche as crianças saíram para o intervalo enquanto ficamos ajustando a sala para a nossa última atividade. Montamos os quatro cantinhos temáticos, cada um referente a um dos elementos que trabalhamos ao longo dos nossos encontros (lugares, palavras, sentimentos/sensações, personagens) e mais um onde estava o baú e os livros com que iniciamos e finalizamos as contações. (Trecho retirado do diário)



Tenho uma longa trajetória de vida. Fui, por muito tempo, utilizado para guardar um conjunto de louças de porcelana, primeiro em um grande depósito, depois exposto em uma grande loja de departamentos. Quando fui adquirido pela moça, que meus novos amigos apelidaram carinhosamente da moça que carregava um baú de histórias, ela me levou para sua casa, meu novo lar, e cuidadosamente foi retirando de mim cada peça de louça para guardá-las em um armário. Fiquei sem nada, vazio e essa sensação não foi muito agradável. Felizmente, ela não perdurou por muito tempo, pois dias depois ganhei uma nova utilidade: fui preenchido

com diversos álbuns de fotografia, tornei-me um baú de retratos e memórias.

Estes álbuns alegraram novamente meus dias, cada um carregava uma história diferente de momentos alegres vividos em família e entre amigos, aniversários, viagens, formaturas. Porém, aos poucos fui percebendo que apesar das alegres histórias que continham eles se sentiam tristes, abandonados, pois raras eram as vezes em que eram folheados. Acabei sendo contagiado por essa melancolia, afinal se os álbuns de fotografia tinham sido esquecidos, quem os guardava também seria. E assim, ficamos lá, eu e todos eles, abandonados por mais um longo tempo em um depósito na garagem.

Tudo mudou quando, num certo dia, fui carregado de volta para dentro de casa. Os álbuns de fotografias foram retirados e dispostos organizadamente em uma estante (só imagino a alegria que sentiram ao serem colocados ali, ao alcance das mãos). Em mim foram depositados objetos com os quais nunca tive contato antes, alguns até nem sabia ao certo o que eram. Foi neste dia que conheci meu grande amigo Chaves, o dia em que comecei, junto à moça, a carregar histórias. Desde então, foram muitas aventuras vividas, fiz diversos amigos, todos esses que aqui se apresentaram como narradores de cada um dos encontros que vivenciamos juntos. A mim coube a difícil tarefa de narrar o nosso último encontro com as crianças, convite que aceitei com muita gratidão por poder relembrar momentos tão alegres.

Para este último dia, as duas moças tinham preparado algo especial, um lanche festivo com nega maluca e cachorro quente, tudo feito com muito carinho por elas. Eu sei que não me alimento dessas comidas, mas o cheirinho que se espalhava pelo carro enquanto seguíamos para a escola estava delicioso. Quando chegamos, elas seguiram para a sala de aula carregadas de coisas. Eu nunca tinha me sentido tão cheio em toda a minha vida, mesmo quando portava o conjunto de louças. Carregava em mim diversos objetos que tinham participado comigo dos encontros anteriores, todos os livros, além dos diversos desenhos e textos feitos pelas crianças ao longo das oficinas. Meu pacato amigo Chaves, o gravador fofoqueiro, o chinelo viajante e a formosa rendinha também estavam presentes.

Como de costume fui posicionado no centro da roda. Quando a moça que carregava um baú de histórias disse que seria nosso último encontro, pude ouvir as crianças em coro:

- “Ahhh...”

Estávamos todos nos sentindo tristes com o fim. O Chaves estava mais calado que de costume, a câmera fotográfica, sempre tão atenta,

esquecia-se de capturar as expressões das crianças. Até a caixinha de som, sempre tão vibrante, tocou a música “Dá tua mão” de maneira melancólica. No momento da contação, porém, tudo foi esquecido por um tempo. Estávamos todos focados nas palavras pronunciadas suavemente pelas duas moças, que nos encantavam com a história contada por elas. Queríamos aproveitar ao máximo cada segundo que ainda tínhamos.

Apesar do clima de despedida, a manhã foi muito descontraída, repleta de momentos de muitas gargalhas, como este ocorrido ao final da contação: quando perguntadas sobre o que imaginavam que tinha sido a primeira coisa que o menino da história fez quando retornou à sua ilha, uma das crianças respondeu espontaneamente:

- “Cocô!”

O riso foi generalizado. Depois da habitual conversa sobre a história contada, as crianças foram questionadas sobre qual das histórias tinham gostado mais. Todas elas foram lembradas, sendo que “Jemmy Button”, “A bicicleta epiplética” e “O menino e o mundo” foram as mais citadas. Fiquei perdido por um tempo em meus pensamentos, refletindo sobre qual foi minha história favorita e creio que foi “A árvore vermelha”. Me identifiquei com a trajetória daquela garotinha, primeiro tão solitária e triste, mas que ao final encontrou uma mensagem de esperança. Minha vida por muito tempo também foi assim, esquecido por um longo tempo num depósito de loja e depois no depósito da garagem. Porém, quando passei a fazer parte das oficinas, pude entrar em contato com diferentes objetos e suas histórias tão interessantes. Ganhei uma nova vida, rejuvenesci, e até uma nova roupagem me foi dada pelas crianças que carinhosamente fizeram uma colagem com retalhos em minha madeira já desgastada pelo tempo.

Um belo momento presenciado por mim neste dia, foi quando as duas moças saíram para buscar o lanche, que aconteceu ali na própria sala de aula. Enquanto estavam fora, o gravador permaneceu ligado, registrando tudo, e as crianças aproveitaram para pegá-lo e gravaram algumas mensagens, dizendo o quanto gostavam das moças e que sentiriam muito a falta delas. Foi um momento de imensa alegria para o gravador, pois estava ali registrando em sua memória recadinhos falados em voz baixa, mensagens que só ele e as crianças que o seguravam em suas mãos sabiam (além de mim que estava muito próximo). Um segredo que ele não deve ter conseguido guardar por muito tempo. As crianças também tinham preparado com muito carinho cartões coloridos como lembrança e agradecimento pelas oficinas e o momento da entrega foi bem emocionante para todos nós que fizemos parte destes encontros.

A hora do lanche festivo foi muito animada. As crianças se deliciaram e pediram para repetir diversas vezes. Quando acabaram, saíram para o intervalo. Enquanto as crianças estavam fora, as moças transformaram completamente a sala de aula. Montaram cinco cantinhos temáticos onde dispuseram os livros e outros objetos que participaram das oficinas, além dos desenhos e textos das crianças. Eu fui posicionado junto aos livros que iniciaram e finalizaram as oficinas.

Quando as crianças retornaram do intervalo foram levadas a passear pelos cantinhos, podendo se demorar no reencontro com os livros, com os objetos e com as suas produções. Ao finalizar o percurso retornaram às suas carteiras para compor a última história que escreveriam nas oficinas. A minha amiga, a cadeira obsessiva compulsiva, estava vibrante por fazer parte deste momento tão importante. Além disso, todas as cadeiras foram cuidadosamente alinhadas procurando respeitar a distância exata de 50 cm entre cada uma delas, o que a deixou extasiada. O lápis tímido também estava presente, só que desta vez não hesitou nem por um segundo e logo deu início à escrita. Foi bonito de ver a sua dedicação. O dicionário, antes tão pedante, não participou deste momento, mas observou tudo da estante onde estava, orgulhoso em ver as crianças tão envolvidas com a escrita de suas histórias (mesmo que estivessem cometendo diversos errinhos ortográficos).

Enquanto as crianças estavam concentradas em seu processo de escrita, as moças foram passando pelas carteiras auxiliando no que fosse preciso. Fiquei realmente emocionado ao ver aquelas crianças, que antes diziam de forma veemente não gostar de escrever, agora tão envolvidas com suas criações. Isso me inspirou a lhe propor a seguinte brincadeira: após ter entrado em contato com todas as histórias narradas por mim e por meus amigos, o que você acha de também se aventurar na escrita de uma história? Pode ser a história do personagem que você criou, do lugar que você relembrou, uma história com as suas palavras inventadas ou com as sensações despertadas. Enfim, com aquilo que lhe trazer inspiração e motivação para escrever³⁶.

Retornando ao encontro, o tempo acabou passando rapidamente e o momento da despedida chegou. Com os olhos marejados, a moça que carregava um baú de histórias e a moça de sorriso aberto agradeceram às crianças todos os momentos compartilhados. Após abraços apertados e pedidos para que retornassem em breve, as crianças foram embora. As

³⁶ Ao final desta narrativa há uma folha para que você possa escrever a sua história.

duas ficaram ali, em silêncio, organizando a sala. Os diversos objetos foram novamente guardados em mim e apesar de cheio novamente, sentia-me leve. Retornamos para casa repletos de histórias e com uma imensa vontade de compartilhá-las. Apesar disso, uma farpa de preocupação passou a tomar meus pensamentos: seria eu abandonado em um depósito novamente após tantos momentos compartilhados? Para a minha imensa alegria, a moça que carregava um baú de histórias agora carrega um bebê em seu ventre e ela me contou há pouco a nova função que irei assumir: serei o baú que irá guardar os brinquedos do tão esperado Joaquim. Um baú de brincadeiras! Com certeza, novas e emocionantes histórias estão por vir!

4 CAPÍTULO IV - EXPERIMENTAÇÕES ENTRE ESCRITAS IMAGINATIVAS BRINCANTES

Após narrar os encontros com as crianças a partir da perspectiva dos objetos que participaram das oficinas, chego ao momento de me aventurar entre escritas imaginativas brincantes com as narrativas produzidas pelas crianças durante nossos encontros. Com a criação de oficinas pautadas em uma ideia de experimentação advinda da arte estava aberta ao imprevisível. Porém, percebo agora que, inconscientemente ou não, eu tinha diversas expectativas, resultados que almejava alcançar. Desejava que as histórias criadas no último encontro, e que considerava a princípio como meu principal material de pesquisa, fossem fruto de toda a trajetória percorrida ao longo das oficinas, que se remetessem a elementos que criamos coletivamente ao longo delas. As crianças, no entanto, não estavam preocupadas com minhas expectativas e criaram histórias próprias.

Agora, ao olhar para as narrativas, percebo com muito mais clareza que todo o trajeto foi importante, que todos os exercícios narrativos que fizemos são potentes, desde as poucas palavras escritas em um pedaço de papel às histórias finais, assim como as cartas endereçadas às crianças Ikpeng, as descrições afetivas dos lugares colados em seus corpos e as histórias coletivas. Todas elas nos permitem ficcionar o cotidiano, criar outras narrativas. Nas belas palavras de Scheila Hempkemeyer (2016, p.128), “coleccionar histórias, brincar com narrativas ficcionais é uma proposta ‘delirante’ que autoriza (re)inventar sentidos.” E é nessa proposta delirante de escrita de narrativas ficcionais, que se transformaram nesta tese em escritas imaginativas brincantes, que irei apostar neste capítulo.

A primeira narrativa que será apresentada é uma experimentação com as palavras inventadas pelas crianças e os significados criados para cada uma delas, exercícios narrativos que realizamos no quarto e no quinto encontro. A segunda narrativa explora as descrições elaboradas pelas crianças sobre seus lugares afetivos, rememorados em nosso terceiro encontro. Já a terceira narrativa que trarei aqui é uma experimentação com escritas e imagens a partir das histórias criadas coletivamente pelas crianças com as ilustrações do livro “A árvore vermelha”, do escritor e ilustrador Shaun Tan. Essas histórias foram criadas no sexto e no sétimo encontro. Por fim, na quarta narrativa optei por trazer uma coletânea das histórias inventadas pelas crianças em nosso último encontro.

4.1 Escritas imaginativas brincantes com palavras inventadas

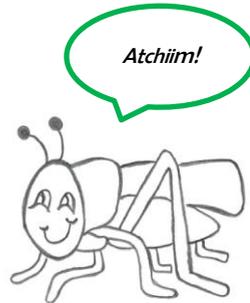
As aventuras de Crinigu³⁷, o grilo pernudo

O dia amanheceu assim meio **Cli**
Ma
Le
Mo
Ve

ce **pa** **gu** **que** **dis**

estouravam no céu, mesmo não sendo noite de Ano-Novo!

De tanto estudar para a
 prova de **Be-la-u-ta-li**,
Crinigu pegou uma
rea, detite!



³⁷ Os significados dados pelas crianças para cada uma das palavras inventadas que compõe essa narrativa brincante encontram-se ao final desta tese, em um Glossário (Apêndice D). Decidi deslocá-lo do texto para que você também possa criar seus próprios significados.

Preocupado com seu amigo, sempre tão saltitante e que agora mal se sustentava em suas seis longas pernas, **Macacoboma** decidiu levá-lo ao hospital.

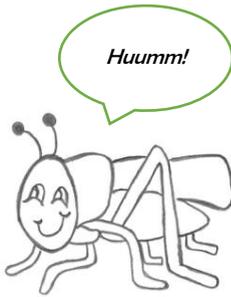
Chegando lá, o médico receitou somente



e repouso.

Animado por não estar com **fecrausaxu,**

Crinigu pediu para **Macacoboma** levá-lo para comer
seu prato preferido.



Dias depois, **Pacobilaza** foi visitar **Crinigu,**
que já se sentia bem mais disposto,
saltitando de um lado
para o outro como de costume.

Ele contou que aproveitou os dias forçados de repouso
para aperfeiçoar seu **Se-da-sei-a-fo**
e cumprimentou seu velho amigo com um amistoso

daiquidamo

Macacoboma chegou em seguida vestindo seu novo **reabebroão** e convidou seus amigos para passar o dia na praia.



cacha de rabu

sua

que

alto

mais

pulou

que

entusiasmado

tão

ficou

Crinigu

e foi mais do que depressa buscar seu kit de **pa e bali**.

Meralebrage!

Disse **Pacobilaza**.

Já na praia de **Tonagadofe,**

Crinigu e seus amigos brincaram tanto de

Comimpaque

que suas longas

pernas chegaram a

entortar.

Como não era a primeira vez que isso acontecia, o saltitante peralta já

sabia o que fazer: era só tomar

uma colher do poderoso



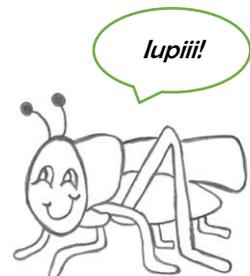
feito por sua sábia avó, uma importante **tuamapeci**.

Preocupados, **Macacoboma** e **Pacobilaza** resolveram ficar com **Crinigu** até que suas pernas desentortassem.



fez com que ele dormisse por horas e horas.

Ao acordar, **Crinigu** já estava todo saltitante novamente, perguntando a seus amigos qual seria a próxima aventura.



4.2 Escritas imaginativas brincantes com lugares e sensações

Um lugar especial³⁸

*Vou para lá todas as vezes que pego férias. Minha mãe diz que é bom para darmos um tempo da rotina agitada, fugir do *cheiro de poluição* e respirar ar puro. Para mim é um lugar para *compartilhar os momentos mais esperados da minha vida com minha família*. Um lugar para *brincar com os primos*, onde sinto o amor com a família reunida.*



³⁸ Os trechos destacados em itálico correspondem aos fragmentos retirados das narrativas produzidas pelas crianças em nosso terceiro encontro.

Lá tem praia, muitas árvores e cachoeiras cheias. Apesar de ser bem frio, quase todos os dias faz sol, o que torna o clima muito aconchegante. Um convite às brincadeiras ao ar livre. Sei que estou chegando ao meu lugar especial quando começo a sentir os sons e cheiros da natureza. O cheiro do mar e os pássaros cantando acalmam o meu coração.

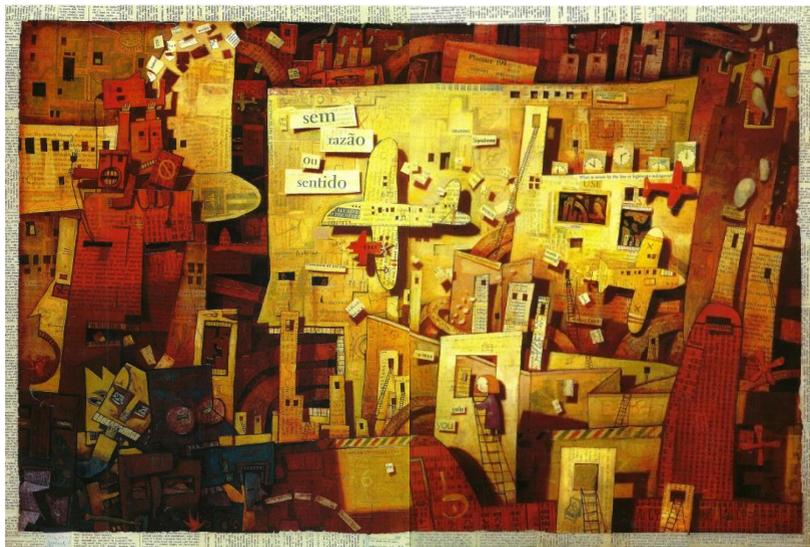
Ao chegar lá somos recebidos por um delicioso *cheirinho de batata-frita*, o que indica que nossa querida avó nos espera com nosso prato favorito: *carne assada e batata com farofa*. É tudo tão *bom e gostoso* que corremos para dar um abraço apertado nela. Depois, sentamos todos juntos à mesa para nos deliciarmos com seus quitutes que possuem um tempero único e especial.

Após o almoço, quando os adultos vão se recolher, é hora das crianças iniciarem suas aventuras. Gosto bastante de ir num *lugar alto*, *no meio das rochas enormes*, de onde posso ver *o mar gigante e calmo*. *Lá o som é bem silencioso*.

Cada dia que passamos lá vivemos novas descobertas, experimentamos novas sensações. É sempre *muito divertido* estar lá, só que, infelizmente, chega a hora da partida e precisamos nos despedir de tanta *gente muito legal*, do *barulho dos animais* e de toda a sua beleza. Deste lugar especial levo sempre comigo o *cheirinho de flores e amores*.

4.3 Escritas imaginativas brincantes com imagens e histórias

[...] *ao sair de casa, percebeu que algo tinha mudado. Ao chegar na cidade, tudo estava embaralhado. Eram prédios feitos de jornal, bonecos sinistros no meio da rua, relógios voando.* [...] – Isabely, Morgana e Emerson³⁹



Uma cidade que não nos convida a um passeio, que nos intimida ao desejar explorá-la. Que experiências são produzidas a partir do encontro de nossos corpos com as cidades? Como tornar nossas cidades mais convidativas, mais afetivas? Problematizar estas questões é pensar a cidade e as relações entre corpos e ambientes que se estabelecem nestes espaços, relações que necessitam ser múltiplas, ser livres, pois são das mais variadas ordens: estéticas, afetivas, políticas.

³⁹ Os trechos destacados em itálico correspondem aos fragmentos das narrativas coletivas produzidas pelas crianças em nossos sexto e sétimo encontros e seus respectivos autores e autoras.

Era uma vez uma menina que olhava pela janela toda noite e imaginava coisas com a imaginação. [...] Mas um dia, ela não conseguiu imaginar nada e ficou muito triste. [...] - Natanael



Uma vida sem imaginação é uma vida triste, vazia, talvez até sem sentido. A imaginação alimenta nossos sonhos, nossos corpos, nossas histórias.

[...] Voltei e de repente meu quarto, a sala e a cozinha estavam cheios de folha. Comecei a brincar muito com a minha mãe e meus irmãos. [...] Quando acordei não tinha mais nada, sumiu tudo. Fui correndo ver os cômodos da casa e adivinha só: na sala tinha folha e minha mãe ainda estava brincando. – Antônio, João Pedro e Kawan.



Apostar no potencial da brincadeira. Transformar uma situação aparentemente caótica, desconfortável, em algo brincante, trazendo leveza e diversão ao cotidiano. Uma cena inusitada: um adulto que continua a brincar, que experimenta cotidianamente um certo estado de ser criança.

Era uma vez uma cidade que tinha várias pessoas, mas ninguém se percebia. [...] – Nicolly



Rotinas extenuantes que nos sugam, que nos impõe um ritmo acelerado, que nos torna indiferentes.



Como sair desse círculo vicioso de egoísmos, de falta de empatia, de superficialidades?

Num lindo dia, uma árvore nasceu e a cor era vermelha. Uma menina viu a árvore e viu que a árvore era muito linda e brilhante. [...] – Julia, Letícia e Maria Luiza



Quando a beleza nos inspira e nos convida a viver intensamente
todas as suas cores.



[...] *Ela gosta de pintar nas paredes arranhadas e ela gosta da cor azul. Sempre gosta de ir na rua de noite com o macacão roxo dela e ela gosta de desenhar com o sapatinho de veludo.* [...] – Maria Luiza e Yasmin



Um olhar atento aos detalhes, aos traços insignificantes. Uma proposta narrativa que possibilitou um olhar sensível, um encantamento com o singular, com o ordinário.



[...] *Era uma manhã e tinha uma menina chamada Larissa. Ela acordou e do nada apareceu uma planta. A Larissa, com medo, saiu do quarto correndo e chamou sua mãe.* [...] – Henderlayne, Vitória e Kamily



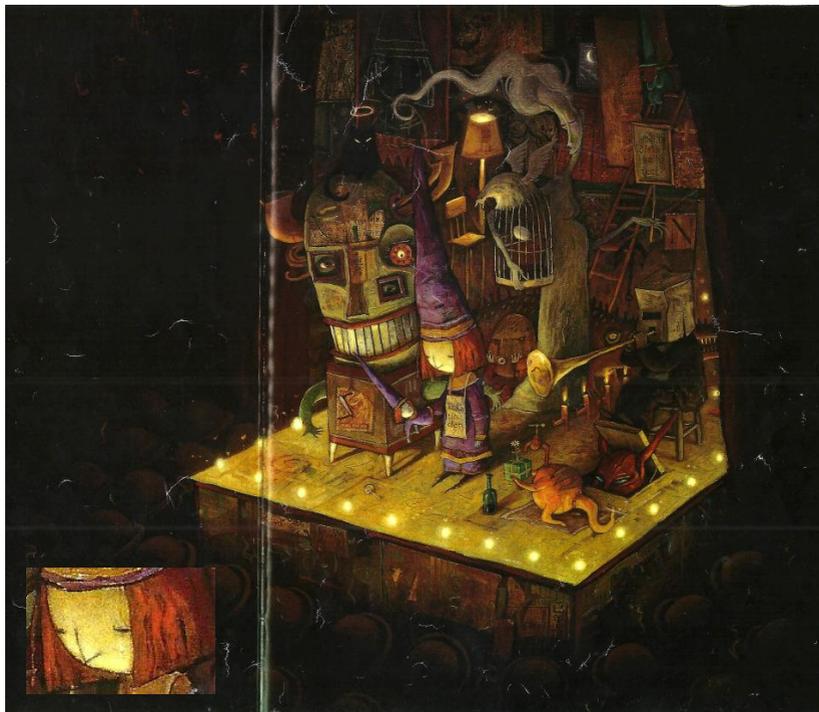
O medo do novo, do inusitado. Um convite à experimentação?

[...] Ela foi para o orfanato e fugiu do orfanato, onde ela nunca mais foi porque tinha visto um monstro que sabia voar. Era uma baleia enorme voadora. Ela correu para a casa do seu amigo José, que só tinha seu pai. Eles encontraram uma mulher que disse que era solitária e que tinha uma máquina do tempo. Voltaram quando tinha 7 anos e mataram o monstro que tinha tirado a atenção do seu pai e que tinha engolido a mãe de José. – Matheus, Gustavo e Miguel



A potência da imaginação infantil. As histórias como espaço de criação imaginativa. Histórias de medos e de perdas, mas preenchidas com a esperança por um final feliz.

Era uma vez uma menina chamada Sina. Ela era mágica, mas era triste e solitária. Um dia foi chamada para um show em Boston, era o maior show naquela época. E depois ficou muito triste porque estava longe de sua família. [...] – Evelyn e Kleber



Em suas histórias, em suas vidas, as crianças reconhecem e se solidarizam com a tristeza do outro. Suas histórias são ricas em ensinamentos, carregadas de experiências que nos tocam, nos afetam. Estamos abertos para aprender com elas?

4.4 Uma coletânea de histórias inventadas

Palavras

Palavras, palavras
Palavras do coração
Palavras, palavras
Palavras das falas

Palavras de humor
Que atraí amor
É muito calor
Para quem tem pena

Uma palavra da ilha
Que me traz trilha
Palavras de milha
Que sempre tem na ilha

Matheus

O menino na cidade

Era uma vez um menino chamado Eliam. Ele morava em uma cidade, mas não gostava muito de lá porque tinha muita fumaça, muita poluição, etc...

Ele, o Eliam, tinha um primo no interior. Eliam queria morar lá. Ele conversou com a mãe dele e ela concordou em se mudar para o interior.

Lá era muito melhor porque o ar era muito mais limpo e lá não havia poluição, nem nada.

FIM!

Moral da história: não polua a sua cidade, plante árvores, etc.

Kleber

Uma casa no meio do nada

Eduardo morava com seus pais em um bairro na cidade chamada Paraisópolis. Lá era uma cidade simples, mas era cheia de pessoas honestas e trabalhadoras. Certo dia, Eduardo foi para a escola e no caminho ele sempre via um monte de coisas, mas naquele dia, “sexta-feira 13”, tudo estava diferente. Até que ele encontrou uma estrada e como Eduardo era muito curioso ele resolveu ir para lá.

Chegando no final da estrada, ele encontrou uma casa. Então ele olhou para os lados, para a casa e pensou:

- Essa é uma casa no meio do nada.

Eduardo resolveu entrar na casa e ver se tinha pessoas morando lá. A casa estava vazia e toda empoeirada. O menino ficou com medo porque a casa parecia mal-assombrada, até que de repente Eduardo ouviu um barulho e resolveu ver o que era. Quando ele foi ver o barulho, o garoto viu a sombra de uma pessoa. Então o menino resolveu perseguir a sombra.

Depois de horas perseguindo a sombra, ele resolveu ir para casa. Chegando em casa, o menino falou para a sua mãe que o dia estava muito estranho e sua mãe perguntou:

- Meu filho por que o dia está estranho para você?

E o menino disse:

- Porque apareceu uma sombra na minha frente que não era minha.

Todos riram e o menino não entendeu porque seus pais riram.

Fim!

Letícia

O menino e as caras

Era uma vez um menino que procurava carinhas de todo o tipo, como carinhas tristes, felizes, várias. Um dia ele foi em uma cidade chamada Tuamapecí. Ao chegar, achou uma casa abandonada. Ele estava com uma fome e achou uma barra de chocolate. Comeu tudo bem rápido e achou uma carinha triste. Ele foi embora triste. A carinha triste e ele triste com saudades de sua querida mãe. Tentou ir o mais rápido possível e conseguiu ver a sua mãe.

FIM!

Matheus

O pássaro que perdeu o seu lar e seus filhos

Em um belo dia, um pássaro chamado Danti foi caçar para os seus filhos. Ele estava tão feliz voando, ele cantarolava e cantarolava. Mas aí, quando ele voltou, todas as árvores estavam sendo cortadas, tinha homens cortando as árvores e viu que sua esposa e seus filhos tinham sido queimados no fogo. Ele ficou chorando tanto e depois foi procurar um lar, e só achava prédios. Mas aí achou um sítio cheio de árvores e o homem que morava lá chamou e ele foi. Ele cuidou dele e fez uma nova família.

Natanael

A Galinha

Era uma vez dois patos, eles se amavam. Num dia, o pato macho estava cuidando dos outros patos e uma raposa apareceu. Então, eles brigaram, era o pato contra uma raposa. O pato ganhou e foi para casa.

Então, no outro lado da floresta uma galinha queria fugir. Depois de três horas tentando, ela conseguiu fugir e foi para a floresta. E a raposa queria pegá-la, mas o pato a ajudou a fugir da raposa. Ela queria dar um nome para ele, então ela deu o nome de Fera e ela era a Bem.

No outro dia de noite, a esposa do Fera foi pega pela raposa. O Fera foi matar a raposa e enquanto ele foi atrás da raposa a Bem foi no ninho e viu um ovo. Enquanto ela chocava o ovo, o Fera estava morto, porque ele estava muito fraco para lutar e morreu. Então a Bem cuidou do ovo e ele se abriu. Dali saiu um belo patinho e ele cresceu e cresceu. Ele descobriu que era um pato selvagem e virou um belo pato.

A raposa precisava comer para dar comida para os filhotes e o pato foi embora e deixou a galinha lá. Então a galinha deixou a raposa levá-la.

FIM!

Julia

Sozinho na Floresta

Um belo dia, tinha um menino que andava na floresta. Ele gostava muito de morar lá, pois não tinha poluição e as frutas eram deliciosas. Ele gostava de brincar com os animais, mas às vezes se sentia sozinho. Um dia desses apareceu uma pessoa da cidade e veio com celular, mas ele tinha fugido pois a cidade dele estava sendo atacada. O índio ajudou ele a caçar e a sobreviver na mata e então depois ele levou a família dele para lá e ficou lá.

FIM!

João Pedro

O Dia Triste

Num dia triste uma menina teve azar e falou para a sua mãe:

- Mãe eu estou com azar e eu não aguento mais!
- Filha eu não sou uma santa tá!
- Desculpa mãe!

E a menina foi para a escola bem triste e mal conseguiu fazer as tarefas. Quando estava voltando para casa, ela ficou toda encharcada porque começou a chover de repente e ela falou:

- Hoje não é meu dia, af!

E ela foi toda encharcada. Chegando em casa sua mãe brigou um monte e ela foi tomar banho e o chuveiro não pegou direito.

Ela chamou a sua mãe e ela falou à sua mãe:

- O que você quer?
- Mãe o chuveiro não está pegando!
- Não? Que estranho!

Sua mãe chamou o conserto. Depois de algum tempo o conserto chegou e falou:

- Só está desligado os fios!
- Ah eu me esqueci que eu tinha desligado!

E ela descobriu que não estava com azar, era só um dia péssimo e ficou muito triste. De noite ela foi para o shopping e ela passou uma mega vergonha. Ela odiou ir para o shopping e muito.

The end!

Autoria não identificada

A boneca de pano

Era uma vez uma boneca de pano. Ela vivia triste, mas também feliz. Um dia apareceu na sua janela um boneco de pano, o nome dele é Chaves, o da boneca era Chiquinha. A dona da boneca viu que tinha um boneco que não era dela. Ela jogou o Chaves na rua e a professora Aline e a Larissa pegaram o Chaves. Ela contava histórias e ela levava o Chaves no 4º. Ano do colégio Wilson.

Karine

Duas estudantes da Universidade

Era uma vez numa escola duas mulheres. Elas eram estudantes da universidade e elas ficaram com a turma do 4º. Ano. As crianças de lá gostaram muito mesmo delas. Elas ficaram contando histórias para a turma somente nas sextas-feiras.

No último dia, a turma ficou muito triste porque elas iam embora e elas levaram um bolo e cachorro-quente. Estava muito bom!

Bianka

Hoje eu vou mostrar um pouco do meu dia, eu vou para a escola às 7:30. Chegando na escola o sinal bate às 8:00. Quando a gente chega na sala as estagiárias estão esperando a gente com a sala arrumada para os nossos encontros. São 10 encontros, todas as sextas-feiras e esse é o último encontro. Elas levaram um livro chamado “O menino que Darwin levou de volta para a casa”. É um menino que mora numa ilha de Madagascar e é levado para à Inglaterra. Elas levaram um lanche para a gente comemorar o último dia de nossos encontros. Elas levaram bolo, cachorro-quente e refri. Eu gostei muito dos nossos encontros.

FIM!

Miguel

A Felicidade

Era um certo dia com um sol lindo uma família muito feliz e hoje era aniversário da Maria e os pais dela estavam preparando a festa. Todos iam na festa da Maria e ela já estava quase pronta. Os convidados já estavam chegando. Ela estava descendo a escada e a mãe dela falou para ela:

- Filha você está linda!

Ela agradeceu a mãe por ter comprado o vestido de princesa e o sapatinho muito lindo. Todo mundo disse que a Maria estava linda parecendo uma princesa. Eles aproveitaram a festa, se divertiram muito. No final, todos foram para casa. A Maria tirou o vestido, colocou um short e uma blusa e ela limpou tudo. No final, os pais dela levaram ela para passear no parque.

FIM!

Kamily Victória

Melhores Amigas

Bom, era uma vez uma menina que queria muito ter uma amiga de verdade, pois ela nunca teve uma amiga de verdade. Quando acabou o ano de 2014, ela foi para o 4º. ano. Lá ela conheceu uma menina chamada Morgana, uma menina bolinha, legal, irritada e inteligente. Ficaram o ano todo sendo amigas e a amizade aumentando. Chega o final do ano aquela tristeza porque não iriam se ver em 2016 e elas se gostam muito. Eu queria muito encontrar ela ano que vem. Ela é bem legal e não conta os nossos segredos para ninguém. Ela foi a melhor amiga que eu já tive.

FIM!

Isabely

A Boneca

Era uma vez uma boneca que estaria jogada perto de uma árvore. Uma menina estava passando, viu a boneca, pegou no colo e sentiu uma coisa quente. Ela nem ligou, levou a boneca para casa e ouviu:

- Oi.

E a menina assustada saiu correndo, chamou a sua mãe e não era nada. Sua mãe falou:

- Não é nada, é só a sua imaginação.

Sua mãe foi dormir e a menina foi para o seu quarto e dormiu. A boneca começou a andar, a menina acordou e viu a boneca andando. Ela descobriu porque ela sentiu aquele quente, é que a boneca fala e anda. E elas viveram felizes para sempre.

Henderlayne

A Chapeuzinho azul

Era uma vez, uma menina chamada chapeuzinho azul. Ela mora numa aldeia bem longe daqui. O céu é brilhante e cintilante, a terra lá é bonita e legal. Aquela menina, a chapeuzinho, gosta de macarrão com queijo, ela come até virar um queijo.

Os sentimentos são brilhantes, um amigo não trata o outro como lixo. A amizade é colorida e bonita. Eu aprendi isso com meus colegas da sala. Se alguém é seu amigo não trata ele como lixo.

Isadora

A História do mundo

Bom a minha história aconteceu há muito tempo numa cidade chamada Meralebrage. Uma menina morava lá, que não sou eu, mas eu apareço. Eu apareço agora, bom às vezes exagero um pouco, até demais. Voltando à história da menina, ela mora em uma casa azul, tem garagem e uma balança.

A menina disse:

- Eu e o mundo estamos alegres. Oi amiga

- Oi, o que você está fazendo? Oi mundo, vamos lá brincar?

FIM!

Sophia

Cell Bit e o videogame perfeito

Cell bit tinha um canal no *youtube*, ele tinha um videogame *Xbox* e ele fazia vários vídeos com ele, um vídeo por dia. O canal dele é bem legal e um dia apareceu um cara chamado Peps. Os dois gravaram vários vídeos para o *youtube*. Eles eram muito amigos, os dois jogavam no *Xbox* com dois controles. Era bem legal!

Depois conheceram o Alan e o Pac e gravaram vários vídeos!

FIM!

Emerson

O Menino Feliz

Era uma vez um menino chamado Bruno. Ele era muito feliz. Ele gostava de um lugar chamado Tonegadofe. Os amigos dele ficavam zoando dele. Eles falavam, que lugar é esse? Ele falou:

- É o lugar dos meus sonhos

E eles riram um monte. Ele pensava por que eles riam e eles continuavam rindo. Ele ficava bem triste. A mãe dele falou:

- Por que você está triste?

O Bruno falou:

- Eu não estou triste mãe.

- Ah tá.

Aí ele foi num parquinho de diversão. Ele encontrou os amigos dele e eles falaram:

- E aí, o estranho tá pensando muito no seu lugar dos sonhos?

- Vocês nunca viram esse lugar.

Eles empurraram o Bruno e falaram:

- Olha como fala com a gente.

E o Bruno ficou bravo e foi para casa correndo e chorou. A mãe dele falou:

- O que foi Bruno?

- Nada.

Os amigos dele pediram desculpa e eles falaram:

- Agora eu conheci esse lugar.

FIM!

Gustavo

Esta história é verdadeira

Era uma vez um menino que estava indo para a casa da avó e os tios estavam brigando por causa da herança do avô. O menino achou que era culpa dele e decidiu que iria virar morador de rua. Em um certo dia uma família acolheu ele. Ele foi morar com esta família, porém era um casal de criminosos. Eles assassinaram o menino e a mãe do menino chorou.

FIM!

Antônio

A Saudade

Era um certo dia, uma menina que ele chamava Bia. Ela era muito legal, a mãe chamava Rebeca e o pai Natalício. A Bia tinha só 3 anos de idade, a mãe mentiu para ela que iriam viajar para a casa da tia e a filha aceitou, mas era tudo mentira.

Ela foi viajar com a mãe e o padrasto. Assim que ela chegou até que foi divertido, mas depois foi ficando chato, muito chato. O padrasto batia nela porque ele estava enciumado, mas ela não sabia até porque ela só tinha 3 anos. E onde eles moravam não tinha escola para ela ficar. A mãe via que ela estava apanhando do padrasto e não fazia nada.

Coitada, assim ela passou a sentir saudades do pai dela e assim foi. Ela falou assim para a mãe: mãe eu quero voltar embora a morar com meu pai e a mãe ficou muito decepcionada e fim.

Ana Beatriz

Melhores Amigas para sempre

Era uma vez uma menina que foi no primeiro dia de aula. Ela ficou muito, muito, muito tímida e eu conheci amigos chamados João, Nany e Isabely. Depois eu fui para o recreio e ela foi comigo. Ela virou a minha melhor amiga o resto do ano também.

FIM!

Morgana

A Flor azul

Num lindo dia uma menina viu uma flor azul. A menina disse:

- Uau! Nunca tinha visto uma flor azul.

Quando ela arrancou a flor, a flor disse:

- Ai!

- Você fala? Disse a menina.

- É claro! Você acha que plantas e animais não falam? A flor disse.

- Eu? A menina disse

- É claro ou tem mais alguém aqui? A flor disse.

- Ah tá. Vou te levar para a minha casa. A menina disse para a flor.

- Vou te regar todo dia. Vamos brincar um monte. A menina disse.

Elas ficaram amigas e viveram felizes.

Autoria não identificada

Céu

Quando eu penso nas coisas eu sinto que eu sou feliz, mas ao mesmo tempo eu sou triste. Eu sou cheia de pecado, eu queria saber porque eu sou tão suja de pecados, mas eu queria saber que viver talvez eu ache essas respostas... ou talvez não mais, enquanto eu não achar essas respostas eu vou continuar vivendo, eu vou continuar sorrindo.

Eu queria sentir a respiração do céu, como ele respira... Cada respiração dele significa que ele está feliz. Eu não sinto, mas quando eu olho para o céu eu vejo e escuto a sua respiração. Quando ele fica preto ele está com dor no coração e não consegue respirar, ele não sente nada e fica bravo e com muita, mas muita mágoa no coração.

Deus vive no céu e muitas pessoas do mundo pensam que é Deus que faz isso, mas não... Não é ele, é o céu mesmo... O céu é através de Deus, mas nem sempre é Deus. Então pense, você prefere respirar ou sentir a respiração do céu...

Yasmin

O Menino e a Natureza

Era uma vez um menino que se chamava Luís. Ele tinha 10 anos e estava preso na Ilha. Em volta só tinha água e lá só tem animais. Ele estava com medo e ele então pensou no que fazer...

Ele começou a pegar madeira para construir uma casa de madeira para ele morar. Daí ele começou a cuidar da natureza. Tudo era sujo, mas ele limpou. Até que um dia, uma onça pintada apareceu e ele se escondeu. Daí ele tinha um rato morto e jogou para a onça. Ela pegou e foi embora. Daí veio uma cobra morta. Ele botou em um pau para comer no fogo. Aí apareceu um navio e salvaram ele e ele voltou para a casa dele.

FIM!

Renan

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS - PENSAMENTOS MOBILIZADOS ENTRE ESCRITAS IMAGINATIVAS BRINCANTES

*“A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá,
mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem
nos encantos de um sabiá.
Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar:
divinare.
Os sabiás divinam.”*

Manoel de Barros, 2010.

Ao tecer a escrita desta tese preocupo-me em deixar claro os diversos fios que compõe esta pesquisa, os que foram cautelosamente tecidos e também aqueles que ficaram soltos ou emaranhados. No momento de olhar para tudo que vivi com as crianças durante as oficinas de contação e criação de histórias inventadas e para o que foi disparado a partir delas, procurei entender esse ato de olhar como um “ato poético do ver” (BARROS, 2010, p. 453). Como nos ensina Manoel de Barros, não queria cometer o erro do excesso de informação, nem pretendia classificar, nomear, ou calcular os “resultados” dessas oficinas. Minha intenção nunca foi de interpretar as histórias produzidas pelas crianças em nossos encontros, mas de pensar e criar *com* elas outras narrativas possíveis, para assim mobilizar pensamentos que nos levem a refletir sobre o que podem nos ensinar estas histórias, levantar outros questionamentos e principalmente, permitir a você leitor, que o seu olhar dispare pensamentos outros.

Procurar olhar para todo o processo de construção da pesquisa, sem se apegar somente à análise do que foi gerado a partir dela, exige um exercício do olhar. Alik Wunder (2006, p. 01) nos inspira a refletir sobre “que outros jeitos de ver moram em nossos olhos?”. Diante disso, questiono-me: que outras formas de olhar podem ser acionadas para pensarmos sobre as narrativas criadas pelas crianças a partir do contato com diferentes obras de literatura infantil? Amorim (2005) sugere-nos uma forma de produzir e de olhar para as imagens que pode ser aplicada aqui às narrativas infantis, se as olharmos “como recursos de construção de nossas experiências cotidianas e de nosso imaginário e não uma expressão que possa ser submetida à análise e interpretação, assumida como possível e verdadeira nas apresentações do cotidiano” (AMORIM, 2005, p. 115).

Como dito anteriormente, esta pesquisa não está interessada nas representações, concepções, percepções das crianças sobre o ambiente, o que é muito frequente nas pesquisas em educação ambiental, mas em produzir pensamentos com as crianças, com as histórias que elas têm para nos contar. Acredito que olhar para as suas narrativas sem a intenção de analisá-las, sem limitá-las, vai ao encontro dos meus objetivos e dessa outra forma de pensar a educação ambiental que defendo aqui.

Ao me aventurar no quarto capítulo (e também no terceiro) por entre escritas imaginativas brincantes, ao me propor experimentar, mesmo que de maneira singela, outras formas de narrar, de explorar diferentes espacialidades, sensações, imagens; busquei corporificar os conceitos que orientam a escrita desta tese: narrativa, imaginação e brincadeira. A escolha por apenas três conceitos teve como principal intuito o desejo de aprofundar o trabalho com eles, de operar com eles no próprio processo de construção da pesquisa. Assim, defendo a existência de um encontro dos conceitos em operação através de uma reinvenção da ideia de narrativas ficcionais que se transformou aqui em escritas imaginativas brincantes. Há de certa forma, um abandono da bagagem teórica (apesar dela continuar presente em mim), um desapego das excessivas explicações e justificativas desnecessárias, e uma aposta na autoria.

O ponto central desta pesquisa foi a realização das oficinas de contação e criação de histórias inventadas, nome que criei para demarcar o caráter inventivo, imaginativo e brincante das histórias criadas pelas crianças. Apesar de nas oficinas os três conceitos estarem entrelaçados, creio que a narrativa e a imaginação estiveram bastante presentes e demarcadas desde o princípio da escrita desta tese, porém faltava a mim, enquanto propositora e autora desta escrita, aventurar-me mais pela brincadeira (algo que também me foi sugerido na banca de qualificação). Assim, me propus a vivenciar a experiência da brincadeira com as palavras, a deixá-las livres para serem tecidas na espontaneidade do surgimento das ideias, para a construção de narrativas em que a linguagem fosse trazida como criação e não tentativa de reprodução.

Procurei ainda brincar com a forma de compor essas escritas e explorar a ideia da própria tese como um objeto brincante, o que me levou a propor a você leitor que também participasse dessa brincadeira junto comigo. Gomes e Alves (2005) afirmam que a brincadeira é um dos meios pelo qual a criança aprende a se situar no mundo e a construir o seu mundo interior, uma vez que é capaz de lhe ajudar, através do estímulo da imaginação, a ingressar de modo mais espontâneo na descoberta de si mesma. Apesar de já bem demarcada a importância do brincar para a

infância, defendo aqui a permanência da brincadeira e desse estado de ser criança ao longo de nossas vidas. E por que não permitir que esse ser brincante que nos habita participe mais ativamente de nossas pesquisas?

Certamente, trazer o meu eu-criança para a pesquisa e atuar mais como uma pesquisadora brincante, fugindo das inúmeras amarras que nos são impostas no meio acadêmico tem me auxiliado muito a pensar e a criar com as narrativas infantis. Meu principal desejo com esta pesquisa foi de proliferar modos de estimular as crianças a contar histórias no espaço escolar. Acredito que tenha concretizado este importante e pertinente desejo e trago para me auxiliar com esta reflexão, a potente pergunta de Gilka Girardello (2018, p. 73): “Por que é importante que as crianças enriqueçam ao máximo o seu poder de inventar e contar histórias?”. Pergunta esta, que dialoga com muitas das questões que permeiam estas páginas e que aos poucos serão retomadas através dos pensamentos mobilizados por minhas escritas imaginativas brincantes.

Segundo Girardello (2018, p. 73), “inúmeros autores, em diferentes campos, reiteram o papel da recepção narrativa para que as crianças descubram quem são, conheçam as cores, luzes e sombras do mundo de forma segura, ampliem seus horizontes imaginários e deem mais significado às suas vidas.” Essa reconhecida importância dada ao ouvir histórias na infância foi o principal argumento para uma escolha atenta do repertório literário que compôs as minhas oficinas, além de estimular minha dedicação e preparação para os momentos de contação. Apesar do foco desta tese recair nas narrativas criadas pelas crianças a partir de nossos encontros e o que elas podem proliferar para pensarmos sobre educação e infância, o papel da contação de histórias foi fundamental para a ampliação do repertório imaginativo das crianças servindo de estímulo à sua própria criação narrativa, à criação de histórias inventadas. As narrativas fazendo brotar o desejo de contar histórias, a imaginação despertada pela literatura.

Propor uma educação ambiental que pretendesse criar práticas pedagógicas inventivas, artísticas, experimentais foi um dos desejos que impulsionou a criação das oficinas e que me remete a uma das questões centrais desta pesquisa: A educação ambiental que viemos praticando com as crianças tem se atentado para as inventividades tecidas por elas no decorrer dos processos pedagógicos que operamos? Tenho buscado refletir sobre essa questão desde a graduação e apesar desta tese transitar por diferentes campos, como o ensino de ciências e os estudos culturais, sem pertencer de fato a algum deles, considero-me como uma pesquisadora em educação ambiental. Acredito ser importante demarcar isto justamente pelo fato dessa aposta na invenção que faço aqui, por

colocar em foco as criações infantis, algo que considero ainda escasso neste campo. Assim, construí uma pesquisa em educação ambiental que desejou fomentar processos de criação narrativa, para criar, desta forma, um outro modo de falar do ambiente, de pensá-lo como um campo de relações quase infinitas. Essa ampliação da temática ambiental esteve bastante presente nas histórias inventadas pelas crianças: há sim histórias protagonizadas em ambientes naturais e que demonstram preocupação com a conservação destes ambientes, mas há também outras, que refletem relações pessoais, afetivas, há fantasia e criação de outros mundos possíveis.

Pesquisas que assumem esse caráter inventivo e experimental, que mesclam arte, cultura, educação, geralmente não são reconhecidas como pertencentes ao campo da educação ambiental, são deixadas à margem (o que não considero como algo ruim). Com esses pensamentos me desloco a outra importante questão desta pesquisa: Que práticas são mais frutíferas para despertar o imaginário infantil? A criança é um ser naturalmente imaginativo e precisa de estímulos, pois “é na infância que se estabelecem os mecanismos do imaginário (...). A imaginação – como a inteligência e a sensibilidade – cultiva-se ou se atrofia” (HELD, 1999, p. 14). Essa preocupação com a atrofia da imaginação, é muito bem formulada por Ítalo Calvino ao dizer que “estamos correndo o perigo de perder uma capacidade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar em cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de pensar por imagens.” (CALVINO, 1990, p. 107-108).

Girardello (2018, p. 74) reforça que é “indiscutível a ideia de que a imaginação é um valor a ser preservado” e me coloco ao seu lado e de todos(as) que defendem o estímulo à imaginação em nossas práticas educativas. Ao olhar para tudo que vivi com as crianças e, principalmente, para as suas histórias inventadas, acredito que foi possível sim experimentar práticas frutíferas à imaginação através das oficinas que desenvolvi. Inspirada em Ferraço (2008, p. 103), “a metodologia assumida considerou o cotidiano da escola como um espaço/tempo de produções/enredamentos de saberes, imaginações, táticas, criações, memórias, projetos, artimanhas, representações e significados”. Uma metodologia que apostou numa experimentação no cotidiano escolar aberta à imprevisibilidade, aberta à proliferação de narrativas, muitas vezes, improváveis. Esta abertura me leva a refletir sobre a questão da autoria narrativa infantil. Assim como Girardello (2018), que tem me acompanhado nesta escrita, ressalto que quando falo de autoria narrativa, estou “pensando no impulso imaginário e afetivo para a criação de

histórias, independente de essa criação ocorrer na oralidade ou na escrita” (GIRARDELLO, 2018, p. 82), mesmo que o foco da pesquisa tenham sido as escritas.

“Entre os mais poderosos adubos da autoria infantil está a atenção ao que a criança fala, performa, desenha ou escreve.” (GIRARDELLO, 2018, p. 82). Essa atenção procurou ser praticada ao longo das oficinas e todas as criações das crianças, desde poucas palavras escritas em um pedacinho de papel a narrativas mais elaboradas, desenhos, colagens e até seus rabiscos, foram levados em consideração. Também procurei praticar uma escuta atenta ao que as crianças nos contavam, mesmo que às vezes isso parecesse impossível. Assim, creio que cabe a nós enquanto adultos, enquanto educadores, oportunizarmos as melhores condições para que a imaginação infantil possa ser cultivada e para que autoria narrativa infantil possa germinar. Sobre este ponto Girardello (2018, p. 89) nos fala que “a autoria narrativa infantil requer a singularidade de um tempo, de um espaço, de uma escuta, e os materiais inspiradores para uma criação de histórias que possa significar para as crianças a liberdade e a experiência de uma grande aventura interior.”

Já me atentei à questão da escuta e aos materiais inspiradores, no caso o repertório literário escolhido para as oficinas. Sobre a questão do espaço, destaco que procurei transformar a própria sala de aula em um ambiente mais convidativo à criação narrativa, intercalando momentos de contação e atividades em roda com momentos de escrita nas carteiras que eram dispostas de maneiras não usuais. Para que as narrativas fossem criadas nas/com as oficinas foi preciso também lidar com outras temporalidades, resistindo à pressa que geralmente nos é imposta pelo currículo oficial, pela escola, pelos nossos planejamentos. Busquei respeitar o tempo das crianças fazendo algumas adaptações sempre que se mostrou necessário (quando, por exemplo, ampliei em mais um encontro as atividades sobre o livro “A árvore vermelha”). Assim, por mais subjetiva que essa medida seja, esse tempo procurou ser respeitado. Não só o tempo, mas a vontade de falar, às vezes de ficar em silêncio, de se movimentar, de não querer participar, de se expressar, de abraçar, de sorrir... Porém, é preciso admitir que nem sempre isso foi possível e em alguns momentos me vi apressando as crianças para que eu conseguisse “dar conta” de tudo que havia planejado.

Outra questão que gostaria de trazer ao texto e que se articula ao que venho discutindo até aqui é sobre qual o potencial da literatura, da contação de histórias, na construção de diálogos entre crianças e pessoas grandes? Já mencionei anteriormente que o objetivo da escolha de um repertório literário e dos momentos de contação de histórias foi de

estimular as crianças a contarem suas próprias histórias e por meio delas compartilhar conosco um pouco de seus mundos reais e/ou imaginários. Creio ser importante destacar que a contação é sempre uma prática dialógica entre quem narra e quem escuta, um momento de troca de experiências e afetos. Esse diálogo pode se dar no encontro com o outro, mas também com uma obra literária, pois como nos fala Girardello (2018):

fica claro o caráter dialógico da construção do discurso narrativo nas crianças e da própria construção que a criança faz de si como narradora. Nem sempre esse diálogo consiste literalmente na conversa entre duas pessoas, [...]. Pode ocorrer também no encontro com a literatura e com as artes e na atribuição de sentido às experiências vividas - as próprias e as alheias. (GIRARDELLO, 2018, p. 79)

Chego assim, a última questão de pesquisa que gostaria de trazer para este texto: O que as histórias inventadas pelas crianças têm para nos contar? Esta questão, central em toda a minha investigação, tem respostas das mais variadas possíveis e muitas delas já foram trazidas aqui. Porém, para o fechamento deste texto, creio ser importante organizar alguns dos pensamentos mobilizados por esta escrita. Para isso, resgato uma bela passagem de Walter Benjamin, que nos diz que “ao elaborar histórias, crianças são cenógrafas que não se deixam censurar pelo sentido” (BENJAMIN, 2009, p. 70). Suas histórias podem nos contar muito de seu universo, através do narrar podem expressar, criar e compartilhar mundos possíveis que habitam com a sua imaginação. Quando as crianças têm a oportunidade de explorarem sua própria autoria narrativa, elas podem refletir e dar sentido à própria experiência. Elas atuam sobre o mundo, não apenas o narrando, mas também o transformando.

Certamente, as crianças têm muito para nos contar e suas histórias podem nos ensinar preciosas lições de vida, basta estarmos com olhos e ouvidos bem abertos. Como nos questiona Garcia (2000):

não deveríamos estar deixando fluir a “imaginação” de nossos alunos e alunas, e sua “intuição” e sua “sensibilidade”, e ao pretender educar, educar (o que não significa domesticar) o olho, o ouvido, o tato, o olfato e a gustação, formas de conhecimento do mundo e de si mesmo, pois só

assim lhes será oferecida a possibilidade de diversidade de pensamento, de diversidade de linguagens (GARCIA, 2000, p. 12).

Para finalizar, sem a pretensão de esgotar todas as questões trazidas para este texto, reitero que com a realização de oficinas de criação de histórias inventadas pautadas em uma ideia de experimentação advinda da arte estava aberta ao imprevisível, às narrativas que elas desejassem contar (mesmo que internamente possuísse algumas expectativas). Com essas narrativas, pude me aventurar por entre escritas imaginativas brincantes, que me permitiram não só corporificar os conceitos que norteiam esta investigação como mobilizar pensamentos para pensar a pesquisa *com* crianças *no* cotidiano escolar *em* educação ambiental. Pensamentos que foram compartilhados aqui e que agora deixo-os livres para que outros possam surgir.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alê. **O Menino e o Mundo** - Parte 1. São Paulo: Caramelo, 2014.

ALCÂNTARA, Angela Vieira de. Imagens e memórias do cotidiano: o que os olhos vêem? In: ALVES, Nilda; SGARBI, Paulo (orgs). **Espaços e imagens na Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. A invenção da escola a cada dia. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.). **A invenção da escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Para começo de conversa. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.). **O sentido da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2ª. ed, 2002.

_____. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (orgs.). Petrópolis: DP et Alii, 2008.

AMORIM, Antonio Carlos. *Photografias, escritas cotidianas* e currículo de formação. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (org). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005.

AZEVEDO, Cristiane Sampaio. A “desutilidade poética” de Manoel de Barros, questão de poesia ou filosofia? **Revista.doc**. Ano VIII, nº 3, Janeiro/Junho de 2007.

BARBERÁ, O.; VALDÉS, P. El trabajo práctico en la enseñanza de las ciencias: una revisión. **Enseñanza de las Ciencias**, v. 14, n.3, p. 365-379, nov., 1996.

BARCELOS, Valdo H. L. Educação Ambiental e antropofagia - uma contribuição à formação de professores(as). **Revista Brasileira de Educação Ambiental** (Impresso), Brasília, v. 0, n.0, p. 86-98, 2004.

_____. **Educação Ambiental:** sobre princípios, metodologias e atitudes. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

BARCELOS, Valdo; SILVA, Ivete Souza da. Saberes, sabores e devoções – para uma educação ambiental pós-moderna. In: Ana Maria Preve; Guilherme Corrêa (Org.). **Ambientes da Ecologia**. 1ª ed. Santa Maria: UFSM, v. 1, p. 139-154, 2007.

BARON, Sandra C. Brincar: espaço de potência entre o viver, o dizer e o aprender. In: GARCIA, Regina Leite. **Crianças, essas desconhecidas tão desconhecidas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

_____. **Memórias Inventadas para crianças**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

_____. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARZELAY, Alix. **Jemmy Button, O menino que Darwin levou de volta para casa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BELLO, Sérgio Carneiro. Por que devemos contar histórias na escola? In: GIRARDELLO, Gilka (Org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC-SC, p. 156-163, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas Vol II: Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, 2ª. ed., 2009.

_____. **Rua de Mão única : Infância Berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013

BOCHECO, Eloí Elisabet. **Contra feitiço, feitiço e meio**. São Paulo: Paulinas, 2006.

BRAGA, Jonathan; KASPER, Kátia. Formação, Experimentação, Invenção. **Instrumento**. Juiz de Fora, v. 15, n. 1, 2013.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CALVINO, Italo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. São Paulo: Cia. das Letras, 3ª. ed., 1990.

CAMPOS, Karin Cozer. **Tecendo Histórias: a criança e sua produção narrativa**. Dissertação (Mestrado). Florianópolis, UFSC, 2010.

_____. **Nossas vidas contam histórias: crianças narradoras**. Tese (Doutorado). Florianópolis, UFSC, 2016.

CARELLI, Rita. **Das crianças Ikpeng para o mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

CHASSOT, A. Ensino de Ciências no começo da segunda metade do século da tecnologia. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (Org.). **Currículo de Ciências em debate**. Campinas: Papirus, p. 13-44, 2004.

DRUON, Maurice. **O menino do dedo verde**. São Paulo: José Olympio Editora, tradução de Marcos Barbosa, 85ª. ed., 2008.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (orgs.). Petrópolis: DP et Alii, 2008.

FRANÇA, Andréa. Ser imagem para outro. In: Ana Sílvia Davi Médola, Denize Correa Araujo e Fernanda Bruno (orgs.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007, p. 47-61.

GALIAZZI, Maria do Carmo; ROCHA, Jusseli Maria de Barros; SCHMITZ, Luiz Carlos; SOUZA, Moacir Langoni de; GIESTA, Sérgio; GONÇALVES, Fábio Peres. Objetivos das atividades experimentais no Ensino Médio: a pesquisa coletiva como modo de formação de professores de ciências. **Ciência & Educação**, v.7, n.2, p.249-263, 2001.

GARCIA, Regina Leite. Múltiplas linguagens na vida – por que não múltiplas linguagens na Escola? In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Múltiplas linguagens na Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Apresentação. In: **Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas**. GARCIA, Regina Leite (org.). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GIANI, Kellen. **A experimentação no Ensino de Ciências: possibilidades e limites na busca de uma Aprendizagem Significativa**. Dissertação de Mestrado, Brasília, Universidade de Brasília, 2010.

GIRARDELLO, Gilka. **Televisão e imaginação infantil: histórias da Costa da Lagoa**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1998.

_____. **Voz, Presença e Imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas**. Reunião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED) GT 07 Educação de 0 a 6 anos, Poços de Caldas, 2003.

_____. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**. Campinas, v. 22, n. 2, p. 75-92, maio/ago. 2011.

_____. **Uma clareira no bosque: contar histórias na escola**. Campinas: Papyrus, 2014.

_____. Crianças inventando mundos e a si mesmas: ideias para pensar a autoria narrativa infantil. **Childhood & Philosophy**, v. 14, p. 71-92, 2018.

GODOY, Ana. Conservar docilidades ou experimentar intensidades. In: **Ambientes da ecologia**. Preve, Ana Maria; Corrêa, Guilherme (orgs.). Santa Maria: UFSM, 2007.

GOMES, Massillania Ferreira; ALVES, José Hélder Pinheiro. Uma proposta de trabalho com *Poeminhas pescados numa fala de João*, de Manoel de Barros. In: **15º Congresso de Leitura do Brasil (Cole)**, 2005, Campinas. Anais do 15º. Congresso de Leitura do Brasil (Cole). Campinas, 2005.

_____. **O menino que carregava água na peneira: da leitura do texto à experiência em sala de aula**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, PB, 2008.

GOREY, Edward. **A bicicleta epiplética**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Como a educação ambiental poderia não deixar fugir a vida que nos beija? **Revista Primeiro Plano**, n.15, p.18, 2009.

_____. **Plano de Ensino - Disciplina Ciências, Infância e Ensino.** UFSC, 2014.

_____. Como escrever com os ruídos do mundo? In: Sílvia Nogueira Chaves; Maria dos Remédios de Brito. (orgs.). **Formação, ciência e arte:** (autobiografia, arte e ciência na docência). 1ª. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, v. 1, p. 89-102, 2016.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; ZANCO, Janice; SALGADO, Gabriele Nigra; MELO, Sara. Tecendo educação ambiental e estudos culturais. **Pesquisa em Educação Ambiental** (UFSCar), v. 5, 2010, p. 73-82.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; ZANCO, Janice. Das pedagogias culturais aos dispositivos artísticos: (de)compondo educações ambientais. In: Elsa Maria Mendes Pessoa Pullin; Neusi Aparecida Navas Berbel. (orgs.). **Pesquisas em Educação:** inquietações e desafios. Londrina: Editora da UEL, v. 1, p. 371-386, 2012.

GUIMARÃES, L. B. ; KRELLING, A. G. Os objetos das ciências: imaginações em uma experiência de ensino. **Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia** (SBEnBio), v. 7, p. 4679-4687, 2014.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de; ZANCO, Janice. Fundamentos de Educação Ambiental. In: **Educação Ambiental e práticas pedagógicas cotidianas.** REIGOTA, Marcos (org.). São Paulo: Intermeios, 2015.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder:** as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus Editorial, 1999.

HEMPKEMEYER, Sheila. **PEDALAR:** uma experiência educativa sobre duas rodas na cidade. Dissertação (Mestrado). Florianópolis, UFSC, 2016.

HONORATO, Aurélia et al. A vídeo-gravação como registro, a devolutiva como procedimento: pensando sobre estratégias metodológicas na pesquisa com crianças. **29ª Reunião Anual da ANPED,** GT 16, 2006.

JANER, Jader. **O menino que colecionava lugares.** Porto Alegre: Mediação, 2013.

KEARNEY, Richard. Narrativa. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 409-438, 2012.

KRELLING, Aline Gevaerd. **Um Bosque com vida: encontros e experiências através da educação ambiental**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas). UFSC, 2009.

_____. **Quando pesquisa e brincadeira se encontram: reinventando a poesia de Manoel de Barros no cotidiano escolar**.

Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 2011.

_____. Quando a poesia de Manoel de Barros e o cotidiano escolar encontram-se: Memórias Inventadas de uma pesquisadora brincante. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental - REMEA**, v. Especial, jan/jun 2015.

_____. Construindo paisagens inventadas: um olhar sobre os desenhos infantis. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline Gevaerd; PEREIRA, Juliana Cristina; PONT, Karina Rousseng Dal (orgs.). **Ecologias Inventivas: experiências das/nas paisagens**. Curitiba: CRV, 1ª. ed., 2015.

LARROSA, Jorge. Dar a palavra. Notas para uma dialógica da transmissão. In: LARROSA, J; SKLIAR, C. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autentica, p.281-295, 2001.

LISBOA, Adriana. **Língua de Trapos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

LOPES, Denílson. **A delicadeza: estética, experiência e paisagens**. Brasília: Editora Universidade de Brasília – Finatec, 2007.

_____. **No coração do mundo: paisagens transculturais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

MARTINS, Celeste Mirian; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2ª. ed., 2012.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane; MÉLLO, Ricardo Pimentel. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. SPINK, Mary Jane et.al. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

MEIRA, Ana Marta. Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea. **Psicologia & Sociedade**, 15 (2), p. 74-87, 2003.

MELO, Sara. **O ambiente cantado e contado pelos brincantes de coco de roda e ciranda da Paraíba**. Dissertação (Mestrado). Florianópolis, UFSC, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Processo formador em educação ambiental a distância: módulo 1 e 2: educação a distância, educação ambiental**. Brasília, 2009.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Unesp, 2003.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. Contar o passado, analisar o presente e sonhar o futuro. In: **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (orgs.). Petrópolis: DP et Alii, 2008.

PELLEJERO, Eduardo. Pensar à intempérie. A crítica exposta ao risco da experimentação. **Alegrear**, nº13, Jun/2014.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

_____. O estado da arte da pesquisa em educação ambiental no Brasil. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 2, n.1, p. 33-65, jan.-jun. 2007.

_____. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2ª. ed, 2012.

REYS, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar** – Literatura, escrita e educação. São Paulo: Editora Pulo do gato, 2012.

ROSA, Mário Alex. **Formigas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, tradução de Marcos Barbosa. 41ª. ed., 1994.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Walter Benjamin e a experiência infantil: contribuições para a educação infantil. **Pro-Posições**, v. 26, n. 2, p. 223-239, 2015.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes, problemáticas e controvérsias. In: **Sociedade e Cultura** 2, Cadernos do Noroeste, Série Sociologia, vol. 13, p.145-164, 2000.

SILVA, Antônio Almeida da. **Ciência e poesia em diálogo: uma contribuição à Educação Ambiental**. Dissertação (Mestrado). Sorocaba, Universidade de Sorocaba, 2009.

SILVA, João Alberto; MARINHO, Julio Cesar Bresolin; SILVA, Grasielle Ruiz; BARTELMÉBS, Roberta Chiesa. Concepções e práticas de experimentação nos anos iniciais do ensino fundamental. **Linhas Críticas**, v. 18, n. 35, p. 127-150, jan./abr. 2012.

SILVEIRA, Eduardo. A arte do encontro: a Educação Estética Ambiental atuando com o Teatro do Oprimido. **Educação em Revista**, vol. 25, n. 03, p. 369-394, dez. 2009.

TAN, Shaun. **A árvore vermelha**. São Paulo: Edições SM, 2009.

TREVISAN, Gabriela de Pina. Amor e afectos entre crianças. A construção social de sentimentos na interação de pares. In: **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. DORNELLES, Leni Vieira (org.). Petrópolis: Vozes, 2007.

ZANCO, Janice. **Dona Generosa e as crianças disparam... outros modos de ver a Lagoa do Peri**. Dissertação (Mestrado). Florianópolis, UFSC, 2010.

WUNDER, Alik. Fotografias como exercício de olhar. **29ª Reunião Anual Anped**, GT16, Caxambu, 2006.

APÊNDICE A - Termo de Assentimento

Eu

.....
aceito participar voluntariamente das oficinas de narração de histórias inventadas que serão realizadas pela estudante Aline Gevaerd Krelling e que farão parte da sua Pesquisa de Doutorado. Fui informado(a) sobre os procedimentos que serão realizados e os objetivos da pesquisa. Sei que a qualquer momento poderei interromper a minha participação sem nenhuma penalização e que o meu responsável poderá modificar a sua decisão se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do(a) menor

Assinatura da pesquisadora

Florianópolis, ____ de _____ de 2015

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezada(o) mãe, pai e/ou responsável,

Seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar voluntariamente da pesquisa intitulada “*Oficinas de narração de histórias inventadas: experimentações em uma pesquisa em Educação Ambiental*”, sob responsabilidade da pesquisadora Aline Gevaerd Krelling, bióloga e estudante de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e sob orientação do Prof^o. Dr. Leandro Belinaso Guimarães.

Desenvolveremos esta pesquisa pois acreditamos que a literatura e consequentemente as atividades de narração de histórias ampliam e enriquecem as experiências das crianças. Assim, esta pesquisa tem como objetivo estimular a leitura e a escrita narrativa, oportunizando mais espaços e tempos para a criatividade e a imaginação, além de sensibilizar as crianças para as questões ambientais. Para isso, serão realizadas algumas práticas pedagógicas com as crianças, compostas de leitura e contação de histórias, brincadeiras, produção de textos e desenhos.

Antes de dar início às atividades, a pesquisa e as obras literárias que serão trabalhadas foram apresentadas à Direção da escola e às professoras, que analisaram e autorizaram a sua realização. As atividades serão desenvolvidas ao longo de 10 semanas, sendo 1 encontro por semana com duração de 1h30min cada. As oficinas ocorrerão nos espaços da própria escola, no horário regular de aula e terão o acompanhamento da professora responsável pela turma.

A participação na pesquisa é voluntária e o risco envolvido é mínimo, ou seja, o mesmo existente em qualquer atividade rotineira da escola. As crianças serão esclarecidas sobre o que será realizado e assinarão o Termo de Assentimento, se assim concordarem em participar. Fica assegurado o direito da criança de recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento e sem nenhuma penalização. Caso venha a ter dificuldade em realizar alguma das atividades propostas a criança não sofrerá nenhum tipo de constrangimento. A participação na pesquisa não implicará em nenhum custo para os(as) participantes, que também não irão receber qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à sua participação.

Durante as oficinas serão realizadas diversas formas de registro das atividades (gravação de áudio, registro em vídeo e fotográfico, anotações em diário de campo). É garantida a confidencialidade, o que assegura a

privacidade dos(as) participantes quanto aos dados obtidos durante a pesquisa. As identidades serão mantidas em sigilo, sendo que somente serão divulgados dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa. Os textos e desenhos produzidos pelas crianças ao longo das oficinas serão posteriormente transformados em livro e destinados à escola após a defesa pública da pesquisa.

Como forma de garantir que a pesquisa esteja de acordo com as diretrizes e normas que regulamentam as pesquisas com seres humanos, solicito a sua assinatura na declaração abaixo:

Eu,

.....,
na qualidade de responsável pelo(a) menor

.....,
concordo de livre e espontânea vontade com a sua participação como voluntário(a) da pesquisa acadêmica a ser desenvolvido na Escola Governador Vilson Kleinubing pela pesquisadora Aline Gevaerd Krelling. Fui esclarecido(a) de maneira clara e detalhada sobre a justificativa, objetivos e procedimentos que serão utilizados na pesquisa e que em qualquer momento poderei solicitar novas informações. Fui informada(o) que a pesquisa não tem fins lucrativos e que a participação não implicará em custos. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade ou constrangimento e que a identidade do(a) menor será mantida em sigilo. Declaro também ter recebido uma cópia deste Termo.

.....
Assinatura – Responsável

.....
Assinatura – Pesquisadora responsável

Florianópolis, de de 2015.

Em caso de dúvidas, entre em contato: aline.krelling@gmail.com

APÊNDICE C - Roteiro das Oficinas

1º. Encontro – Aproximação (21/08)

- Pedir para as crianças sentarem em roda (montaremos um tapete no meio da sala). Iniciar com uma breve apresentação (pedir para falarem o nome e algo que gostem muito) e explicar sobre a pesquisa (falar sobre o TCLE e o Termo de Assentimento).

- Momento da contação: retirar os objetos do baú e pedir às crianças que imaginem sobre o que é a história. Contar a história “Contra feitiço, feitiço e meio” com o apoio do livro e depois dar espaço para que as crianças falem sobre suas impressões e contem suas próprias histórias.

- Pedir para que as crianças decorem o baú a partir da colagem de tecidos.

- Exercício narrativo: finalizar o encontro solicitando que cada criança escreva em um pedaço de papel um objeto que gostaria de guardar no baú.

2º. Encontro – Olhar de criança (28/08)

- Iniciar com a entrega dos crachás e uma dinâmica de alongamento e respiração. Deixar as crianças a vontade para decidirem se querem ou não tirar os sapatos.

- Momento da contação: Fazer a leitura do poema-objeto Formigas. Abrir o livro em partes e deixá-lo no meio da roda para que todas as crianças observem, podendo manuseá-lo à vontade. Conversar sobre o livro.

- Exercício narrativo (Brincadeira com os objetos): dar um nome ao boneco de pano e criar uma história para ele a partir dos objetos que foram escolhidos pelas crianças para serem guardados no baú. Os objetos serão representados por imagens. Lançar 3 perguntas: O que ele gosta? Quem é seu melhor amigo? Que objeto secreto ele guarda em seu baú de estimação? A cada pergunta sortear um objeto do baú. As crianças também podem sugerir outras perguntas e criar outras respostas. Por fim, imaginar o lugar onde ele vive: onde está localizado geograficamente? Qual o tamanho do lugar? Que seres habitam esse lugar? Pedir para que

cada criança desenhe o lugar imaginado. Guardar os desenhos em uma lata.

3º. Encontro – Lugares afetivos da infância (04/09)

- Iniciar com uma música antes da contação (“Uma história” – Palavra Cantada).

- Momento da contação: contar sem o apoio do livro a história “O menino que colecionava lugares”, trazendo alguns elementos que remetam à história (chinelo com pedaços de lugares colados em sua sola, lata com os desenhos produzidos no encontro anterior, Atlas). Ao final, conversar sobre a história e mencionar que os lugares são compostos também de texturas, cheiros, sabores e sons.

- Exercício narrativo: pedir para as crianças rememorarem um lugar afetivo e descreverem este local: o que viram, que sons ouviram, que sabores experimentaram, que texturas sentiram, que cheiros têm esse lugar. Escrever a descrição em um pedaço de papel e guardar no baú.

- Experimentação com os desenhos: pedir para enriquecerem os desenhos feitos no encontro passado com elementos sensoriais (terra, areia, folhas e ervas secas, pedras, lixas, papéis variados).

4º. Encontro – Brincadeira com palavras (11/09)

- Iniciar com uma música antes da contação (“Uma história” – Palavra Cantada).

- Momento da contação: contar a história “A bicicleta epiplética” (Larissa participará com algumas falas e sons dos personagens). Ao final, conversar sobre a história e sobre o que seria uma bicicleta epiplética.

- Exercício narrativo (Brincadeira de criar palavras inventadas): pedir para as crianças sortearem de 3 a 5 letras (sílabas e vogais) e formar uma palavra. Colar a palavra inventada em um pedaço de papel e criar coletivamente uma história: cada criança irá criar uma frase a partir da sua palavra inventada. Esta frase deverá ter, na medida do possível, alguma relação com a frase dita anteriormente (eu começarei a história e a Larissa irá finalizá-la).

5º. Encontro – Brincadeira com significados (18/09)

- Iniciar com uma música antes da contação (“Uma história” – Palavra Cantada).

- Momento da contação: com o apoio do livro fazer a leitura do poema “O menino que carregava água na peneira” e entregar uma cópia para cada criança. Mostrar as imagens do livro e conversar sobre o poema. Depois, exibir o vídeo “Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo”.

- Exercício narrativo: mostrar o livro “Casa das estrelas” e ler alguns verbetes. Em seguida, pedir às crianças que sorteiem uma palavra do baú (inventada no encontro anterior) e criem um significado para ela. Podem também criar sinônimos, trazer exemplos de usos em frases, fazer ilustrações.

- Fabricar peneiras com alguns materiais acessíveis (garrafa pet, tule, papel crepom) e ir para a quadra brincar de carregar água na peneira com as bolhas de sabão.

6º. Encontro – Imagens e criação narrativa (25/09)

- Iniciar com uma música (“Uma história” – Palavra Cantada) e relembrar todos os livros trabalhados até agora. Pedir às crianças que façam oralmente uma avaliação das nossas oficinas (o que mais gostaram, o que menos gostaram e o que gostariam que tivesse a mais).

- Exercício narrativo*: Separar as crianças em grupos de 3, cada grupo deverá escolher uma imagem do livro e criar uma história a partir dela. Esta história deve ser escrita e ter no mínimo 10 linhas. Depois, trocar as imagens e as respectivas histórias entre os grupos e conversar sobre o que acharam da história criada pelos colegas e o que perceberam de diferente na imagem.

- Momento da contação: finalizar o encontro com a contação da história “A árvore vermelha” com o apoio do livro (a cada frase a Larissa irá colar em minha roupa uma folha vermelha semelhante a da ilustração do livro).

* Não deu tempo de finalizar o exercício narrativo.

7º. Encontro – Imagens e criação narrativa - continuação (02/10)

- Iniciar com a música (“Uma história” – Palavra Cantada). Em seguida, retornar à atividade de escrita da história com as imagens.

- Depois, trocar as imagens e as respectivas histórias entre os grupos, voltar para a roda e conversar sobre o que acharam da história criada pelos colegas e o que perceberam de diferente na imagem.

- Momento da contação: finalizar o encontro com a contação da história “A árvore vermelha” com o apoio do livro (a cada frase a Larissa irá colar em minha roupa uma folha vermelha semelhante a da ilustração do livro).

8º. Encontro – Imagens e sensações (09/10)

- Iniciar com a música (“Uma história” – Palavra Cantada). Conversar sobre a experiência de ter escrito uma história a partir das imagens, antes de conhecerem a própria história do livro.

- Momento da contação: mostrar lentamente todas as imagens do livro “O menino e o mundo”. Após, conversar sobre as imagens e mostrar o vídeo “Aos olhos de uma criança” (clipe da música do Emicida com imagens do filme).

- Exercício narrativo: deixar a trilha sonora do filme tocando e pedir para que escrevam em um pedaço de papel um sentimento/sensação vivenciada através da história (imagens, conversa, vídeo, músicas).

- Se sobrar tempo ao final, exibir o vídeo “Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo” que não havia sido passado inteiro no 5º. encontro.

9º. Encontro – Compendo um personagem (23/10)

- Iniciar com uma música (“Uma história” – Palavra Cantada).

- Momento da contação: contar a história “Língua de trapos” com o apoio do livro. A contação terá um varal de fundo em que a Larissa irá pendurar cartazes com tecidos (bolinha, listrado, xadrez, rendinha,

algodão branco, verde, prateado, retalho branco) e palavras presentes na história. A capa do livro será tampada para não influenciar na produção que as crianças farão posteriormente. Conversar sobre a história e sobre como as crianças imaginam a boneca de trapos.

- Exercício narrativo: propor a construção coletiva de um personagem. Para isso, será disponibilizado um papel pardo (para desenhar a silhueta) e diversos materiais (tecidos, algodão, lã, botões, lantejola, fitas, feltro, barbante, esparadrapos, canetinhas, papéis coloridos).

10º. Encontro – Conhecendo diferentes cotidianos (06/11)

- Iniciar com uma música (“Uma história” – Palavra Cantada).

- Momento da contação: contar a história “Das crianças Ikpeng para o mundo” com o apoio do livro. Depois conversar sobre a história e sobre o imaginário que as crianças têm a respeito dos povos indígenas. Durante a conversa oferecer beiju para elas experimentarem.

- Fazer uma viagem pelo Google Earth tendo como ponto de partida a escola e destino final a aldeia Ikpeng. Exibir a produção audiovisual que acompanha o livro.

- Exercício narrativo: pedir para que as crianças escrevam uma carta em resposta às crianças Ikpeng contando como é seu cotidiano, suas brincadeiras. Para motivar a escrita das cartas lançar a seguinte pergunta: se vocês fossem personagens de um livro como vocês se descreveriam?

11º. Encontro - Despedida (13/11)

- Iniciar com uma música (“Uma história” – Palavra Cantada).

- Momento da contação: contar a história “O menino que Darwin levou de volta para casa”. A contação será dividida entre mim e a Larissa. Terão dois panos de fundo representando o cenário em que a história acontece (Ilha – pano preto com estrelas / Cidade – pano cinza com casas e prédios). Passar durante a contação um botão de madrepérola. Conversar sobre a história e sobre todas as histórias que foram contadas ao longo das oficinas. Perguntar qual mais gostaram. Mostrar algumas gravações feitas em áudio durante as oficinas.

- Depois, oferecer às crianças um lanche festivo com comidas que elas gostam muito (cachorro-quente e nega-maluca). Após o lanche, enquanto as crianças estão no intervalo preparar a sala para a parte final das oficinas: montar cantinhos temáticos onde serão expostos os livros, objetos e outros elementos utilizados nas contações, além das produções feitas pelas crianças.

- Exercício narrativo final: ao retornarem do intervalo as crianças irão percorrer os cantinhos temáticos e ao final do percurso sortear do baú 4 elementos que foram trabalhados ao longo das oficinas (lugar – desenhos, palavras – palavras inventadas, sensações – escritas no pedaço de papel, personagem – cartas). Estes elementos poderão auxiliar na construção da sua história, se assim desejarem. Por fim, pedir para que escrevam a sua própria história, lembrando que estas irão compor um livro da turma.

APÊNDICE D - Glossário de palavras inventadas

- CRINIGU – grilo pernudo
CLIMALEMOVE – clima estranho
CEPAGUQUEDI – fogo de artifício
BELAUTALI – uma matéria
REASDETITE – resfriado muito forte que as pessoas têm que ir para o hospital
MACACOBOMA – raça de macaco
ANIGASORO – soro amigo
FECRAUSAXU – doença muito grave
GRAOSOBABE – grão de babeos
PACOBILAZA - raça de cachorro
SEDASEIAFO – língua chinesa
DAIAQUIDAMO – um “oi” só que em língua de monge
REABEBROÃO - nova marca de canga de saída de praia
CACHA DE RABU – caixa com um rabo de cavalo
PA E BALI – uma pá e uma bola
MERALEBRAGE – bem-lembrado
TONAGADOFE – tona do gado que tem fé
COVIMOPAQUE – uma brincadeira
CLIOLIFAOS – xarope muito, muito forte para fazer uma pessoa que não anda voltar a andar
TUAMAPECI – pessoa científica